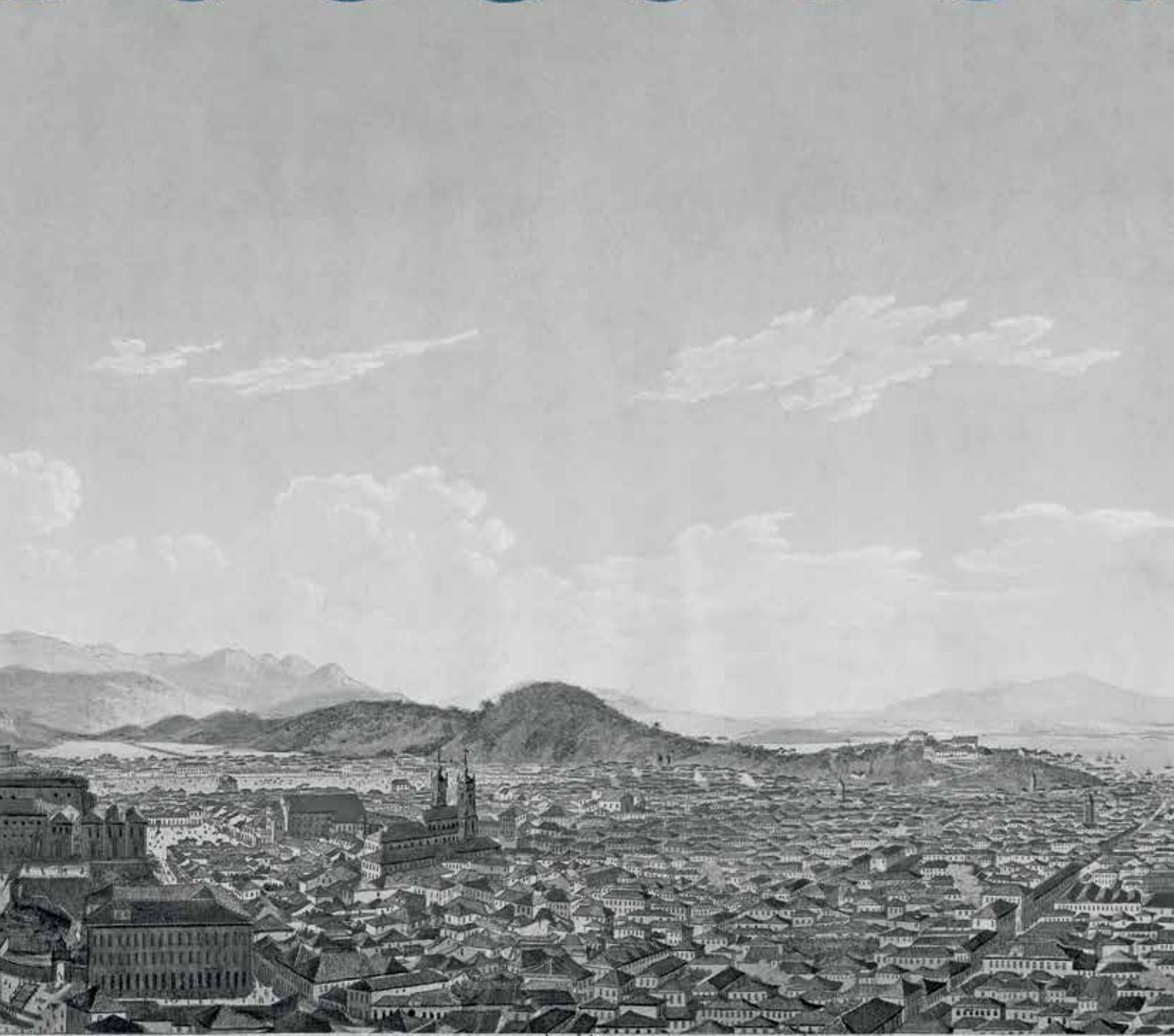


FRANÇA BRASIL

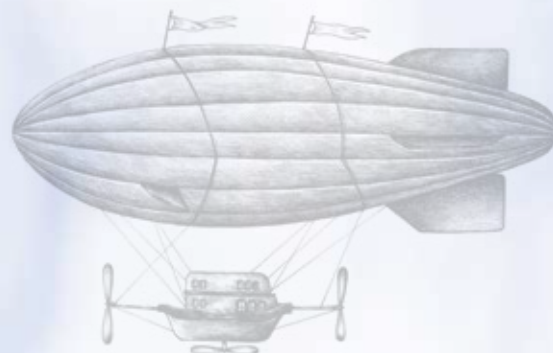
2  0 anos

de relações políticas e poéticas



FRANCA
BRASIL
200 anos

de relações políticas e poéticas



Organização



MINISTÉRIO DAS
RELAÇÕES
EXTERIORES

MINISTÉRIO DA
CULTURA



Apoio



Patrocínio



Cultura

Realização



BIBLIOTECA NACIONAL

MINISTÉRIO DA
CULTURA





FRANCA BRASIL 200 anos

de relações políticas e poéticas





ÉVENTAIL-PROGRAMME

SOUVENIR

DE LA

KERMESSE FRANÇAISE

DONNÉE PAR LA COLONIE FRANÇAISE

A U

JARDIN PUBLIC

18 84

França-Brasil: um sentimento atlântico

La mer toujours recommencée. – Paul Valéry

Quando penso nas relações entre o Brasil e a França, volto às memórias de Joaquim Nabuco, a partir de um laço profundo e afetivo do memorável *Minha formação*:

“Às vezes me distraio a pensar que povo eu salvaria, podendo, se a humanidade se devesse reduzir a um só. Minha hesitação seria entre a França e a Inglaterra [...] Entre a França e a Inglaterra, porém, fico sempre incerto. O meu dever seria, talvez, socorrer a França. ‘Se madame Récamier e eu estivéssemos a nos afogar, qual de nós duas o senhor salvaria?’, perguntou uma vez madame de Staël ao seu amigo Talleyrand. ‘Oh! Madame, vous savez nager.’ A Inglaterra, também, sabe nadar.”

No mar ocidental de Joaquim Nabuco, e nas demandas culturais de tantas gerações de brasileiros, a França emerge no plural de suas vozes. No teatro de Artaud e Molière, na poesia de Valéry e Baudelaire, de Claudel e Bonnefoy. Entre a filosofia de Sartre e Descartes, a pintura de Balthus e Monet, a prosa ardente de Rabelais e Perec, o cinema de Renoir e Cocteau, a etnografia de Mauss e Lévi-Strauss, a história de Febvre e Marc Bloch, as composições de Satie e o hip-hop.

Aqui me detenho, incapaz de traduzir a França singular e multiétnica, seu território fluido e poroso, no qual se inscrevem igualmente as potências formidáveis da francofonia.

Mas há também a contraparte: todo o fascínio que o Brasil exerce sobre o país de Balzac, desde os tempos da França Antártica e Equinocial. A inspiração das páginas de Claudel e as partituras de Milhaud, a legião de leitores de Clarice, Machado e Guimarães. Os fãs de Tom Jobim e Villa-Lobos, Chico, Gil e Caetano, e as vozes afro-brasileiras que nos unem.

Penso em Blaise Cendrars, autor franco-suíço de *Etc... etc...* (*um livro 100% brasileiro*), que considerava o Brasil uma *segunda pátria espiritual*, ou quando buscava descrever a baía da Guanabara, em todas as suas linhas

AO LADO:

MARTIN, Jules. *Éventail-programme Souvenir de la Kermesse Française donnée par la Colonie Française au jardin Public.* [S.l.: s.n.], 1884. 1 cartão (2 p.), litograv., col., 27,7 x 20,9 cm.

**Acervo Fundação
Biblioteca Nacional**

“scintillantes qui convergent et se nouent comme une torsade de perles lumineuses au cou d’une déité indienne, autour du sombre du majestueux piton du Pain de Sucre.”

Mas como não lembrar, agora por motivos estratégicos e geopolíticos, do livro interessante de Marco Morel, a partir de documentos esquecidos, rascunhos e projetos suspensos, intitulado: *O dia em que Napoleão quis invadir o Brasil. Os planos secretos que poderiam ter mudado a história do Novo Mundo*. O condicional se ilumina o processo histórico, atenuando a ideia de um destino irrevogável.

Seja como for, motivos não faltam para celebrar nossos quinhentos anos de proximidade e convergência cultural.

Tudo isso vive na memória de nosso acervo, nas coleções raras e preciosas da FBN. Eis a razão pela qual nossa instituição aparece nos *Atos adotados por ocasião da visita ao Brasil do Presidente da França, Emmanuel Macron - 28 de março de 2024*: “iniciativas de cooperação entre a Fundação Biblioteca Nacional do Brasil e a Biblioteca Nacional da França”

As relações entre nossas bibliotecas nacionais refletem e renovam os laços culturais que regem a diplomacia do livro, desde o acordo assinado em 2009 por ocasião do projeto “A França no Brasil”, quando se reuniram, no portal web de nossos respectivos acervos, documentos virtuais de altíssimo relevo.

Hoje, em novembro de 2025, a FBN e a BNF firmaram um acordo mais profundo e abrangente, centrado nas novas tecnologias, numa agenda sem precedentes, em conceitos transversais e interativos.

O primeiro fruto do acordo é a presente exposição dos 200 anos das relações diplomáticas entre o Brasil e a França. Inaugurada no âmbito do Rio Capital Mundial do Livro, esse evento conta com o apoio de

instituições representativas, como a Prefeitura do Rio de Janeiro, o Institut Français, a Embaixada da França, o Instituto Guimarães Rosa e o Itamaraty.

A curadoria tripartite revela, na escolha dos objetos, na estrutura semiótica e na moldura expográfica, o diálogo bem-sucedido entre Armelle Enders (Paris 8), Giselle Venancio (UFF) e Mônica Carneiro Alves (FBN). Importante destacar o sentimento geral dessa reunião de saberes, quando a curadoria se interroga:

“As relações franco-brasileiras são resultado de afinidades especiais forjadas pela história e pela geografia, ou essa suposta especificidade é apenas retórica e clichê? Elas diferem das relações que o Brasil e a França mantêm com outros países ou áreas culturais? Sempre que possível, a exposição buscará ampliar o escopo do confronto face a face e optará por uma perspectiva transnacional, incorporando outros atores ou outras áreas.”

Uma série de questões em aberto convida à reflexão, a um percurso de proximidade e empatia, segundo uma abordagem crítica e lúdica, serena e sensível.

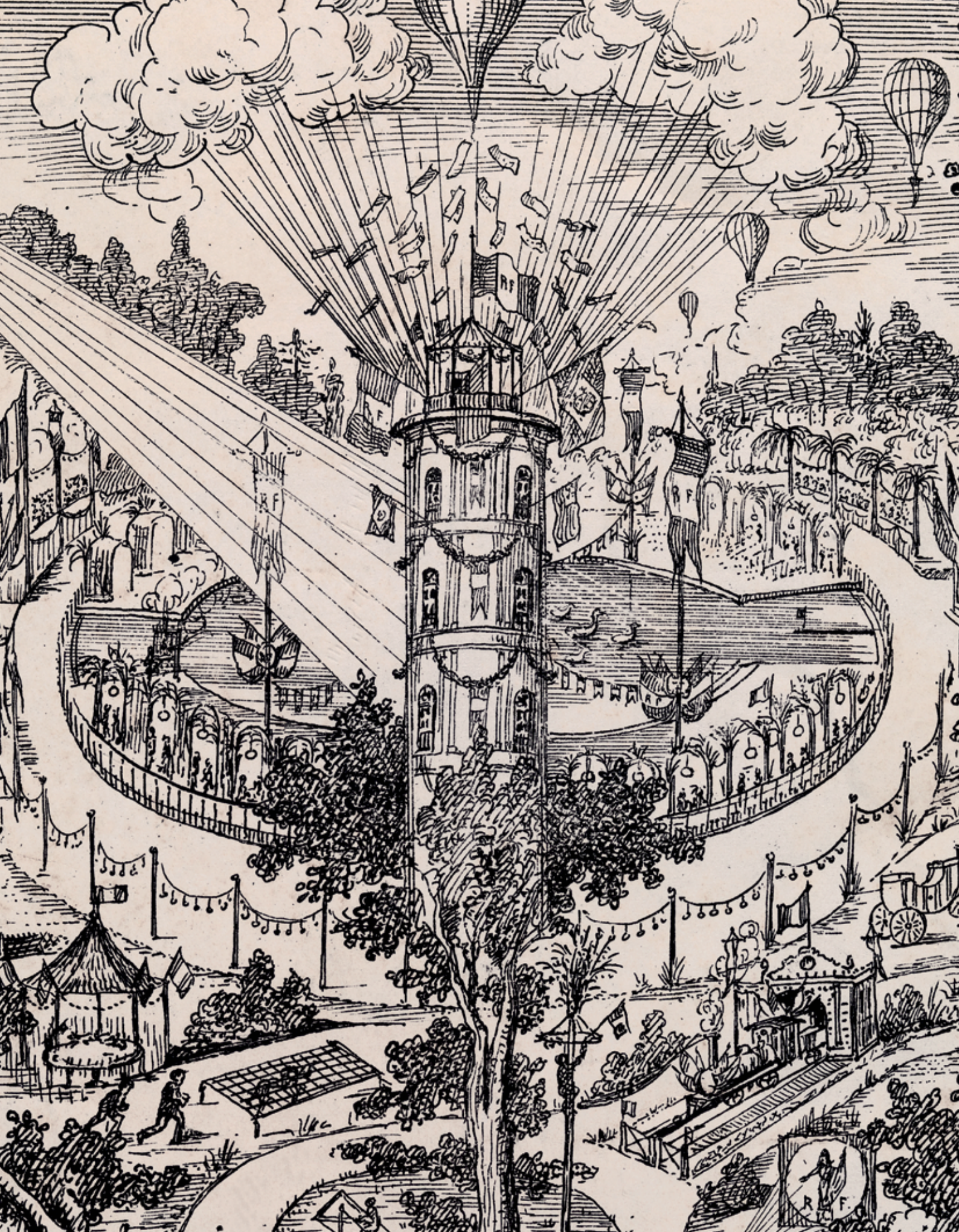
Sete seções, ou capítulos, com ênfase na economia das relações, nos duetos dinâmicos e descentrados, intensos e extensivos, sob o critério de infinitas adesões. *Cruzamento* é a palavra de ordem, o leitmotiv, a ideia recorrente, a delicada rede que compõe o imaginário, as trocas simbólicas, as metáforas de um diálogo produtivo.

Agradecemos às equipes da FBN e da BNF, cujas siglas formam um palíndromo espelhado, entre coincidência e destino.

Possam todos cumprir: na soma dos saberes e da aliança dos povos – o sentimento atlântico de Joaquim Nabuco, de um mar que sempre recomeça.

Marco Lucchesi

PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL



Em outubro de 1825, o rei Carlos X enviou uma carta ao seu “querido irmão e primo, o imperador do Brasil”, Dom Pedro I, e enviou-lhe um plenipotenciário. Esse ato marcou o início das relações diplomáticas entre a França e o Brasil. Relações que se revelaram ricas, frutíferas, densas e prolíficas, tanto no plano cultural, artístico, econômico, humano, acadêmico quanto científico.

Embora muitos viajantes franceses tenham visitado o Brasil desde o século XVI, foi somente em 1816, com a chegada ao Rio de Janeiro de uma missão artística liderada por Jean-Baptiste Debret, que laços culturais sólidos foram estabelecidos entre nossos dois países. Muitos seguiram seu exemplo, atraídos e fascinados pelo Brasil, ao mesmo tempo próximo e distante, diversificado e exuberante. É claro que não podemos citar todos, mas alguns nomes se destacam. A grande atriz Sarah Bernhardt, que fez três turnês pelo Brasil (1886, 1895 e 1903); o diplomata e escritor Paul Claudel, em missão no Rio durante a Primeira Guerra Mundial, acompanhado na sua embaixada pelo grande compositor Darius Milhaud; Blaise Cendrars, que tirou de sua viagem em 1924 “Le Brésil, des hommes sont venus” (O Brasil, homens vieram); Claude Levi-Strauss, que participou, ao lado de Roger Bastide, Fernand Braudel e Pierre Monbeig, da criação da Universidade de São Paulo; e tantos outros que participaram generosamente do fortalecimento dos laços que nos unem.

Essa história comum, baseada na admiração e no respeito mútuos, não está isenta de algumas nuvens: desacordos sobre a questão da escravidão em meados do século XIX, a soberania sobre o Amapá no final do século XIX, a briga sobre a pesca da lagosta no início dos anos 1960 ou ainda o acolhimento de exilados políticos em território francês durante os tempos sombrios da ditadura. No entanto, sempre soubemos superar essas divergências para nos concentrarmos no essencial: a constatação de que nossas relações eram mutuamente benéficas, portadoras de ideias inovadoras e projetos ambiciosos.

É tudo isso que esta exposição retrata, graças ao trabalho extraordinário das duas curadoras, às quais gostaria de prestar uma calorosa homenagem.

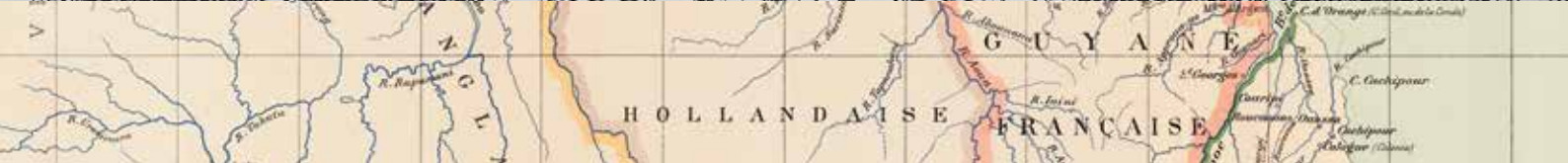
Emmanuel Lenain

EMBAIXADOR DA FRANÇA NO BRASIL

AO LADO:

MARTIN, Jules. *Éventail-programme Souvenir de la Kermesse Française donnée par la Colonie Française au jardin Public*. [S.l.: s.n.], 1884. 1 cartão (2 p.), litograv., col., 27,7 x 20,9 cm. (detalhe verso)

**Acervo Fundação
Biblioteca Nacional**



Sumário

I2 Apresentação

I4 Os franceses na independência do Brasil

20 Olhares cruzados

32 Vizinhança

42 Embates e debates

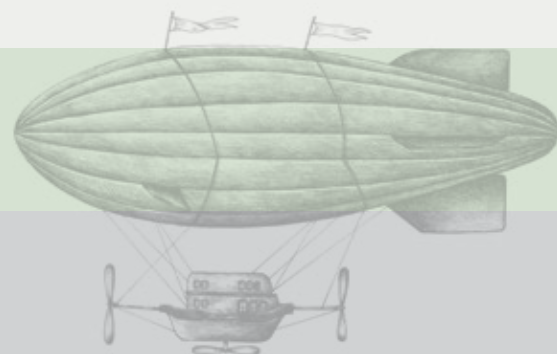
52 Espiritualidades

58 Linguagens

76 Ciência e tecnologia

IO2 Referências bibliográficas

IO6 Version française



A Temporada Cruzada França Brasil 2025 foi uma oportunidade para celebrar o bicentenário das relações diplomáticas entre os dois Estados, cabendo à exposição apresentada na Fundação Biblioteca Nacional, da qual este catálogo é testemunho, fazer uma retrospectiva de duzentos anos de histórias cruzadas, experiências e lutas compartilhadas.

Em 1825, o reconhecimento por Portugal da independência e soberania do Império do Brasil abriu caminho para o estabelecimento de relações diplomáticas entre o novo Estado e as monarquias europeias, entre elas o reino da França. Muitos homens e mulheres – viajantes, exilados, migrantes – não esperaram por essa oficialização para atravessar o Atlântico nos dois sentidos e fazer circular palavras, ideias e conhecimentos.

Em duzentos anos, a França e o Brasil, ambos tornados republicanos, mudaram profundamente, assim como o mundo em que evoluíram e seu peso respectivo na cena internacional. Um único dado basta para esclarecer essas mudanças: em 1825, o rei Carlos X e o imperador D. Pedro I contavam respectivamente com 32 milhões e 4 milhões de súditos. Em 2025, o Instituto Nacional de Estatística e Estudos Econômicos (Insee) contabiliza 69 milhões de habitantes na França e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) estima em 213,5 milhões os do Brasil.

Mais do que uma simples comemoração, a exposição e sua tradução neste catálogo – concebidos por uma dupla franco-brasileira de historiadoras – convidam à reflexão sobre a realidade e a natureza dessas afinidades tão celebradas entre a França e o Brasil, sem omitir as sombras, as divergências e as asperezas que puderam pontuar sua relação, pois a história, como abordagem das ciências humanas e sociais, é um exercício de lucidez.

Esta viagem através do tempo não segue uma linha cronológica, mas propõe uma navegação de tema em tema, ao longo das trocas franco-brasileiras. Está muito longe de esgotar a sua riqueza; apresenta muitas lacunas que resultam da necessidade de fazer escolhas ou da ausência de documentos disponíveis. Cada um dos temas selecionados poderia dar origem a uma exposição completa. Além disso, a transição da exposição para uma versão impressa obriga a certas transposições. Os inúmeros vídeos, extraídos dos acervos do Instituto Nacional do Audiovisual (INA), e a trilha sonora, composta por canções francófonas emprestadas da MPB ou que evocam o Brasil, e por interpretações brasileiras de clássicos do repertório francês ou que fazem alusão à França,

não são visíveis nem audíveis nesta obra. É preciso tê-los em mente ao folhear estas páginas, pois os refrões populares veiculam não somente a cor do tempo como todo um imaginário que esta exposição visa colocar em perspectiva.

O percurso proposto oferece uma oportunidade de nos conhecermos melhor, de questionar as representações recíprocas, muitas vezes reduzidas a um punhado de tipos sociais e a alguns fantasmas, e de medir suas variações. Ele destaca essa característica única da relação França-Brasil: a existência de uma fronteira terrestre comum, de ambos os lados do rio Oiapoque, na Amazônia, localizada na vanguarda dos imensos desafios que se colocam às sociedades atuais, como o respeito ao multiculturalismo, a defesa da democracia, a busca por uma sociedade mais equitativa, e todas as consequências das mudanças climáticas que foram alvo dos debates em Belém, sede da COP 30, no ano de 2025.

Armelle Enders, Giselle Venancio

CURADORAS



*Au nom de la trè sainte
et indivisible Trinité*

*La Majesté le Roi de France et de
Navarre et La Majesté l'Empereur du
Brésil desirant établir et consolider les
relations politiques entre les deux couronnes
et celle de navigation et de commerce entre
la France et le Brésil, ont résolu de faire
le présent traité d'amitié, de navigation et
de commerce dans l'intérêt commun de leurs
sujets respectifs et à l'avantage réciproque des
deux nations. Par cet acte, La Majesté
le Roi de France et de Navarre, dans son
nom et dans celui de ses héritiers et successeurs,
reconnait l'indépendance de l'Empire du Brésil
et la dignité impériale dans la personne de
l'Empereur Don Pierre premier et de ses
légitimes héritiers et successeurs. Les deux
souverains, d'après ces principes et à cette*

Os franceses na independência do Brasil

Muitos franceses contribuíram, direta ou indiretamente, para a independência do Brasil. Um dos mais famosos deles, o pintor Jean-Baptiste Debret, que chegou em 1816 com a “missão artística francesa”, foi o principal criador da estética, dos símbolos e da iconografia do jovem império, inclusive de sua bandeira. Um ex-oficial francês, Pierre Labatut, passou a servir a D. Pedro I e travou batalhas contra os portugueses na Bahia. Outros se empenharam, por meio de suas redes de contatos na França, em defender a causa da independência do Brasil junto às chancelarias europeias.

O fato é que a aclamação de D. Pedro I, “defensor perpétuo do Brasil e imperador”, representava um problema espinhoso para a França, onde reinava Carlos X, irmão de Luís XVI, guilhotinado em 1793. As monarquias europeias se uniram em uma “Santa Aliança” para impedir qualquer ressurgimento de ideias revolucionárias. Elas interpretavam as independências americanas como rebeliões ímpias contra os soberanos escolhidos por Deus. Os acontecimentos no Brasil foram julgados com ainda mais severidade, pois, nesse reino, o filho usurpou a coroa de seu pai, D. João VI.

A Inglaterra e a França, no entanto, consideravam que a emancipação da América portuguesa era inevitável. Elas desejavam, acima de tudo, substituir a influência e o comércio de Portugal pelos seus, mas, para isso, era imperativo que D. João VI reconhecesse oficialmente a independência do novo Estado e a coroa de seu filho. Isso foi feito com a assinatura do tratado no Rio de Janeiro em 29 de agosto de 1825. A França de Carlos X, que reconheceu a independência do Haiti em abril de 1825, mediante uma forte indenização que originou o endividamento desse país, gostaria de obter do Brasil um tratado tão vantajoso quanto o que a Inglaterra desfrutava e, a partir de outubro de 1825, são normalizadas progressivamente as relações diplomáticas entre os dois governos. O Tratado de Amizade, Comércio e Navegação entre a França e o Brasil foi assinado em 8 de janeiro de 1826.



DEBRET, Jean-Baptiste (Desenhista), 1768-1848. *Voyage pittoresque et historique au Brésil*. Tome troisième. (detalhe).
Acervo Fundação Biblioteca Nacional

AO LADO:
Tratado de 8 de janeiro de 1826. **Archives diplomatiques**

O panorama do Rio de Janeiro exposto em Paris em 1824

O “panorama” é um dispositivo que associa um edifício rotundo a uma vista de 360°, pintada segundo uma técnica muito específica. Atração espetacular e lucrativa, obteve grande sucesso na Europa do século XIX, pois dava ao visitante a ilusão de estar imerso no coração de uma paisagem ou de contemplar uma cidade prestigiosa, como Atenas, Roma ou Jerusalém.

Em 1824, antes mesmo do reconhecimento oficial da independência e soberania do Império do Brasil, foi exposto em Paris o panorama do Rio de Janeiro, realizado pelo mestre do gênero, Guillaume Romny, por iniciativa da família Taunay, que chegou ao Brasil com a “missão artística” de 1816. Nicolas Taunay teria tido a ideia, Félix Taunay forneceu os desenhos e quadros preparatórios, pintados a partir do morro do Castelo. Por fim, Hippolyte Taunay e outro amigo do Brasil, Ferdinand Denis, redigiram uma longa nota explicativa que é uma espécie de guia detalhado do Brasil, de sua história, costumes, fauna, flora e recursos econômicos.

O panorama do Rio de Janeiro transmite ao público parisiense uma imagem tranquila da monarquia brasileira, longe das turbulências das repúblicas da América Hispânica. O panorama faz parte de toda uma propaganda que apresenta o Brasil como um baluarte contra as revoluções

SALATHÉ, Friedrich.
Panorama do Rio de Janeiro
– gravura l.. [S.l.: s.n.], [18--].
1 grav, água-tinta, pb/2º
estado, 16,3 x 99,9 cm;
suporte 25,5 x 108,5 cm.
**Acervo Fundação
Biblioteca Nacional**



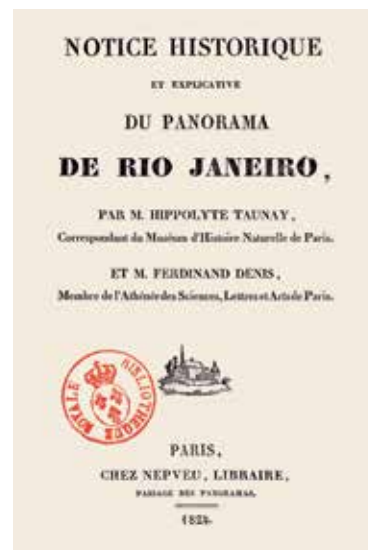
e lhe promete um futuro brilhante. Isso é comprovado por esta citação extraída de um panfleto destinado a acelerar o reconhecimento da independência do Brasil:

"Que aqueles que ainda duvidam do alto destino deste império vão admirar o local e a aparência de sua capital representada em Paris com tanta veracidade e com uma ilusão tão perfeita; que vão para lá em meio a essa multidão de pessoas curiosas que não deixam esse espetáculo admirável sem exclamar: Eis um local digno da metrópole do Universo!"

A independência do Império do Brasil apresentada aos monarcas europeus, por M. Alphonse de Beauchamp, "historiador do Brasil", Paris, Delaunay, 1824.

O que a crítica e o público retêm desse espetáculo é a beleza da baía do Rio de Janeiro e seus curiosos morros, e não o interesse, considerado fraco, pela cidade e suas construções.

Uma vez terminada a exposição, o "Panorama do Rio de Janeiro" foi destruído, o que era prática habitual para essas obras efêmeras, mas o pintor e gravador suíço Friedrich Salathé (1793-1858) deixou este testemunho: percebe-se que as duas extremidades da gravura se unem, a igreja da Glória aparece na extremidade esquerda do quadro, enquanto o Pão de Açúcar é representado na extremidade direita.



Notice historique et explicative du panorama de Rio Janeiro [Texte imprimé], par M. Hippolyte Taunay,... et M. Ferdinand Denis,..., 1824. Arquivo BNF





[LABATUT]. [S.l.: s.n.].
1 reprod., p&b, 6,5 x 6,5 cm
(redondo) em papel
15 x 10,5 cm. **Acervo**
Fundação Biblioteca
Nacional

Pierre Labatut (Cannes, 1796 – Bahia, 1849).

A biografia de Pierre Labatut é envolta em mistério, especialmente seus anos de formação, e repleta de controvérsias. Após participar das guerras da Revolução e do Império Napoleônico, ele se mudou para a América e se juntou às forças armadas de Simón Bolívar antes de colocar seus talentos militares a serviço da independência do Brasil. Ele obteve vitórias na Bahia contra o exército português e participou de várias campanhas, mas sua reputação de brutalidade, suas exações e talvez suas convicções republicanas fizeram com que fosse várias vezes desonrado e preso.

“Uma amizade perpétua”

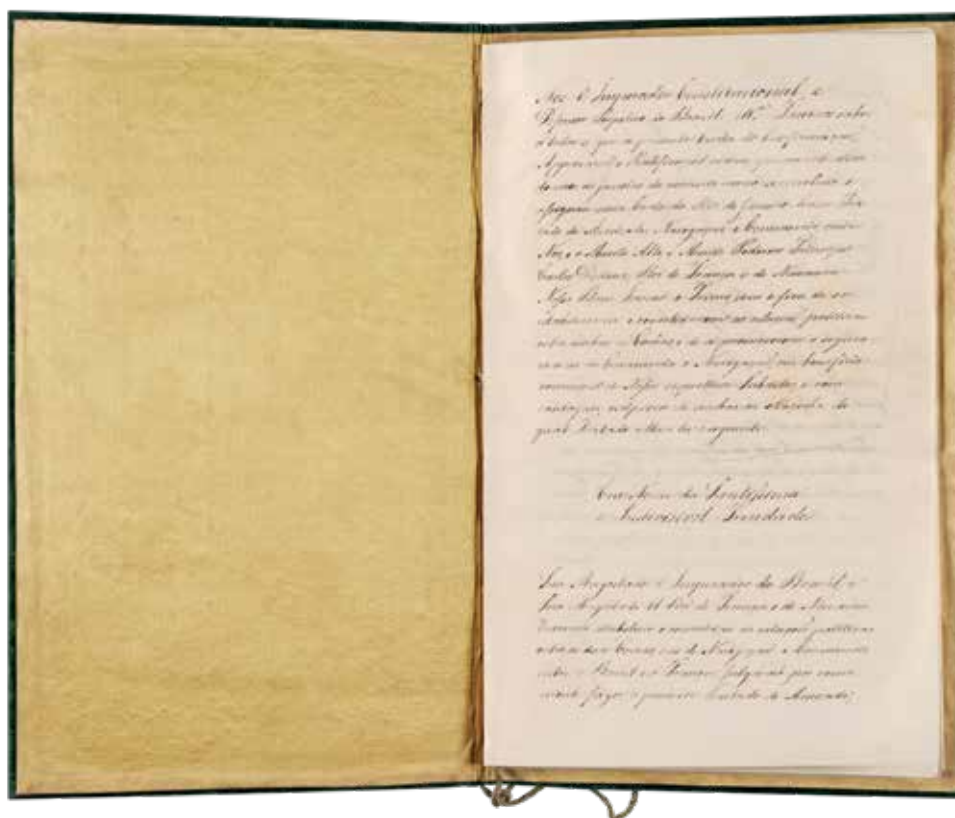
O *Tratado de Amizade, Comércio e Navegação* do 8 de janeiro de 1826, assinado “Em nome da Santíssima Trindade Indivisível” entre Sua Majestade Muito Cristã, o Rei da França e Navarra, e Sua Majestade, o Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo do Brasil, consolida o reconhecimento da independência do Brasil e da dignidade imperial de D. Pedro e seus sucessores pela França.



Tratado de 8 de janeiro
de 1826. **Archives**
diplomatiques

ARTIGO PRIMEIRO

“Haverá paz constante, e amizade perpétua entre Sua Majestade o Imperador do Brasil e Sua Majestade El Rei de França e de Navarra, seus herdeiros e sucessores, e entre seus subditos sem excepção de pessoa ou lugar”



Laços dinásticos

A família imperial brasileira estabelece laços matrimoniais com os filhos e netos de Luís Filipe, duque de Orléans, posteriormente rei dos Franceses (e não “rei da França”) graças à Revolução de 1830 e deposto pela Revolução de 1848. Um dos filhos do rei, François d’Orléans (1818-1900), príncipe de Joinville, casa-se em 1843, no Rio de Janeiro, com Dona Francisca de Bragança (1824-1898), irmã de D. Pedro II. A princesa Isabel (1846-1921) casou-se com um neto do rei Luís Filipe: Gaston d’Orléans, conde d’Eu (1842-1922).



DA ESQUERDA PARA
A DIREITA, EM CIMA:
François d’Orléans,
Príncipe de Joinville; e Dona
Francisca de Bragança,
Princesa de Joinville.

EMBAIXO: Gaston
d’Orléans, Conde d’Eu;
Isabel de Bragança
(Princesa Isabel), Condessa
d’Eu. Arquivo BNF



...e vous laissez pas abuser...
 Le bac vert à bande jaune
 avec paysage Brésilien

CAFÉ
 DES
 PLANTEURS DE SÃO PAULO

EST
 LE SEUL QUI
 CONTIENNE
 RÉELLEMENT
 DU

CAFÉ
 DES
 PLANTEURS DE SÃO PAULO

de plus vendus Brésilien que vous avez pu apprécier
 à nos maisons de distribution:
 Bon Rolando, du Café de São Paulo, 100, 102, 104, 106, 108, 110, 112, 114, 116, 118, 120, 122, 124, 126, 128, 130, 132, 134, 136, 138, 140, 142, 144, 146, 148, 150, 152, 154, 156, 158, 160, 162, 164, 166, 168, 170, 172, 174, 176, 178, 180, 182, 184, 186, 188, 190, 192, 194, 196, 198, 200, 202, 204, 206, 208, 210, 212, 214, 216, 218, 220, 222, 224, 226, 228, 230, 232, 234, 236, 238, 240, 242, 244, 246, 248, 250, 252, 254, 256, 258, 260, 262, 264, 266, 268, 270, 272, 274, 276, 278, 280, 282, 284, 286, 288, 290, 292, 294, 296, 298, 300, 302, 304, 306, 308, 310, 312, 314, 316, 318, 320, 322, 324, 326, 328, 330, 332, 334, 336, 338, 340, 342, 344, 346, 348, 350, 352, 354, 356, 358, 360, 362, 364, 366, 368, 370, 372, 374, 376, 378, 380, 382, 384, 386, 388, 390, 392, 394, 396, 398, 400, 402, 404, 406, 408, 410, 412, 414, 416, 418, 420, 422, 424, 426, 428, 430, 432, 434, 436, 438, 440, 442, 444, 446, 448, 450, 452, 454, 456, 458, 460, 462, 464, 466, 468, 470, 472, 474, 476, 478, 480, 482, 484, 486, 488, 490, 492, 494, 496, 498, 500, 502, 504, 506, 508, 510, 512, 514, 516, 518, 520, 522, 524, 526, 528, 530, 532, 534, 536, 538, 540, 542, 544, 546, 548, 550, 552, 554, 556, 558, 560, 562, 564, 566, 568, 570, 572, 574, 576, 578, 580, 582, 584, 586, 588, 590, 592, 594, 596, 598, 600, 602, 604, 606, 608, 610, 612, 614, 616, 618, 620, 622, 624, 626, 628, 630, 632, 634, 636, 638, 640, 642, 644, 646, 648, 650, 652, 654, 656, 658, 660, 662, 664, 666, 668, 670, 672, 674, 676, 678, 680, 682, 684, 686, 688, 690, 692, 694, 696, 698, 700, 702, 704, 706, 708, 710, 712, 714, 716, 718, 720, 722, 724, 726, 728, 730, 732, 734, 736, 738, 740, 742, 744, 746, 748, 750, 752, 754, 756, 758, 760, 762, 764, 766, 768, 770, 772, 774, 776, 778, 780, 782, 784, 786, 788, 790, 792, 794, 796, 798, 800, 802, 804, 806, 808, 810, 812, 814, 816, 818, 820, 822, 824, 826, 828, 830, 832, 834, 836, 838, 840, 842, 844, 846, 848, 850, 852, 854, 856, 858, 860, 862, 864, 866, 868, 870, 872, 874, 876, 878, 880, 882, 884, 886, 888, 890, 892, 894, 896, 898, 900, 902, 904, 906, 908, 910, 912, 914, 916, 918, 920, 922, 924, 926, 928, 930, 932, 934, 936, 938, 940, 942, 944, 946, 948, 950, 952, 954, 956, 958, 960, 962, 964, 966, 968, 970, 972, 974, 976, 978, 980, 982, 984, 986, 988, 990, 992, 994, 996, 998, 1000

en vente pa

CAFÉS DU BRÉSIL

LES
 PLANTEURS
 DE
 SÃO PAULO

Paris.

JE T'AIME

UM "SHOW" QUE DISTRAI E EMOCIONA
 com RAY VENTURA e sua orquestra, MADELEINE ROSAY,
 FERNANDE MONTELS, GRANDE OTELO, HENRI SALVADOR e
 GEORGE HENRY

50 Girls — 25 Boys — 40 músicos.
 No mesmo programa:
 JUAN ARVIZU e HENRY WILSON

HERNANDA DE MENDONÇA — TEL. 26-5554

Urca

FON-FON



COMP. CHIMICA

SARAH

INDUSTRIAL

SABONETE

RUA ALFREDO MARRAS 33

BERNARD

SÃO PAULO



Paris, JE T'AIME

MAURICIO

"SHOW" QUE DISTRAI E EMOCIONA
 com Ray Ventura e sua orquestra, Madeleine Rosay,
 Fernande Montels, Grande Otelo, Henri Salvador e George
 Henry

50 girls — 25 boys — 40 músicos
 atrações o êxito de JUAN ARVIZU e HENRY
 WILSON, MURARO, MARIQUITA FLORES e
 TONIO DE CORDOBA

16: Rentrée de EDU e sua gaita



Olhares cruzados

No século XIX e até a Segunda Guerra Mundial, a França gozava de grande prestígio internacional. As ideias, as artes, a língua e o estilo de vida das elites francesas exerciam forte atração, não apenas no Brasil, mas em muitos outros países.

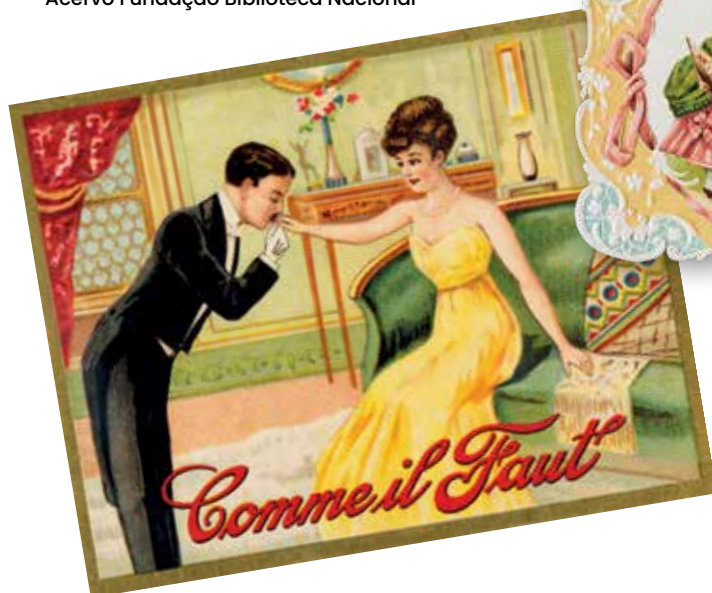
Paris era a “Cidade Luz”, cujo urbanismo suscitava admiração e atraía visitantes (ricos) de todo o mundo por seu dinamismo cultural e sua vida social: “Nós viemos, chegamos de todos os países do mundo/por terra ou por mar/italianos, brasileiros, japoneses, holandeses, espanhóis, romagnolos, egípcios e prussianos (...) /Vamos invadir a cidade soberana, o refúgio do prazer/Corremos, nos apressamos, para conhecer, ó Paris, para conhecer a euforia de seus dias e de suas noites/Todos os estrangeiros encantados, encantados/correm para você, Paris, Paris!”, cantavam em coro os estrangeiros em *La vie parisienne*, a ópera-bufa de Jacques Offenbach.

Para alguns, a França é o país da Revolução e dos ideais republicanos, mas também da ousadia e da vanguarda artística e intelectual, imagem ainda hoje controversa. Outros sentem fascínio pelo requinte e luxo da aristocracia e da burguesia francesas: a moda, a gastronomia, os lazeres e os prazeres. Os industriais e comerciantes franceses se apoiam nessa reputação e a reforçam exportando veludos, jóias e louças preciosas, vinhos de Bordeaux, champanhe, conhaque...



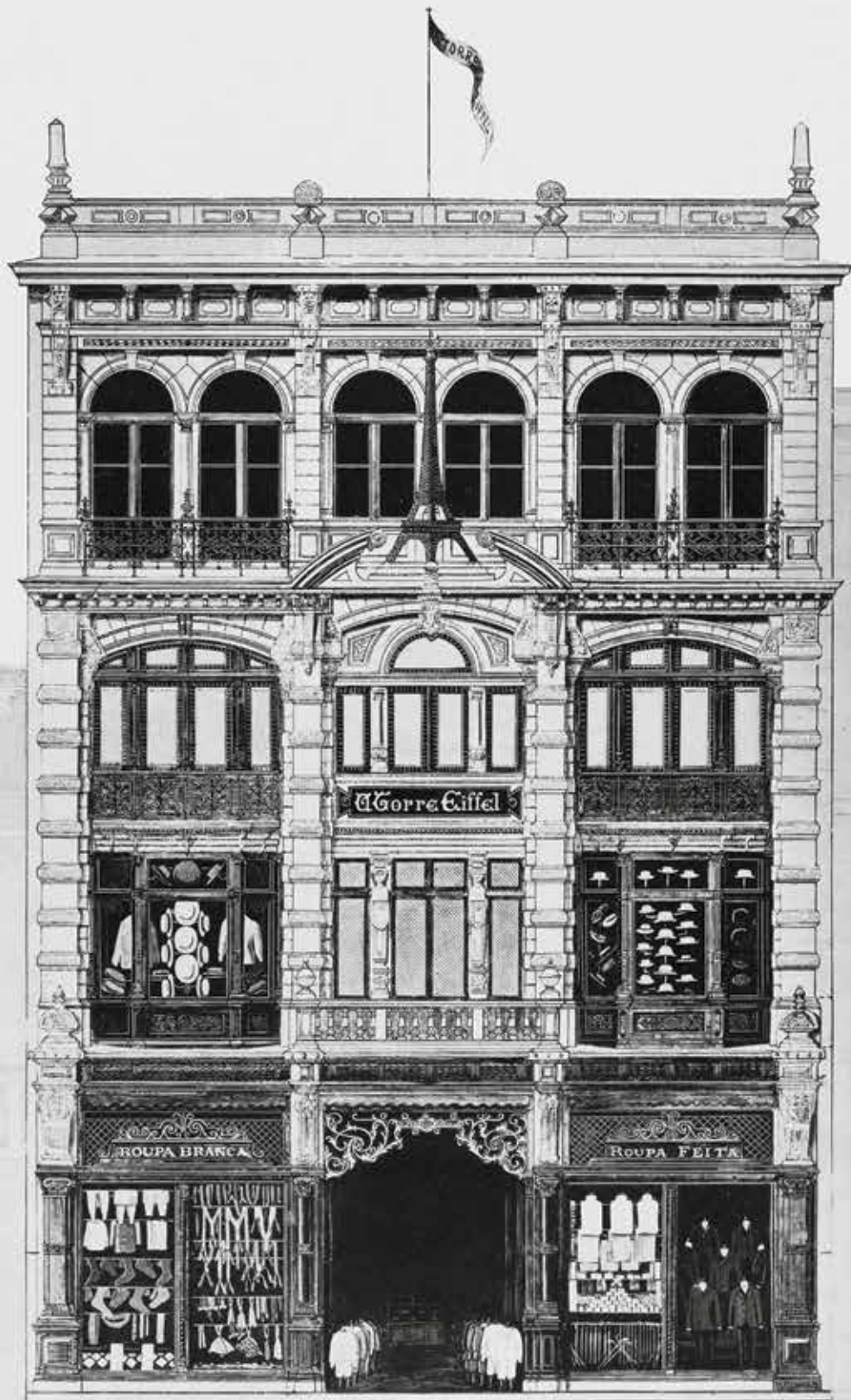
LA JANGADA, huit cents lieues sur l'Amazone, par Jules Verne. Dessins par Benett. De Rotterdam à Copenhague à bord du yacht "Saint-Michel", par Paul Verne. Dessins par Riou. Arquivo BNF

COMME il faut. Rio de Janeiro, RJ:
Companhia Litographica Ypiranga, [19--].
1 rótulo, litograv., color, 7,5 x 9,2cm.
Acervo Fundação Biblioteca Nacional



MONBIJOU: Sabonete Fino. Comp. Chimica Industrial : Sabonete Sarah Bernard. [19--?]. Litografia. 8 x 15,5 cm. Acervo Fundação Biblioteca Nacional

RIO DE JANEIRO



A TORRE EIFFEL



NA PÁGINA AO LADO:

RIO de Janeiro: a Torre Eiffel : [fachada principal da loja : desenho arquitetônico]. Rio de Janeiro, RJ: [s.n.], ca. 1900]. 1 reprod. fotom., p&b, 43 x 30 cm. **Acervo Fundação Biblioteca Nacional**

RIO de Janeiro: a Torre Eiffel : [interior da loja visto de cima]. Rio de Janeiro, RJ: [s.n.], ca. 1900]. 1 reprod. fotom., p&b, 34 x 41,6 cm. **Acervo Fundação Biblioteca Nacional**



RIO de Janeiro: a Torre Eiffel : [interior da loja]. Rio de Janeiro, RJ: [s.n.], ca. 1900]. 1 reprod. fotom., p&b, 34,5 x 42,5 cm. **Acervo Fundação Biblioteca Nacional**



ACIMA: CARETA. Rio de Janeiro: Kosmos, 1908-[1983?]. Semanal. ed. 0877, 1925, pag 33. Madame Madeleine Lacroix modista
Acervo Fundação Biblioteca Nacional

AO LADO: ESTABELECIMENTO da Casa Notre Dame de Paris: Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ: s.n., 19---. 1 cartão, litograv., col., 10,2 x 14 cm.
Acervo Fundação Biblioteca Nacional

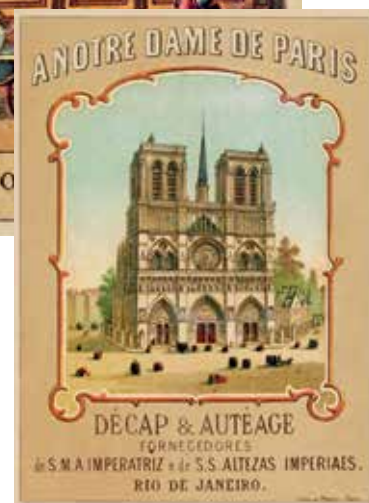
No Brasil dos séculos XIX e XX, nada era mais “chique” do que um nome francês dado a um sabonete, uma bolsa ou um prédio. Essa medalha tem seu reverso: uma reputação persistente de arrogância, sujeira, falta de cordialidade, sofisticação vaidosa e esnobismo também se associava aos franceses.

Durante o mesmo período, do outro lado do Atlântico, o Brasil era visto como um país com futuro, mas por muito tempo foi associado à natureza. Relatos de viagem, ricamente ilustrados, destacavam a grandiosidade da Baía de Guanabara, a exuberância da natureza tropical e uma fauna pitoresca aos olhos europeus. Eles também se detinham longamente nas populações indígenas e, sobretudo, na escravidão, tudo o que parecia ser o oposto da Europa.

No século XX, os anúncios do “café do Brasil” divulgavam todo um discurso sobre o país destinado aos consumidores e completavam, no exterior, a osmose entre o Brasil e sua principal exportação. Logo, era a miscigenação da população e da cultura brasileiras que dominavam o olhar francês e que “a” samba, o carnaval e as vitórias da Seleção

pareciam traduzir com brilho. Tal representação ainda persiste. Porém, na década de 1960, com a bossa nova, a inauguração de Brasília e a expansão para a Amazônia, o Brasil se tornou um destino de sonho.

O Homem do Rio, uma comédia de aventura realizada em 1964 por Philippe de Broca, com Jean-Paul Belmondo e Françoise Dorléac, moldou a imaginação de várias gerações de franceses sobre o Brasil. Essas visões positivas, no entanto, têm um lado mais sombrio: o Brasil, em representações que não são exclusivamente francesas, também é sinônimo de fome, miséria, favelas, fortes desigualdades sociais, violência, desmatamento... O Nordeste do Brasil foi por muito tempo o exemplo típico de uma região do “Terceiro Mundo” – a expressão surgiu em 1952 e deixou de ser usada gradualmente na década de 1970 –,



do “subdesenvolvimento” e do “mal desenvolvimento”. Finalmente, nos anos 2000, o Brasil se impôs como o “país emergente” por excelência, não mais como o “país do futuro”, mas como o país que indica o que pode ser o mundo de amanhã.

Essas imagens, contudo, construíram, por longo tempo, cada um dos dois países como o oposto do outro. A França, particularmente Paris, era o lugar da civilização antiga e da sofisticação; o Brasil, o da natureza, da aventura, do hedonismo. Nas novelas, não é raro que o “vilão” deseje fugir para Paris, como uma manifestação suprema de sua rejeição ao Brasil e a prova definitiva de sua vilania. “Au revoir Brasil” são, assim, as últimas palavras pronunciadas por uma das mais famosas anti-heroínas da televisão brasileira, Odete Roitman, na versão 2025 da famosa novela *Vale Tudo*. Nos romances ou filmes franceses, a partida para o Brasil também significa uma vontade radical de romper amarras e mudar de vida, sem que os personagens sejam necessariamente negativos.

A Notre Dame de Paris: Décap e Autéage. Rio de Janeiro, RJ: [s.n.], 19--?].

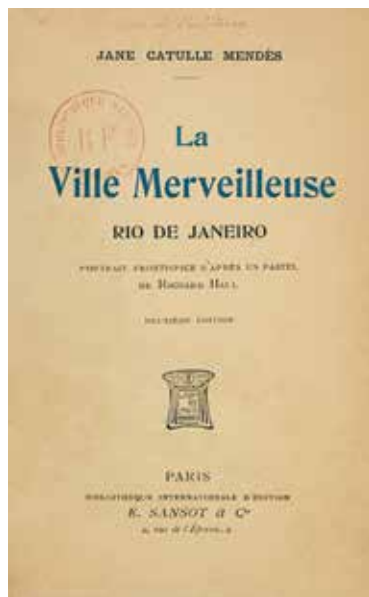
1 rótulo, il., color., 14 x 10,2 cm.

Acervo Fundação Biblioteca Nacional

NO ALTO: ESTABELECIMENTO da Casa Notre Dame de Paris: Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ: s.n., 19--?. 1 cartão, litograv., col., 10,2 x 14 cm.

Acervo Fundação Biblioteca Nacional

Rio, cidade maravilhosa



La Ville merveilleuse,
Rio de Janeiro, poèmes. [2e
édition.], 1912. **Arquivo BNF**

Embora Jeanne Mette (1867-1955), conhecida como Jane Catulle-Mendès, talvez não tenha sido a primeira a descrever o Rio como “a cidade maravilhosa”, o título de sua coletânea de poemas, publicada em 1911, contribuiu amplamente para difundir a expressão, retomada pela marchinha de André Filho (1934) e que se tornou o hino oficial da cidade do Rio de Janeiro. Jeanne Catulle-Mendès é uma poetisa hoje amplamente esquecida, mas desempenhou um papel importante na vida literária parisiense no início do século XX, participando, nomeadamente, da criação do prêmio Femina em 1904 – em reação ao prêmio Goncourt, supostamente misógino –, cujo júri era composto exclusivamente por mulheres. Jane Catulle-Mendès também foi uma grande viajante que permaneceu no Rio de Janeiro entre setembro e dezembro de 1911. O livro *Rio, la ville merveilleuse* contém poemas sobre a cidade, oferecidos a várias personalidades como Pinheiro Machado, Nilo Peçanha, Júlia Lopes de Almeida...

Clichês

Em sua comédia *A Estatua amasonica* (1851), Manuel de Araújo Porto Alegre critica a arrogância dos cientistas e o imperialismo francês, como se vê no prefácio na página ao lado.

PORTO-ALEGRE, Manuel de Araújo barão de Santo Angelo, 1806-1879. *A Estatua amasonica* comedia archeologica dedicada ao Illm. Sr. Manoel Ferreira Lagos vice-presidente do Instituto Historico e Geographico do Brasil, e director da sessão de archeologia e ethnographia brasiliana. [Rio de Janeiro: Typographia de Francisco de Paula Brito, 1851]. [1] f., 88 p., front(ret.), 28 cm. (Bibliotheca guanabarensis). **Acervo Fundação Biblioteca Nacional**

NA PÁGINA AO LADO:
PREFÁCIO de *A Estatua amasonica*



A leviandade da maior parte dos viajantes francezes e a superficialidade com que encaram as cousas que encontram na nossa patria, unidas a um desejo insaciavel de levar ao seu paiz novidades, tem sido a causa desses grandes depositos de mentiras que se acham espalhados por muitos livros daquelle povo, que ás vezes sacrificam a verdade ás facecias do espirito, e o retrato fiel dos usos e costumes de uma nação ao quadro phantastico de sua imaginação ardente, auxiliada frequentemente pela falta de conhecimentos da lingua, e pela crença de que tudo o que não é França está na ultima escala da humanidade.

O Senhor Conde de Castelnau, passando pelo Rio Negro, de volta da sua viagem politico-scientifica, como o disse a ILLUSTRAÇÃO, achou ali uma pedra lavrada ao pé do cunhal de uma casa, e logo vio nella alguma cousa além do ordinario ; e procurou havel-a e envial-a para a França.

Baptisou-se, com a agoa do Sena, o tosco artefacto, e passou a ser uma Estatua do tempo das Amasonas Brasilianas, que como tal figurou na exposição dos objectos por elle levados á França e collocados aos olhos do publico no Laranjal das Tuilleries

O Brasil tem tido a gloria de ser visitado por viajantes francezes dignos de todo o respeito e veneração, como sejam os Senhores Auguste de Saint-Hillaire, Ferdinand Denis e De Bret, que estão longe da classe dos Jacquemonts, Arsennes, Aragos, Suzanets, e outros muitos miseraveis mentirosos, que — *visant à l'effet* — escrevem o que não viram e degeneram o que viram. Aos primeiros é do nosso dever tributar veneração, respeito e gratidão ; mas aos segundos desprezo, e só desprezo.

Se a viagem do Senhor Castelnau está cheia de tantas novidades como as que vimos nos jornaes de Paris, o nobre Conde pode limpar a mão á parede, *como se usa na sua terra*, e procurar outro officio fóra das raiaes de geographo e antiquario.

Aos antiquarios da sua especie, e a esses fabricantes de livros, verdadeiros ciganos litterarios, de que superabunda a capital da França, é recommendada esta comedia, que offereço a V. S. por muitos titulos, além de um constante e provado patriotismo.

É um folguedo litterario, como outros que tenho, nascido nas horas de repouso de occupaões graves e serios estudos : perdoe-me a offerta.

O Rondó do Brasileiro em *La Vie parisienne*

Letra: Henri Meilhac e Ludovic Halévy | Música: Jacques Offenbach

La Vie parisienne (1866), ópera-bufa de Jacques Offenbach (música) e Henri Meilhac e Ludovic Halévy (libreto), ainda simboliza as festas chamativas que caracterizavam a capital francesa durante o reinado de Napoleão III (1852-1870). Esta comédia ridiculariza sua vulgaridade, os “pequenos oficiais” – vigaristas, “cocottes”, demi-mondaines – que gravitam em torno e exploram e roubam o dinheiro dos ricos e ingênuos estrangeiros atraídos pela “cidade luz”. A ária mais famosa é a do “Brasileiro”. Este personagem é um jovem pródigo, um novo rico, que vem se divertir em Paris, gastando conscientemente “tudo o que roubou” no Brasil.

VOULEZ-VOUS accepter
mon bras ? Ronde ou
Brésilien... [Texte imprimé].
Paris : Brandus : Dufour,
(s. d.). 2 ff; In-8°. Arquivo BNF



*Sou brasileiro, tenho ouro,
E chego do Rio de Janeiro
Mais rico hoje do que antes,
Paris, volto novamente!*

*Já vim duas vezes,
Eu tinha ouro na minha mala,
Diamantes na minha camisa,
Quanto tempo durou tudo isso?*

*O tempo de ter duzentos amigos
E amar quatro ou cinco amantes,
Seis meses de embriaguez galante,
E nada mais! Ó Paris! Paris!*

*Em seis meses você me tirou tudo,
E então, para minha jovem América,
Você me mandou, pobre e melancólico,
Delicadamente de volta!*

*Mas eu ardia em voltar,
E lá, sob meu céu selvagem,
Eu repetia com raiva:
Outra fortuna ou a morte!*

*Eu não morri, ganhei
De qualquer maneira, somas absurdas,
E venho para que você me roube
Tudo o que lá eu roubei!
Tudo o que lá eu roubei!
Tudo o que lá roubei
Sou brasileiro, tenho ouro,*

*E chego do Rio de Janeiro
Paris, Paris, Paris
Paris, volto para você novamente!*

*Hurrah, hurrah, hurrah!
Acabei de desembarcar,
Coloquem suas perucas, senhoras!
Viva, viva, viva!
Trago para suas dentaduras
Uma fortuna para mastigar!*

*O pombo está chegando! Roubem, roubem...
Peguem meus dólares, minhas notas,
Meu relógio, meu chapéu, minhas botas,
Mas digam que me amam!*

*Para mim, os jogos de ontem
E as danças cavalheirescas.
Para mim, as noites de Paris,
Levem-me ao baile de Asnières.*

*Saibam disso muito bem
Pois essa é a minha natureza.
Vou aproveitar o meu dinheiro,
Juro-vos.*

*Vou aproveitar o meu dinheiro,
Vou aproveitar o meu dinheiro,
Venham, venham, venham, venham!*

Café do Brasil



CAFÉS du Brésil [Texte imprimé] : [document publicitaire]. Compagnie franco-brésilienne de cafés. Paris, 1929. Non paginé : ill., couv. ill. ; 14 cm. **Arquivo BNF**



A necessidade de valorizar o café, principal produto de exportação do Brasil até a segunda metade do século XX, levou ao desenvolvimento da publicidade voltada para os consumidores. As virtudes estimulantes do café eram apresentadas como indispensáveis à vida moderna. O Brasil assumiu uma espécie de monopólio, tanto em quantidade quanto em qualidade, de modo a desviar os compradores da concorrência. Na década de 1930, os cafeicultores paulistas recorrem aos serviços prestigiados de Alain Saint-Ogan (1895-1974). Este famoso desenhista, especializado em quadrinhos infantis, criou em 1925 a série *Zig et Puce*, que inspirou várias gerações de autores, entre eles Hergé, o pai de Tintim. As aventuras de "Ce bon Monsieur F.B. de São-Paulo" retomam as receitas do sucesso de *Zig et Puce*: humor, um certo absurdo, espírito divertido dos contos... O café do Brasil permite sair das situações mais desesperadoras.

MARIE-CLAIRE (Paris).
[s.n.]/[s.n.] (Lyon), 1938.
Arquivo BNF



Pelé e BB, ícones globais

Pelé, o Rei do Futebol (1940-2022), e Brigitte Bardot (1934-2025), atriz, mas acima de tudo símbolo sexual, foram ambos ícones globais dos anos 1960 e 1970. A notoriedade internacional de ambos os transformou em embaixadores informais de seus respectivos países.

Brigitte Bardot teve uma ligação especial com o Brasil, especialmente com Búzios, onde se refugiou ao lado do namorado Bob Zaguri, entre janeiro e abril de 1964, tentando manter-se longe dos paparazzi, apesar do assédio da imprensa nacional. Foi justamente a presença de Bardot no balneário fluminense que o catapultou para o sucesso, tornando-o um espaço relevante para os turistas no Brasil. Sua visita, contudo, foi marcada também por sua presença em festas na cidade do Rio de Janeiro, momentos testemunhados por ampla cobertura de jornais, revistas, rádio e televisão. Na mesma ocasião, o encantamento da atriz francesa pelo Brasil e sua cultura a levou a gravar “Maria Ninguém”, canção de Carlos Lyra.

Em várias oportunidades, Brigitte Bardot manifestou sua admiração por Pelé. Seu apreço pelo jogador brasileiro levou a atriz, em 31 de março de 1971, a dar o pontapé inicial em uma partida beneficente entre o Santos F.C. um combinado francês (Saint-Étienne/Marseille) em Colombes.

ABAIXO, À ESQUERDA:

O CRUZEIRO. Rio de Janeiro: Empresa Gráfica O Cruzeiro, 1928-1983. Semanal.

Edição 15 de 14/04/1971.

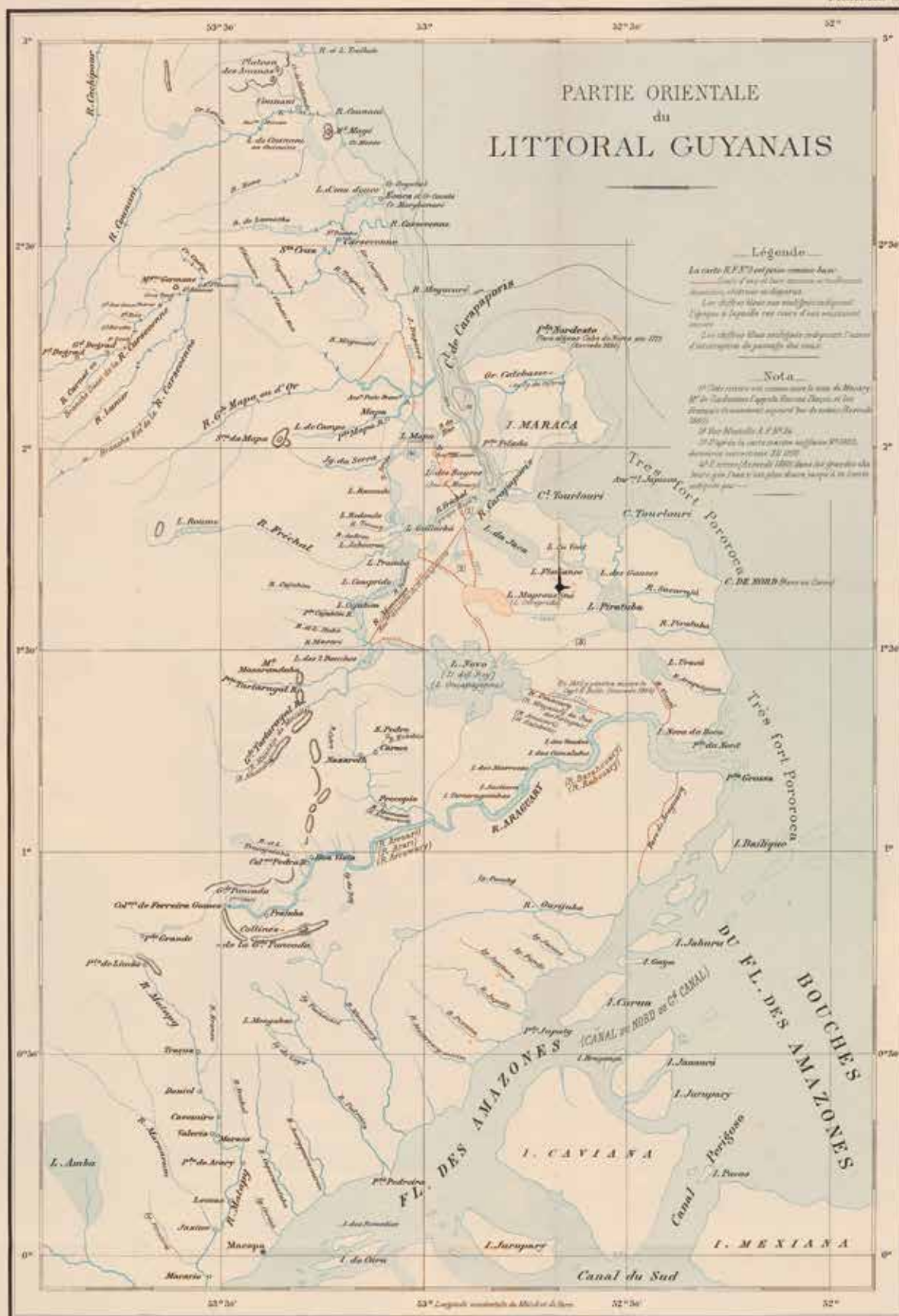
Acervo Fundação Biblioteca Nacional

MANCHETE. Rio de Janeiro: Bloch, 1952-. Semanal.

Edição 650 de 03/10/1964.

Acervo Fundação Biblioteca Nacional





Vizinhança

A grande singularidade da relação entre a República Francesa e o Brasil é a existência de uma fronteira terrestre comum com 730 km de extensão. Uma fronteira muito pequena para o Brasil, mais de dezesseis vezes menor do que a superfície do gigante brasileiro, porém a mais extensa do território francês. Esta vizinhança única entre a segunda economia da União Europeia e o maior país da América do Sul, membro fundador do Mercosul, é destacada para enfatizar as afinidades entre os dois países. A região amazônica é hoje, de fato, um desafio geopolítico global e, desde a segunda metade do século XX, assumiu uma importância que antes estava longe de ter, tanto para o governo brasileiro como para o governo francês.

Antes de ser celebrada, essa proximidade foi durante muito tempo conflituosa e chegou mesmo a causar confrontos sangrentos durante o século XIX. Foi somente em 1900 que a arbitragem do presidente da Confederação Suíça decidiu o litígio, dando razão ao Brasil com base nos argumentos apresentados pelo Barão do Rio Branco, ministro das Relações Exteriores de 1902 a 1912.

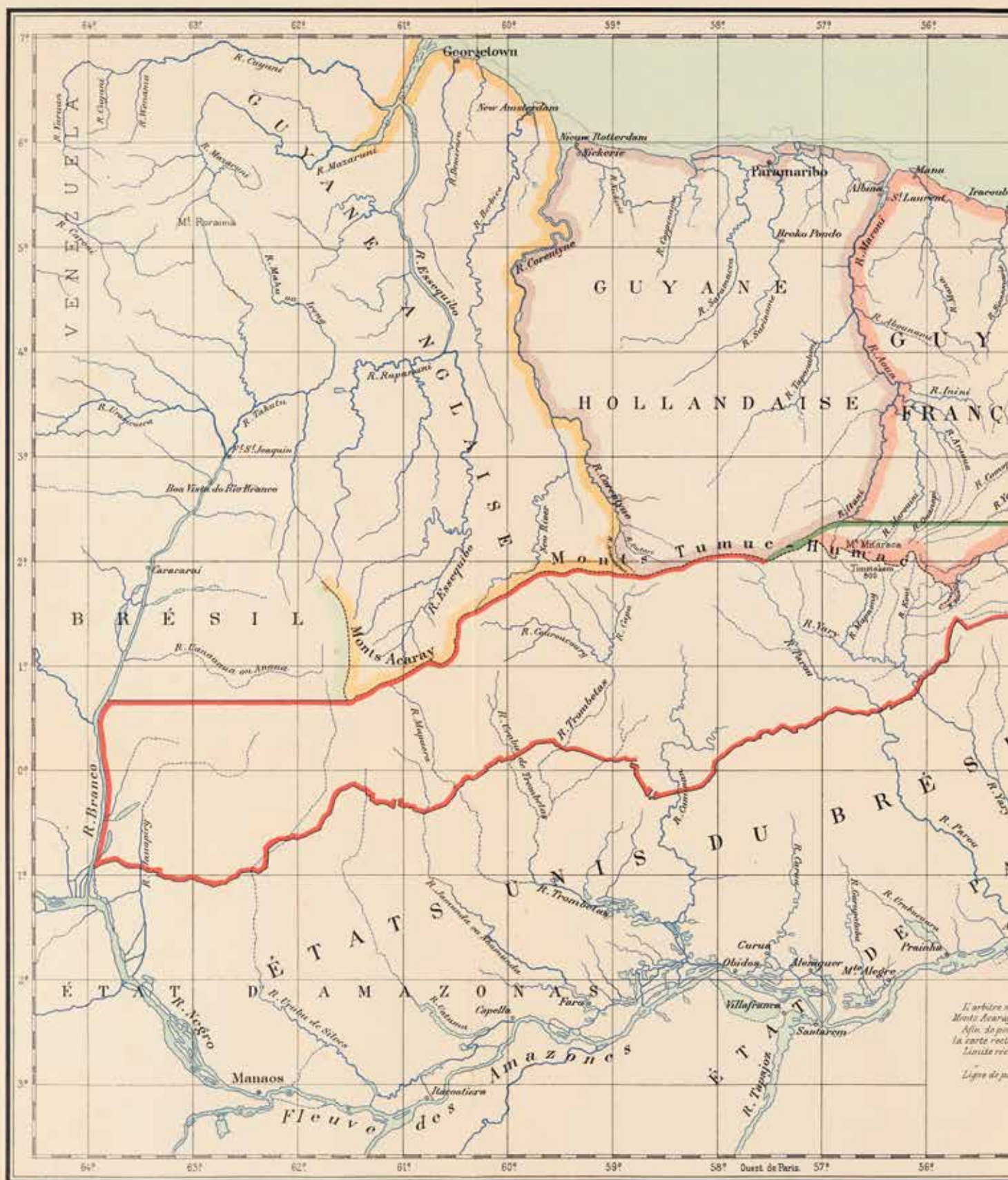
A fronteira franco-brasileira, finalmente fixada no rio Oiapoque, como qualquer limite internacional, distingue duas soberanias, mas é também um local de intercâmbios e circulações. As duas margens do Oiapoque partilham experiências históricas que moldaram a sua sociedade e cultura, como a dominação das populações indígenas, a escravização de pessoas, a colonização e todas as suas consequências sociais e ambientais. Elas enfrentam os mesmos imensos desafios: integração regional, melhoria das condições de vida da maioria dos habitantes, respeito ao multiculturalismo, desenvolvimento que não coloque em risco os ecossistemas e a biodiversidade, combate ao narcotráfico e ao garimpo...

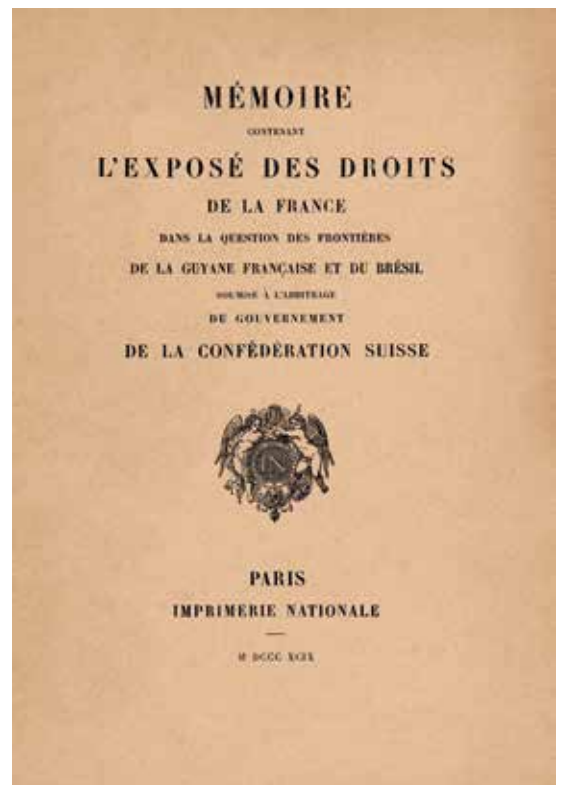
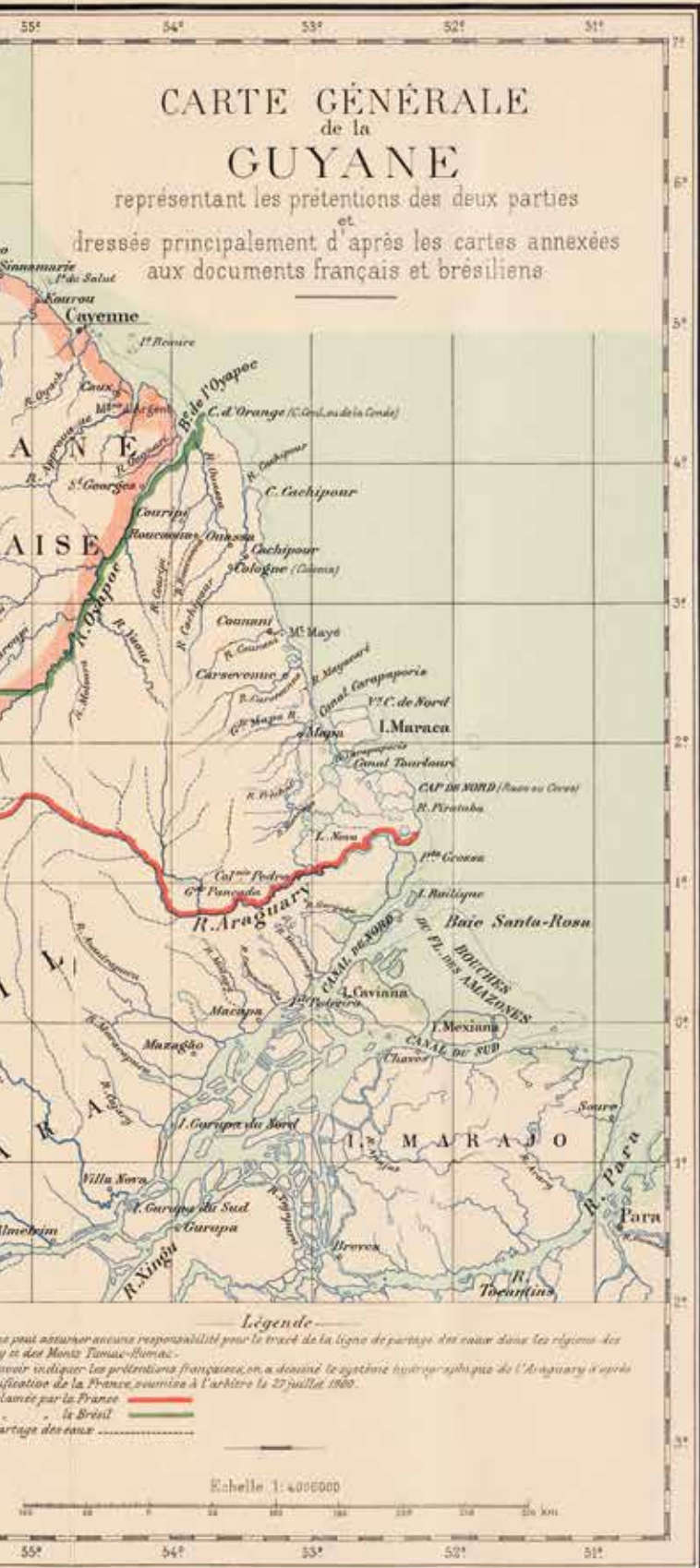
AO LADO:

MÉMOIRE contenant l'exposé des droits de la France: dans la question des frontières de la Guyane Française et du Brésil soumise à l'arbitrage du gouvernement de la Confédération Suisse. Paris: Impr. Nationale, 1899. 2v.: 1 mapa (dobrado), 27cm +. + atlas (35 mapas; 58cm.).
Acervo Fundação Biblioteca Nacional

A Guiana francesa vista do lado brasileiro e a ponte sobre rio Oiapoque.
© Nadège Mézié







MÉMOIRE contenant l'exposé des droits de la France: dans la question des frontières de la Guyane Française et du Brésil soumise à l'arbitrage du gouvernement de la Confédération Suisse. Paris: Impr. Nationale, 1899. 2v.: 1 mapa (dobrado), 27cm +. + atlas (35 mapas; 58cm.). Acervo Fundação Biblioteca Nacional

Uma fronteira disputada

François-Michel Le Tourneau

DIRETOR DE PESQUISA DO CNRS

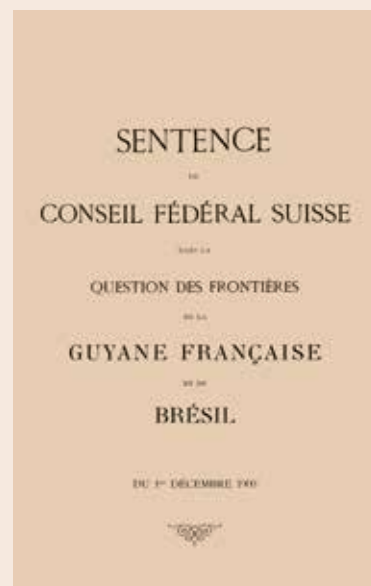
Depois de terem sido expulsos do Rio de Janeiro e do Maranhão pelos portugueses, os franceses começaram a firmar instalações no litoral da Guiana em meados do século XVII. Logo, a questão de onde ficaria a divisa com as possessões de Portugal começou a ser posta.

Em 1700, depois de vitórias na Europa, a França impôs um tratado provisório, no qual Portugal só detinha a posse da margem esquerda do rio Amazonas até 6 léguas de profundidade, o domínio francês começando ao norte desse limite. Pouco tempo depois, o tratado de Utrecht (1713) colocou o limite mais ao norte, no “rio Japoc ou Vicente Pinzon”. Em função da situação da França e de Portugal durante as guerras que aconteceram até 1815, a situação flutuou entre essas duas versões.

A questão não foi resolvida pelos tratados firmados depois da derrota de Napoleão, e ambos países ficaram com a sua interpretação. Tentativas de mediação e negociações aconteceram, e a partir de 1841 a área em disputa foi neutralizada, excluindo presença de oficiais dos dois países. Por seu lado, alguns intelectuais e exploradores franceses apoiaram em 1886 uma efêmera tentativa para criar ali uma entidade independente, a tal “república de Counani”.

A situação mudou drasticamente em 1893-94, quando foi descoberto ouro no Calçoene. Em 1895, uma investida do exército da França na vila de Amapá resultou em mortes em ambos os lados, e, para evitar uma guerra aberta, os dois países resolveram chamar uma arbitragem internacional – um procedimento frequentes nos litígios de fronteira na América do Sul, anteriormente, a França havia convocado uma arbitragem para a sua divisa com a Guiana holandesa em 1892. Elegeu-se a Confederação Helvética com árbitro e as partes apresentaram os seus argumentos.

Do lado do Brasil, o Barão de Rio Branco insistiu em demonstrar a presença dos portugueses na área contestada desde o século XVII e o fato de que o rio apontado pelos tratados era mesmo o Oiapoque. Do lado da França, o geógrafo Paul Vidal de la Blache tentou convencer que o rio Japoc era o Araguari, com argumentos sobre a evolução geomorfológica do curso dele. Baseada na interpretação máxima do tratado de 1700, a posição da França chegava a reivindicar uma zona indo até o Rio Branco (ver mapa a seguir).



Em 1900, a Suíça aceitou a tese brasileira, mas com uma pequena ressalva: em vez de aceitar como fronteira interna (do Oiapoque até o Maroni) uma linha geodésica ao norte do que chamava-se as “montanhas Tumucumaque”, estabeleceu a linha divisória de água entre a bacia do Amazonas e as bacias do Oiapoque e do Maroni.

Fixada teoricamente em 1900, a fronteira demorou a ser materializada e continuou envolvida em mistério por muitas décadas. O marco de tríplice fronteira Brasil/Guiana francesa/Guiana holandesa foi colocado unicamente em 1938, e foi só nos anos 1950 que os trabalhos das Primeira Comissão Brasileira Demarcatória de Limites (CBDL), no Brasil, e do Institut Géographique National (IGN), na França, desvendaram o seu traçado exato, com base em fotografias aéreas e reconhecimentos de campo. Determinou-se a localização da nascente do Oiapoque e o traçado da fronteira ao longo deste, repartindo as ilhas entre França e Brasil. Também determinou-se o traçado da divisa interna até Suriname.

Nesse processo, estabeleceu-se que as “montanhas” descritas pelo explorador Coudreau não eram os “Pireneus da Amazônia”, mas meras colinas com menos de 1000 metros de altitude – o nome de “montanhas de Tumucumaque”, no entanto, ficou. Na década de 1960, sete marcos de concreto foram colocados para materializar a fronteira, e três marcos intermediários foram colocados na década de 90, sendo um em um lugar errado. Em 2015, a expedição “Raid des 7 bornes” percorreu a pé a linha em toda a sua extensão, chegando a sugerir algumas retificações do traçado para adequá-lo à realidade do divisor de águas.

SENTENCE du Conseil
Fédéral Suisse, 1900.
**Acervo Fundação Biblioteca
Nacional**

Octavie Coudreau, exploradora da Amazônia entre a França e o Brasil

Hélène Blais

PROFESSORA DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA, ÉCOLE NORMALE SUPÉRIEURE –
INSTITUT UNIVERSITAIRE DE FRANCE

Foram necessárias várias circunstâncias para que Octavie Renard, nascida em 1867 na região do rio Charente (Oeste da França), professora primária, se tornasse exploradora dos afluentes do Amazonas: primeiro, uma estadia em Paris em 1893, onde conheceu o já famoso Henri Coudreau durante uma conferência na Sociedade de Geografia. Um casamento rápido, no mesmo ano, e, como lua de mel, um convite para acompanhar o marido em uma nova missão de exploração. Henri Coudreau (1859-1899) era então um explorador conhecido, que havia percorrido longamente, desde a colônia francesa da Guiana, os afluentes do Amazonas, o Oiapoque, o Araguari, o Tapajós e ainda o Xingu, em missão para o governo francês. Quando se casou com Octavie, ele acabara de publicar *Chez nos Indiens*, um relato de suas estadias nas comunidades indígenas da Guiana Francesa entre 1887 e 1891. Nessa obra, ele não hesitou em denunciar os efeitos nocivos da colonização francesa sobre os modos de vida tradicionais dos indígenas. Esse ponto de vista não agradou ao governo francês. Rapidamente, o casal Coudreau teve que buscar novos financiamentos. E a situação geopolítica favoreceu a mudança de financiador.

A imensa área que se estende entre o sul da Guiana Francesa e o estado do Pará era então disputada entre o Brasil e a França. A região, com cerca de 300.000 km², aparecia na época nos mapas com a denominação de “Contestada”. Para as autoridades locais de Belém e Manaus, havia interesses econômicos e territoriais em jogo. A bacia do Trombetas, por exemplo, parece rica em possibilidades para a pecuária, o cultivo de cacau ou borracha.

Desde sua primeira missão conjunta, Octavie assume um papel central, ainda mais porque Henri está cansado, doente e inclinado ao álcool. Iniciada pelo marido na cartografia, é ela quem traça os mapas, tornando-se uma das poucas mulheres que assinaram mapas no século XIX. A morte do explorador, em 1899, nas margens do Trombetas, mudou a situação. Octavie se viu, da noite para o dia, como a única mulher e a única europeia a comandar uma pequena equipe de auxiliares, guias, remadores e carregadores. Entre 1899 e 1905, ela realizou seis novas missões de exploração financiadas pelo Estado do Pará, passando longos meses na floresta amazônica.

Dizendo-se “cativa dessa vida que ama” e apesar das dificuldades materiais de suas viagens, Octavie Coudreau, sem assumir posições tão claras quanto Henri contra os males do colonialismo, parece aos poucos se fundir com a floresta, defendendo uma vida “selvagem”.

Sem que se saiba se ela alcançou seu objetivo oficial (arrecadar dinheiro suficiente para levar os restos mortais do marido para a França) ou se os subsídios acabaram, Octavie finalmente retorna à França em 1906 e se retira para sua Charente natal, rapidamente esquecida pela grande narrativa da exploração da Amazônia. Seus relatos de viagem, no entanto, permanecem, testemunhando uma postura singular, entre a França e o Brasil: a de uma exploradora que recusa a feminização da palavra, de uma cidadã francesa a serviço de um projeto de colonialismo interno das autoridades brasileiras, de uma aventureira que frequentemente expressa seu tédio e a monotonia da viagem. Ela confunde as pistas e as categorias, questionando o heroísmo masculino da exploração, bem como o nacionalismo e as ambições estatais sobre os territórios amazônicos.



COUDREAU, Octavie.
Retrato. *Viagem à Itaboca
e ao Itacaiúnas* [Texte
imprimé] / Henri Coudreau;
tradução [por] Eugênio
Amado; prefácio [por] Mario
Guimarães Ferri. São Paulo,
1980. Arquivo BNF



QUINET, Alexandre. *Retrato de Jules Gros*. [Image fixe], circa 1882. **Arquivo BNF**

A “República de Cunani”

O território disputado não era nem francês nem brasileiro até 1900. A região do rio Cunani foi percorrida pelo explorador Henri Coudreau (1859-1899), que a considerou promissora. Garimpeiros se instalaram ali, escravos fugitivos se refugiaram ali (a escravidão foi abolida em 1848 nas colônias francesas). Em 23 de julho de 1886, a “República Independente da Guiana” ou “República do Cunani” foi proclamada por alguns cidadãos franceses. O microestado dotou-se de uma bandeira, um hino e cunhou uma moeda. O jornalista Jules Gros (1829-1891) manifestou o seu apoio e foi nomeado “presidente vitalício”. Nem a França nem o Brasil reconheceram essa independência. O fim da disputa territorial não impediu que outro aventureiro, Adolphe Brézet, mantivesse a ficção de um “Estado Livre do Cunani” de 1904 até à sua morte em 1911.



Passage d'un rapide en Guyane.

GROS, Jules (1829-1891). *Les français en Guyane* [Texte imprimé] / Jules Gros,...; ill. par P. Hercouët et Bassan. Édition: 7e éd. Paris: A. Picard et Kaan, [1887]. **Arquivo BNF**

NA PÁGINA AO LADO:

MARCHE triomphale de Counani [Musique imprimée]: pour piano / par Hilarion de Croze, Paris: Veuve J. lochem, [1890]. 7 p.: couv. ill.; 35 cm. **Arquivo BNF**

Dédiée à Monsieur JULES GROS
Président à vie de la République de la Guyane Indépendante

C.1890



Marche Triomphale DE COUNANI

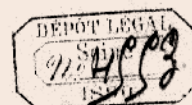
POUR
PIANO
PAR

HILARION DE CROZE

*Membre d'honneur de l'Académie Littéraire et Musicale de France
Chevalier de l'Ordre de l'Etoile de Counani*

Prix: 7^f50

Paris, V^o Jules IOCHEM, Editeur, 48, Rue S^t Placide
Tous droits d'exécution, publique et de reproduction réservés pour tous pays



N. 13970

Manchete

CR\$ 300,00 NY 653-RW DE JANEIRO, 24 DE OUTUBRO DE 1964

EXTRA
A TRIUNFAL
CHEGADA DE
DE GAULLE



Embates e debates

A construção da democracia representativa e do Estado de Direito não é um processo linear, nem no Brasil nem na França. Nos últimos duzentos anos, os dois países passaram por experiências autoritárias, várias mudanças constitucionais e de regime político, na maioria das vezes com violência, e momentos de forte polarização. A França se destaca por sua instabilidade política. No século XIX, foi o país das revoluções: a de 1789, cuja memória permanece viva em todos os republicanos do mundo, mas também as de 1830 e 1848. Em 1851, a Segunda República sucumbiu ao golpe de Estado de Luís Napoleão Bonaparte (Napoleão III). A “Comuna”, uma insurreição parisiense, assumiu proporções de guerra civil em 1871. A França, derrotada em 1940, sofreu quatro anos de ocupação nazista e a ditadura do Estado francês (conhecido como “regime de Vichy”) e, nas décadas de 1950 e 1960, graves crises provocadas pelas guerras coloniais.

O Brasil, contudo, não ficou atrás, seja pelos conflitos internos durante o reinado de Dom Pedro I, pelos diferentes períodos republicanos, pelo Estado Novo ou, mais recentemente, pela ditadura militar.

Essas crises políticas provocaram ondas de exílios para a França ou para o Brasil. Do lado francês, os artistas da “missão francesa de 1816” são refugiados políticos, que vieram em 1816 para servir à Corte do Rio de Janeiro porque eram perseguidos na França da Restauração por suas simpatias bonapartistas. Meio século depois, Victor Frond e Charles Ribeyrolles, dois republicanos, fugiram para o Brasil da repressão de Napoleão III. Durante a Segunda Guerra Mundial, o escritor Georges Bernanos apoiou a França Livre a partir do Brasil e a orquestra de sucesso “Ray Ventura e seus colegas” navegou entre Buenos Aires e Rio de Janeiro para se proteger das perseguições anti semitas.

Do lado brasileiro, a lista de proscritos que escolheram a França é longa. Entre os exilados ilustres, citamos José Bonifácio de Andrada e Silva, na década de 1820, Dom Pedro II, que morreu em Paris em 1891, e a princesa Isabel. O pintor Cícero Dias fugiu do *Estado Novo* para Paris em 1937 e, durante a Segunda Guerra Mundial, tirou da França ocupada o poema *Liberté*, de Paul Éluard, que circulava clandestinamente e que os aviões aliados bombardearam sobre a França.

AO LADO:

MANCHETE. Rio de Janeiro: Bloch, 1952-. Semanal. Edição 653, 24/10/1964 (CAPA). **Acervo Fundação Biblioteca Nacional**



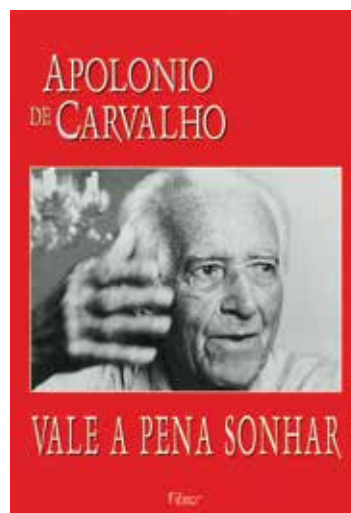
Sérvulo Esmeraldo, Flavio-Shirô, Lygia Clark, Rossini Pérez, Arthur Luiz Piza, Sérgio Camargo. *Portraits Brésiliens*. Paris (Jardin du Luxembourg), 1970.

©Alécio de Andrade

Outro brasileiro, Apolônio de Carvalho, combateu heroicamente na Resistência Francesa. Durante a ditadura militar, cerca de 7.000 brasileiros se refugiaram na França. Entre eles, o geógrafo Josué de Castro, o economista Celso Furtado e o sociólogo Fernando Henrique Cardoso.

A orquestra de sucesso na França dos anos 30, "Ray Ventura et ses Collégiens (e os seus estudantes)", fuge da ocupação nazi para a América do Sul. O violonista, cantor e comediante Henri Salvador (1917-2008) conquista o público e torna-se a estrela da banda.

FON-FON: semanário alegre, político, crítico e esfusiante. Rio de Janeiro: [s.n.], 1907- [1958?]. Semanal. Nº 23, 1944. **Acervo Fundação Biblioteca Nacional**



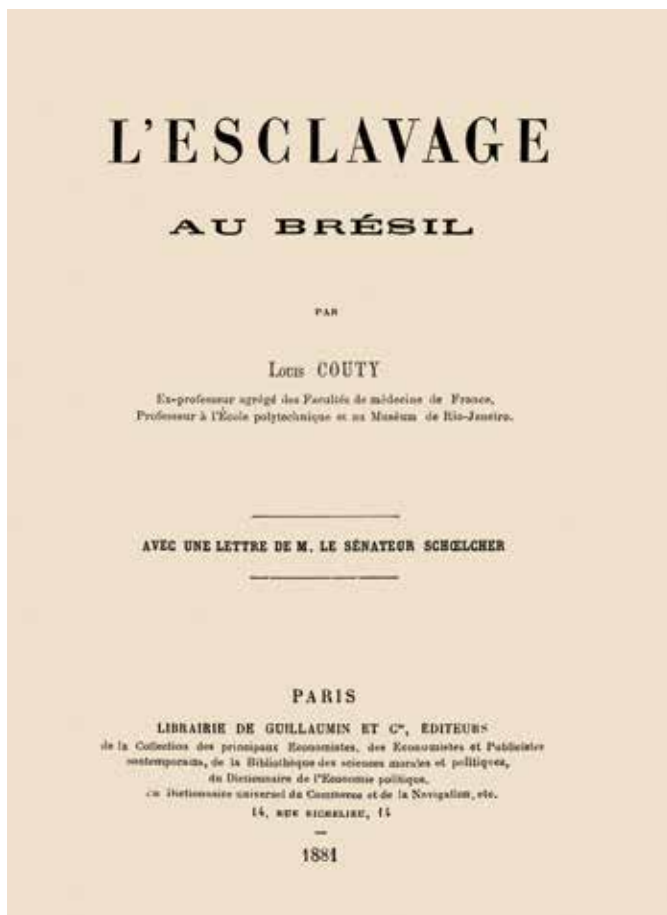
CARVALHO, Apolonio de. *Vale a pena sonhar*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. 257p., [24]p. de estampas, il. **Acervo Fundação Biblioteca Nacional**

A abolição da escravidão no Brasil: um debate entre franceses

Após a Revolução de 1848, Victor Schoelcher, membro do governo provisório, foi o autor do decreto que aboliu a escravidão nas colônias francesas, em 4 de abril deste mesmo ano.

Até o fim de sua vida, Schoelcher militou pela abolição da escravidão e denunciou o Brasil, culpado, em sua opinião, de imobilismo nessa questão e, por essa razão, indigno de fazer parte das nações civilizadas.

Louis Couty, professor de medicina que trabalhava no Rio de Janeiro, tentou convencer Schoelcher da justeza da posição brasileira. Couty se dizia anti escravagista, mas enumerava os argumentos apresentados para manter a instituição no Brasil: a abolição imediata causaria a ruína do país, por falta de mão de obra nas plantações. Couty elogia a sabedoria do governo brasileiro que, segundo ele, transforma os costumes antes de proceder à emancipação, afirma que o Brasil está isento de preconceitos raciais e que os libertos estão totalmente integrados na sociedade.



COUTY, Louis.
L'esclavage au Brésil
par Louis Couty... Avec
une lettre de M. Le
Sénateur Schoelcher.
Paris: Librairie de
Guillaumin et Cie., 1881.
[2]f., 92 p., 22 cm.
Acervo Fundação
Biblioteca Nacional

François-Auguste Biard e a escravidão

Ana Lucia Araujo

PROFESSORA TITULAR DE HISTÓRIA, HOWARD UNIVERSITY (WASHINGTON D.C.)



ILUSTRAÇÕES; F. BIARD.

Deux années au Brésil

[Texte imprimé]. 1862.

Acervo Fundação Biblioteca Nacional

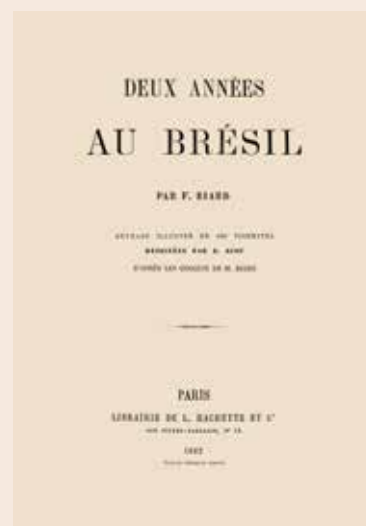
A vinda da dita missão artística francesa ao Brasil em 1816 abriu as portas para a chegada de muitos outros artistas franceses no século XIX. Esse foi o caso de François-Auguste Biard. Nascido em 1799, Biard era um pintor-viajante experiente que já tinha feito expedições ao Ártico e à África do Norte.

Em 1858, dez anos depois da abolição da escravidão nas colônias francesas, Biard decidiu deixar o conforto de sua vida parisiense para se lançar em uma última aventura no Brasil. Homem do seu tempo, Biard era um amante do exotismo e da história natural. Nos dois anos passados no país, o artista visitou a Bahia, o Rio de Janeiro, o interior da província do Espírito Santo e a Amazônia. Voltou a Paris em 1860 e dois anos depois publicou *Deux années au Brésil*, no qual narrou sua viagem ao Brasil. Ricamente ilustrado com 180 gravuras, baseadas em seus desenhos, pinturas e fotografias, nas páginas do livro é possível reconstituir a visão do artista sobre o Brasil, que segundo suas próprias palavras, viajou ao país para ver e pintar as populações indígenas. Por isso Biard ficou decepcionado ao desembarcar na Bahia e ver nas ruas tantos africanos escravizados, assim como seus descendentes nascidos em cativeiro no Brasil.



Retour d'une vente d'esclaves à Rio-de-Janeiro,

Ao chegar ao Rio de Janeiro, Biard estabeleceu relações estreitas com o imperador Dom Pedro II, que o convidou para instalar seu ateliê no Paço Imperial. Biard passou vários meses na capital, pintando retratos da corte. Surpreendeu-se com o fato de que a escravidão era onipresente nas ruas das cidades onde homens, mulheres e crianças escravizadas trabalhavam nas mais variadas atividades, principalmente como escravos de ganho. As gravuras e o texto do livro de Biard mostram claramente que nesse contexto mesmo pessoas não necessariamente ricas encontravam uma maneira de comprar pessoas escravizadas pois possuir escravizados era uma forma de prestígio social. Apesar da crueldade do sistema escravista brasileiro, Biard satirizou a sociedade brasileira, principalmente sua elite escravocrata, zombando dos brancos que dependiam constantemente de escravizados para transportar até pacotes minúsculos. *Deux années au Brésil* foi mal-recebido no Brasil justamente por causa dessa visão satírica. Apesar disso ainda hoje o livro e suas representações da escravidão brasileira permanecem relevantes do ponto de vista histórico e etnográfico, pois já naquela época ofereciam um retrato complexo e ainda assim claro de como a escravidão modulou as relações raciais no país. Em última análise, o trabalho de Biard contribuiu para desestabilizar as imagens idealizadas do Brasil como país sem racismo, antecipando a crítica do mito das relações raciais harmônicas e a falácia da democracia racial.



F. BIARD. *Deux années au Brésil* [Texte imprimé]. 1862.
Acervo Fundação Biblioteca Nacional



Déménagement d'un piano, à Rio-de-Janeiro.

Exílio brasileiro (1964-1979)

Denise Rollemberg

PROFESSORA TITULAR DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA,
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

O exílio dos anos 1960 e 1970 foi vivido por duas gerações, as de 1964 e 1968. O golpe contra a democracia, que derrubou o presidente João Goulart, definiu o marco da primeira; para a segunda geração, o evento fundador foi o golpe contra a democracia e o presidente Salvador Allende, em 1973, no Chile. Nesse momento, muitos brasileiros já haviam se refugiado no país, assim como outros latinoamericanos atingidos por ditaduras que assolaram o continente. A brutal repressão desencadeada com o fim do governo da Unidade Popular atingiu a todos.

As imagens e notícias vindas do Chile correram o mundo e indignaram a opinião pública internacional. Em vários países europeus, as esquerdas e segmentos progressistas da sociedade civil organizada manifestaram-se contra o episódio e a onda de violência, pressionando seus governos a receber os refugiados. Nesse sentido, vale destacar na França o papel de instituições como Cimade (Comité Inter-Mouvements Auprès des Évacués), ligada a protestantes, Secours Populaire, Secours Catholique, PCF, France Terre d'Asile entre outras.

Embora já houvesse exilados brasileiros na França, foi somente nesse contexto que eles chegaram ao país em maior quantidade, juntamente com as ondas de chilenos em fuga. Ainda assim, o exílio brasileiro jamais chegou a ser um fenômeno de massas como o chileno.

Para os brasileiros, o 11 de setembro de 1973 deu início ao exílio no exílio. Paris tornou-se a “capital dos exilados brasileiros” e não mais Santiago.

Países latinoamericanos até aceitaram receber brasileiros vindos do Chile de forma emergencial, mas ao chegarem, deviam recorrer às embaixadas locais. A concessão da documentação de permanência limitou-se aos chilenos.

Os brasileiros dos “grupos de chilenos” desembarcados na França, em geral, haviam sido resgatados de embaixadas em Santiago, campos da Cruz Vermelha e prisões. Para esses, o visto de refugiado no país pôde ser obtido com mais facilidade. Contudo, antes da viagem, passaram pelos controles de autoridades francesas, que aceitavam alguns, rejeitavam outros, segundo seus critérios. Outros países europeus também fizeram ou tentaram fazer essa triagem, enviando “equipes de seleção” à capital chilena. Para os



Gilberto Gil (1942), cantor e compositor brasileiro, à beira do rio Sena, durante o exílio na Europa. *Portraits Brésiliens*. Paris, 1971.

©Alécio de Andrade

evacuados por outras representações diplomáticas que tentaram, em seguida, o estatuto de refugiado na França, as dificuldades foram desafiadoras.

Os brasileiros eram encaminhados ao OFPRA, Office Français de Protection de Réfugiés et Apatrides, órgão do Ministério de Relações Exteriores, expedidor do passaporte da Convenção de Genebra. Quem não possuía documento algum – a maior parte –, declarava a identidade da seguinte forma: “Dou a palavra de honra que me chamo..., nascido na cidade..., na data...”. Na polícia, receberam o visto de residente e a permissão para trabalhar. Assim, eram considerados refugiados chilenos nascidos no Brasil.

Se o exílio expressou a derrota de projetos políticos e a exclusão da América Latina, para os brasileiros, significou também a ampliação de horizontes, a descoberta de outros mundos. No exílio, enxergaram o Brasil à distância. Estudaram, aprenderam, ensinaram, trabalharam, criaram e tiveram seus filhos. Conviveram com o legado do movimento de Maio de 1968, o feminismo, a liberação sexual, as drogas, o questionamento dos códigos morais, as lutas das chamadas minorias, a crítica à social-democracia e ao socialismo. Valores mudaram, a militância ganhou outros significados. A revolução e a reforma cederam o protagonismo das antigas lutas à democracia. A intensidade das experiências redefiniu as gerações 1964 e 1968, reconstruiu seus caminhos. Quando puderam voltar ao Brasil, traziam essa bagagem e com ela se lançaram ao desafio dos anos 1980, a (re)construção da democracia.



As lagostas, o General de Gaulle e o Brasil

No início da década de 1960, um crustáceo foi a causa de sérias tensões entre o Brasil do presidente Goulart e a França do general De Gaulle. Barcos de pesca franceses se aventuram ao largo de Pernambuco e começam a pescar lagostas em uma zona localizada fora das águas territoriais brasileiras, segundo a França, mas considerada pelo Brasil como uma zona de pesca exclusiva. Em 1962, a Marinha brasileira apreendeu os barcos franceses e os acompanhou de volta ao mar aberto. As mesmas cenas se repetiram no ano seguinte, mas desta vez o governo francês enviou um navio de guerra para a região. A opinião pública brasileira se indignou, a imprensa se agitou. Em março de 1963, os franceses se retiraram da região. A questão acabou sendo resolvida de forma amigável e não atrapalhou a visita de Charles de Gaulle ao Brasil, de 13 a 16 de outubro de 1964, ao final de uma viagem por dez países da América do Sul. O presidente chegou ao Rio de Janeiro vindo de Montevidéu no cruzador Colbert e seguiu para Brasília e São Paulo. Foi a primeira visita de um chefe de Estado francês ao Brasil.

MANCHETE. Rio de Janeiro:
Bloch, 1952-. Semanal.
Edição 569 de 16/03/1963.
Acervo Fundação Biblioteca
Nacional





N. Senhora de Sion.

Notre Dame de Sion.

Espiritualidades

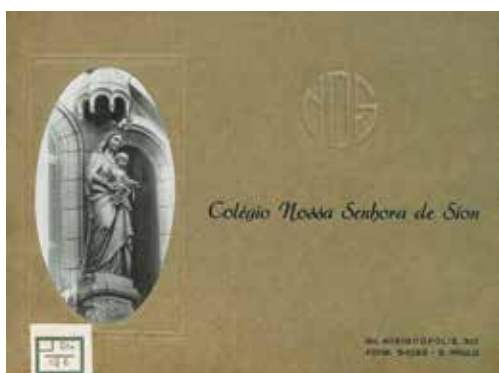
A IIIª República (1870-1940) estabeleceu de forma duradoura o regime republicano na França. Este regime foi construído em oposição à Igreja Católica, intrinsecamente ligada à monarquia e durante muito tempo hostil às ideias liberais da Revolução Francesa e ao regime dela herdado. A República, que separou as igrejas do Estado em 1905 (quinze anos após a República brasileira), instituiu um laicismo rigoroso, que até hoje remete às crenças e práticas religiosas à esfera privada e impõe a neutralidade no espaço público.

No entanto, não foi apenas a França republicana que se exportou para além de suas fronteiras. Até a III República, a França agia como potência católica. A proteção dos cristãos era um dos eixos de sua política externa e servia para justificar algumas de suas intervenções imperialistas. No final do século XIX, mais de dois terços dos missionários católicos que trabalhavam no mundo eram de nacionalidade francesa. Esses religiosos e religiosas também eram vetores de influência, especialmente linguística.

A congregação das irmãs de Notre Dame de Sion, fundada na França na primeira metade do século XIX, especializou-se na educação de meninas da alta sociedade, na França e, posteriormente, em cerca de vinte países. Ela se estabeleceu no Brasil em 1888, primeiro no Rio de Janeiro, depois em Juiz de Fora, São Paulo e Curitiba.

Além disso, as devoções de origem francesa tiveram também grande popularidade no Brasil. Santa Teresinha é a irmã normanda Teresa do Menino Jesus, nascida Teresa Martin (1873-1893). O nome tão comum de Lurdes refere-se à cidade de Lourdes, que ainda hoje, nos Pirenéus franceses, recebe uma importante romaria mariana.

COLÉGIO Notre Dame de Sion (São Paulo). Collegio "N. D. de Sion". São Paulo: O Colégio, 1931?. 40f. de estampas, somente il., 16 x 23 cm. **Acervo Fundação Biblioteca Nacional**



COLÉGIO Notre Dame de Sion (São Paulo). Colégio Nossa Senhora de Sion: ano letivo de 1943. São Paulo: O Colégio, 1943. 20p., il., 15 x 20cm. **Acervo Fundação Biblioteca Nacional**



SANTA Teresinha do Menino Jesus. [S.l.: s.n.], [195-?]. 1 cartaz, il., p&b, 30,8 x 20cm em papel 41,6 x 29cm. **Acervo Fundação Biblioteca Nacional**



Na década de 1960, as conexões entre os meios católicos dos dois países eram numerosas e contribuíram para dar a conhecer na França os problemas do Brasil, nomeadamente sob a ditadura militar. Tanto a França como o Brasil foram focos ativos da “teologia da libertação” e muitos eclesiásticos se comprometeram com as populações desfavorecidas ou ameaçadas. O padre dominicano Henri Burin des Rozières (1930-2017), estabelecido no estado do Pará de 1978 a 2016, dedicou grande parte de sua vida à defesa das vítimas dos numerosos conflitos fundiários.

A França também foi o berço de novas religiões que encontraram no Brasil um terreno mais fértil do que o país que as viu nascer. É o caso da religião da Humanidade, derivada do positivismo, filosofia desenvolvida por Auguste Comte (1798-1857), e do espiritismo, fundado por Allan Kardec (1804-1869).

Religião da Humanidade: “O amor como princípio, a ordem como base, o progresso como fim”

As ideias do matemático e filósofo Auguste Comte (1798-1857), que defendia uma organização social baseada na ciência e no progresso, tiveram grande influência na França, mas também na Grã-Bretanha, no México, no Egito... e, é claro, no Brasil. Após a morte de sua musa, Clotilde de Vaux, em 1846, Comte dá a seu pensamento um tom cada vez mais religioso, a ponto de publicar, em 1852, o *Catecismo Positivista*. A “Religião da Humanidade”, baseada no amor humano e no culto aos “Benfeitores” (cientistas, legisladores, artistas...) de todas as épocas e civilizações, deve ser, segundo ele, um fator de coesão social e universal.

Muitos admiradores do positivismo filosófico não aderiram à Religião da Humanidade e se afastaram de Comte, mas o novo culto floresceu particularmente no Brasil. A Igreja Positivista foi fundada em 1881 por Miguel Lemos e Raimundo Teixeira Mendes. Um grande templo foi inaugurado na rua Benjamin Constant, no Rio de Janeiro, em 1897, com a trindade comtiana no frontão: “O amor como princípio, a ordem como base, o progresso como fim”. Outro templo foi erguido em Porto Alegre na década de 1920 e está ainda hoje em funcionamento.



APOSTOLAT positiviste
du Brésil (Rio de Janeiro).
*Inauguration de la chapelle
de l'humanité qui a été
installée à Paris dans la
maison de la rue Payenne,
n° 5... ; 1905. Arquivo BNF*



APOSTOLAT positiviste
au Brésil [Texte imprimé] :
rapport pour l'année 1883.
Arquivo BNF

MALTA, Augusto. [Igreja
Positivista]. Rio de Janeiro,
RJ: [s.n.], [19--]. 23,2 x 16,9 cm
em c. 36 x 36cm.
**Acervo Fundação Biblioteca
Nacional**

MALTA, Augusto. [Igreja
Positivista do Brasil].
[S.l.: s.n.]. 1 foto, gelatina,
p&b, 23,2 x 16,9 cm em
c. 36 x 36cm. **Acervo
Fundação Biblioteca
Nacional**

Como o francês é a língua sagrada da nova religião, as publicações da Igreja Positivista do Brasil são, no mínimo, bilíngues. Paris desempenha para os positivistas o papel que Roma desempenha para os católicos, e a Igreja Positivista do Brasil possui a capela da rua Payenne (1905).



O espiritismo “nascer, morrer, renascer, progredir, tal é a lei”

Em meados do século XIX, as experiências com mesas giratórias e tentativas de comunicação com os espíritos por meio de médiuns se multiplicaram nos Estados Unidos e na Europa. Em 1855, Hippolyte Rivail (1804-1869) iniciou-se nessa prática e desenvolveu uma filosofia que expressou em vários livros, entre eles *O Livro dos Espíritos* (1857). Ele adotou o nome de Allan Kardec, convencido de que era a reencarnação de um druida. Exilados franceses difundiram sua obra na década de 1860 no Brasil, onde ela encontrou um vasto público.

Por outro lado, as manifestações dos espíritos caboclos deram origem à umbanda.

Em 2022, mais de 3 milhões de brasileiros (1,8% da população) eram de religião espírita, enquanto o número de adeptos na França é, hoje, insignificante.



KARDEC, Allan (1804-1869). *Qu'est-ce que le spiritisme* [Texte imprimé]: introduction à la connaissance du monde invisible ou des esprits, contenant les principes fondamentaux de la doctrine spirite et la réponse à quelques objections préjudiciables. 8^e édition: Paris: Didier, 1868. Arquivo BNF

KARDEC, Allan (1804-1869). [Recueil. Portraits d'Hippolyte Léon Denizard Rivail, dit Allan-Kardec (XIXe s.)] [Image fixe]. [S.d.]. Arquivo BNF

palétuvier

tamanoir

lascar *zèbre* *coprah*

baroque

sapajou

Japon

toucan

maracas

créole

pintade

cougar

boucaner

manioc

fétiche

sagouin

goyave

cachalot

pétunia

carbet

banane

tapioca

jacaranda

mangue

caramel

macaque

autodafé

pagaie

favela

caravelle

topinambour

acajou

bambou

marmelade

Linguagens

As línguas são como livros de história e carregam consigo todo o tipo de herança do seu longo passado. Desafiam normas e fronteiras, emprestam, apropriam-se, articulam o local e outros lugares, fazem circular palavras e culturas. O português e o francês não escapam a essa regra e são marcados pelos contatos entre a França e o Brasil. A frequência das costas brasileiras no século XVI e a dominação colonial introduziram na língua francesa palavras ainda em uso hoje, que vêm das línguas indígenas da América do Sul.

As navegações portuguesas em todos os mares do globo também enriqueceram o vocabulário francês de nomes de frutas e objetos que se tornaram corriqueiros. A integração de inúmeras palavras francesas ao português também foi um indício da assimetria das relações culturais entre o Brasil e a França até a segunda metade do século XX. No século XIX e até meados do século XX, a influência cultural da França atingiu seu apogeu.

A França forneceu o modelo para instituições acadêmicas como a Escola e o Museu de Belas Artes ou a Academia Brasileira de Letras, fundada em 1897. Franceses, como os irmãos Garnier, exerceram no Rio de Janeiro a profissão de livreiro, que consiste em editar e vender livros, e desempenharam um papel crucial no surgimento do campo literário no Brasil.



LIVRARIA de B. L. Garnier: 71, rua do Ouvidor, 71. Rio de Janeiro, RJ: [s.n.]. 1 etiqueta, p&b.

Acervo Fundação Biblioteca Nacional



LIVRARIA Firmin Didot Irmãos, Belin-Leprieur, E Morizot: Rua do Ouvidor n.105. Rio de Janeiro, RJ: s.n., s.d.]. 1 etiqueta, p&b.

Acervo Fundação Biblioteca Nacional

NA PÁGINA AO LADO:

Algumas palavras da língua francesa que vêm das línguas indígenas da América do Sul.

O poeta Blaise Cendrars (1887-1961) conheceu Tarsila do Amaral e Oswald de Andrade em Paris, em 1923. No ano seguinte, fez uma longa estadia no Brasil a convite de Paulo Prado e manteve, ao longo de toda a sua vida, relações com os seus “amigos brasileiros”, a quem dedica esta fotografia.

DOISNEAU, Robert. Blaise Cendrars. [S.l.: s.n.], [19 - -]. 1 Foto, Retrato, 18,1 x 24,1 cm

Acervo Fundação Biblioteca Nacional

OS 8 BATUTAS em Paris,
1921. **Acervo Fundação
Biblioteca Nacional**

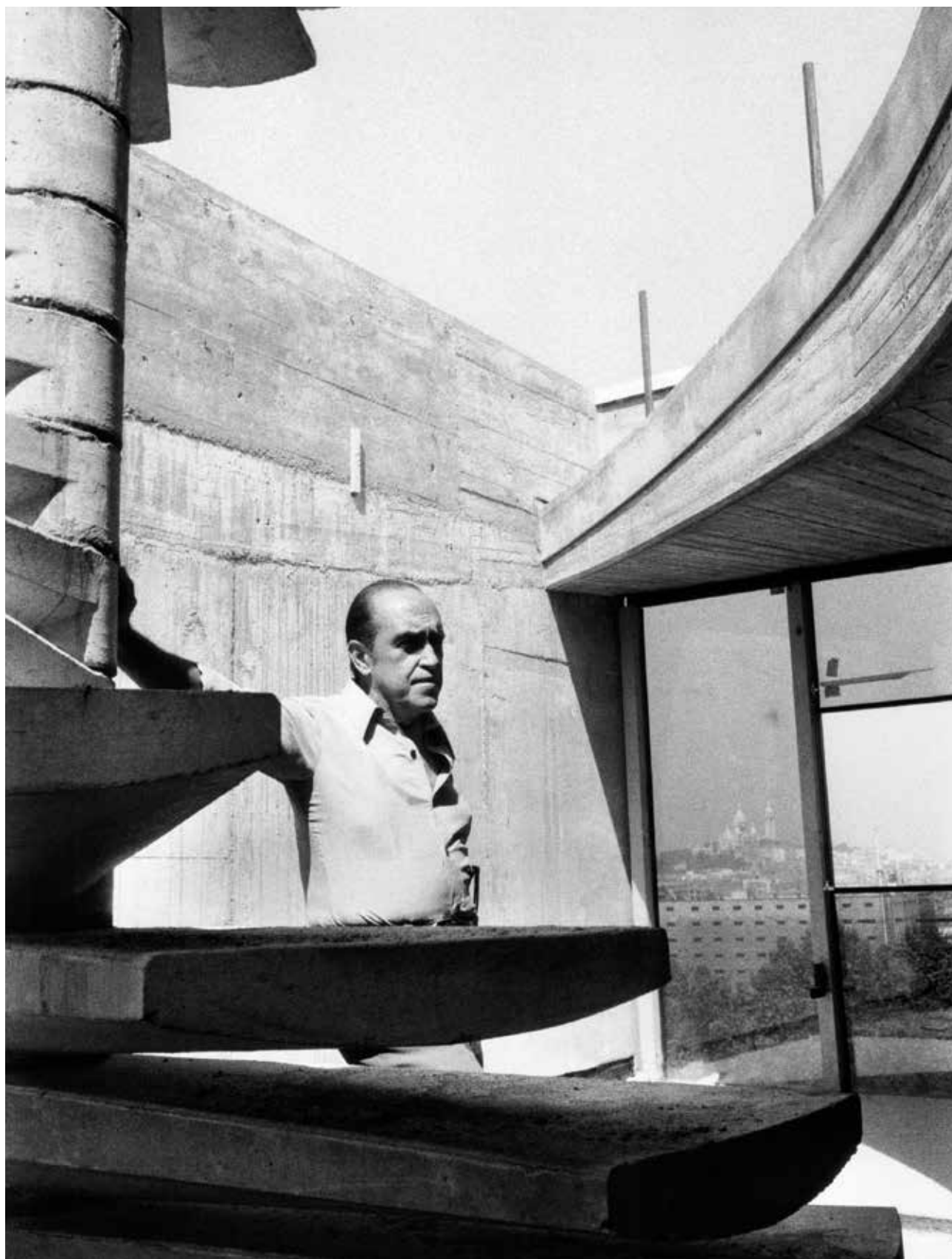


As conexões com a França permitiram que os artistas brasileiros se integrassem às grandes correntes artísticas transnacionais, como o romantismo ou o modernismo, e produzissem obras originais. Com o passar do tempo, os intercâmbios assumiram formas mais diversas e cada vez mais equilibradas.

A música brasileira chegou à França após a Primeira Guerra Mundial, graças à estadia do compositor Darius Milhaud (1894-1974) no Rio de Janeiro, que o inspirou em várias obras, e aos Oito Batutas de Pixinguinha e Donga, que vieram tocar em Paris seus maxixes, choros e sambas em 1921. Como outras partes do mundo, a França foi levada pela onda da bossa nova nos anos 1960. O próprio Tom Jobim reconheceu seu gosto pelas melodias de Claude Debussy. Henri Salvador, natural da Guiana, guitarrista da orquestra “Ray Ventura et ses collégiens”, que se apresentou no Cassino da Urca em 1942 e 1943, também era um grande admirador do repertório brasileiro.

Enquanto os arquitetos e urbanistas franceses trabalharam muito nas cidades do Brasil até a década de 1930, Oscar Niemeyer foi o autor de vários edifícios na França, incluindo a sede do Partido Comunista Francês, inaugurada em 1980 em Paris, e o “Volcan”, um centro cultural na cidade de Le Havre, na Normandia.

NA PÁGINA AO LADO:
Oscar Niemeyer (1907-2012),
arquiteto brasileiro, em um
dos terraços esculpidos
do 6º andar. Ao fundo, a
fachada de Jean Prouvé e
a silhueta da Sacré Coeur.
Portraits Brésiliens. Paris, 1971.
©Alécio de Andrade



MANCHETE. Rio de Janeiro:
Bloch, 1952-. Semanal. Edição 024
de 04/10/1952.

Acervo Fundação Biblioteca
Nacional



CINEARTE. Rio de Janeiro:
O Malho, 1926-1942. Mensal.
Ed. 512, 1939. Acervo Fundação
Biblioteca Nacional



Imprensa francesa publicada no Brasil (séc. XIX e XX)

Valéria dos Santos Guimarães

UNESP-FAPESP

A imprensa francesa publicada no Brasil desempenhou um papel central na manutenção dos vínculos culturais, políticos e intelectuais entre Brasil e França ao longo dos séculos XIX e XX. Surgida em 1827 com o periódico *L'Indépendant: feuille de commerce, politique et littéraire* (RJ, 1827), poucos anos após a Independência e a liberação da imprensa no país, essa produção se desenvolveu em um contexto marcado pela presença de estrangeiros e pela centralidade do francês como língua de cultura e mediação intelectual. Desde sua origem, a imprensa francófona no Brasil assumiu um caráter cosmopolita e transnacional, voltado tanto à colônia francesa quanto a demais leitores familiarizados com o idioma, inclusive brasileiros, consolidando-se como espaço de circulação de ideias, notícias e referências culturais europeias.

É possível identificar três grandes fases dessa imprensa. A primeira, entre 1827 e meados do século XIX, foi marcada por periódicos de curta duração, geralmente semanais, com forte presença de conteúdo político e literário. A segunda fase, considerada a “era de ouro”, estendeu-se de 1854 até o pós-Primeira Guerra Mundial, acompanhando a consolidação da imprensa comercial no Brasil. Nesse período, jornais como *Courier*

du Brésil (RJ, 1854-1862) e *Le Messenger de São Paulo* (SP, 1901-1924), podem ser tomados como marcos de uma fase de forte engajamento político, pelo fomento do debate republicado e pela inserção ativa nos embates nacionais, incluindo discussões sobre a escravidão, imigração e naturalização de estrangeiros que dialogaram com o processo político brasileiro e revelaram a crescente integração dos franceses à sociedade local.

A terceira fase iniciada com a *Revue Française du Brésil* (RJ, 1932-1939) compreendeu publicações mais isoladas, frequentemente vinculadas a instituições oficiais, como a Aliança Francesa, e foi profundamente afetada pelas restrições impostas durante o Estado Novo, quando a imprensa em língua estrangeira foi proibida. Ao longo de toda sua trajetória, esses periódicos cumpriram funções que extrapolaram o âmbito informativo, atuando como órgãos de utilidade pública, espaços de sociabilidade e instrumentos diplomáticos e culturais. Apesar das tiragens geralmente reduzidas, tiveram grande relevância como mediadores culturais – verdadeiros *passeurs culturels* – contribuindo para a circulação de saberes, a construção de imagens recíprocas entre Brasil e França e a inserção do país em redes intelectuais transatlânticas.

O *Ba-ta-clan*, polêmicas ilustradas

Valéria dos Santos Guimarães

UNESP-FAPESP



BA-TA-CLAN: *chinoiserie franco-bresilienne*. Rio de Janeiro, RJ: Imp. et Lith. de Ba-ta-clan, 1867. Semanal. Redator: Charles Berry. Ed. 029 de 14/12/1867.

Acervo Fundação Biblioteca Nacional

Cerca de 60 periódicos foram publicados em francês no Brasil durante os séculos XIX e XX, a maioria no Rio de Janeiro. Nenhum deles, segundo Herman Lima, “de crítica oposicionista tão descabelada” quanto *Ba-ta-clan: chinoiserie franco-brésilienne* (RJ, 1867-71), hebdomadário satírico e ilustrado de grande formato, publicado em edições de quatro a oito páginas, além de suplementos especiais. Seu sucesso comprova-se pela repercussão na época e extensa rede de representantes no país e fora dele, incluindo a distribuição nos navios transatlânticos.

O *Ba-ta-clan* era mais conhecido por suas críticas teatrais (notadamente do Teatro Alcazar), exímias caricaturas dos atores e atrizes de companhias estrangeiras e de políticos emitentes, colunas assinadas por mulheres (supostas atrizes famosas) e por suas ruidosas coberturas da Guerra do Paraguai (1864-70) e da Guerra Franco-Prussiana (1870-71), quando aumentou a tiragem em 1500 exemplares, tudo isso alimentado pela personalidade controversa de seu editor e principal redator, Charles Berry. Sua pena sacudiu a opinião pública formada por uma elite leitora educada em francês e o fez *persona non grata* em várias rodas. Na Guerra Franco-Prussiana seu alvo principal foi o conde Jules Constancio de Villeneuve, carioca de origem francesa que herdara o *Jornal do Commercio* (RJ, 1827-2016) de seu pai, Junius Pierre Villeneuve, ligado por laços familiares à nobreza prussiana e acusado por Berry de ficar do lado alemão, ao culpar a França pelo início da guerra, ecoando a imprensa inglesa.

A historiografia não menciona o fato de que a publicação foi interrompida por oito meses, entre dezembro e julho de 1871, quando Berry publicou o *Courier de Rio de Janeiro* (extraviado) também causando polêmica por falar mal do Imperador, sendo visto como um “criador de caso” (*Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 13 de abril de 1871.).

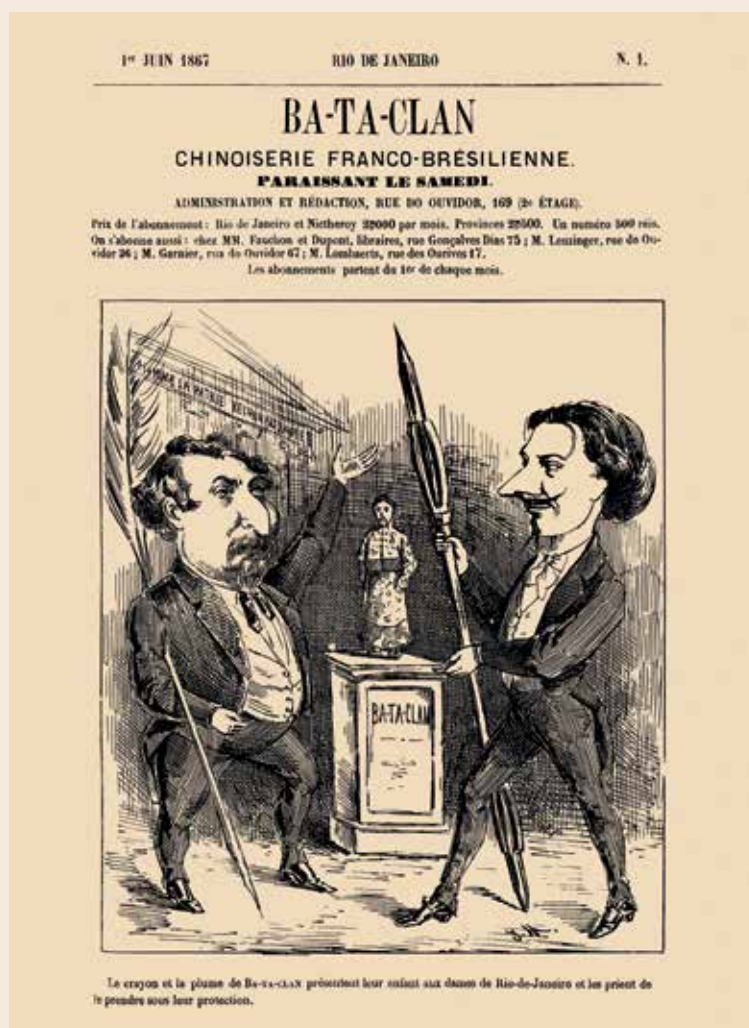
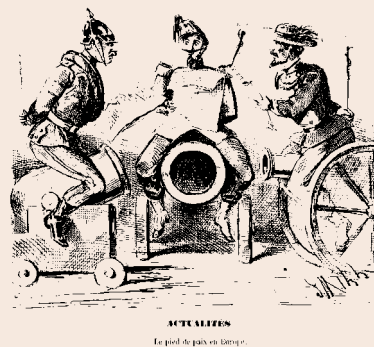
Falido e malvisto, Berry retoma na segunda fase do *Ba-ta-clan* com novos redatores como Joseph Pitanchard e Amable Blaguinski, talvez seus pseudônimos. A repercussão deste semanário na imprensa brasileira contemporânea foi expressiva. Ele se apresentava como o porta-voz oficial da França no Brasil e sua posição destacava não apenas as disputas europeias, mas também as que ocorriam em solo brasileiro. Foi defensor obstinado

da latinidade, tema que já estava presente nas páginas do *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud* (RJ, 1859-60) cerca de dez anos antes: "Mas o Brasil herdou das nações da raça latina certas tendências que estão em completa oposição aos instintos e ao gênio da raça saxônica" (*L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud*, Rio de Janeiro, 21 de outubro de 1860.).

O conceito de latinidade ligava-se a imperialismo e racismo, considerando os povos americanos inferiores, e ao aspecto religioso que opunha latinos ao sul, predominantemente católicos (Portugal, Espanha, Itália e França), a protestantes ao norte (países teutônicos e anglo-saxões). Esse par de oposições moldaria a geopolítica europeia e produziria repercussões nas Américas.

Ricamente ilustrado, *Ba-ta-clan* escapava ao padrão da imprensa francófona brasileira pela qualidade técnica. Alfred Michon distinguia-se pelos *portraits-charges* marcados pela macrocefalia e com legendas maliciosas. Suas capas eram litografuras de alta qualidade, coloridas à mão, e na última página vinham os bico-de-pena "sem coisa alguma a dever aos melhores (...) do *Petit Journal pour Rire*", como sublinha Herman Lima. Outros grandes nomes do buril presentes no *Ba-ta-clan* foram Corcovado, Termosiris II e Joseph Mill, o qual ilustrou seu autorretrato ao lado de Berry no número de estreia de 1º junho de 1867: "O lápis e a pena de BA-TA-CLAN apresentam seu filho às damas do Rio-de-Janeiro e pedem que elas o acolham sob sua proteção", com a ironia habitual que dará o tom ao único jornal francês publicado no Brasil que teve sua identidade ligada à caricatura, um irrefutável pioneiro na constituição da cultura visual da imprensa periódica brasileira.

BA-TA-CLAN: *chinoiserie franco-brésilienne*.
Rio de Janeiro, RJ: Imp. et Lith. de Ba-ta-clan, 1867.
Semanal. Redator: Charles Berry. Ed. 001 de 01/06/1867.
Acervo Fundação Biblioteca Nacional



Carolina Maria de Jesus e Françoise Ega

A partir da década de 1940, o desenvolvimento de revistas que davam grande destaque ao fotojornalismo, como O Cruzeiro no Brasil ou Paris-Match na França, contribuiu para democratizar a circulação de informações. Foi ao ler, em 1962, uma reportagem da Paris-Match dedicada a Carolina Maria de Jesus que Françoise Ega, uma empregada doméstica que emigrou para Marselha vinda de sua terra natal, a Martinica, descobriu sua vocação literária. Ela começou a escrever um diário que era uma conversa imaginária com Carolina Maria de Jesus e que seria publicado após sua morte. Françoise Ega é autora de várias obras e uma figura importante na defesa dos direitos sociais e na luta dos antilhanos, especialmente das mulheres, contra a exploração e a discriminação racial.

PARIS MATCH, ed. 682,
05/05/1962. *Carta a uma
Negra* - Carolina Maria de
Jesus. Acervo Fundação
Biblioteca Nacional



Maio de 1962

“Pois é, Carolina, as misérias dos pobres do mundo inteiro se parecem como irmãs. Todos leem você por curiosidade, já eu jamais a lerei; tudo o que você escreveu, eu conheço, e tanto é assim que as outras pessoas, por mais indiferentes que sejam, ficam impressionadas com as suas palavras.” (p. 25)

• • •

4 de setembro de 1963

“Com uma mão, abri a porta, segurando firme uma batata com a outra. Ele parecia surpreso quando lhe disse que a escritora que estava procurando era eu mesma, mas seu espanto não durou muito. Disse-lhe que não tinha um tostão para gastar numa aventura literária que talvez não desse em nada.

Ele então me perguntou o que eu estava fazendo naquele momento. Respondi:

– Hum ! Hum ! Estou escrevendo para a Carolina!

– Quem é Carolina?, ele perguntou.

Minha cara, desde que comecei a traçar estas linhas, sempre esqueço o nome da sua cidade, mas lhe disse:

– Uma sul-americana, sabe? O senhor gostaria de ver algumas páginas?” (p. 249)

Cartas a uma negra, Todavia, 2021

Carolina Maria de Jesus e Françoise Ega: conversa literária sobre a condição negra e a pobreza

Vinicius Carneiro e Mathilde Moaty

UNIVERSITÉ DE LILLE E UNIVERSITÉ PARIS-NANTERRE

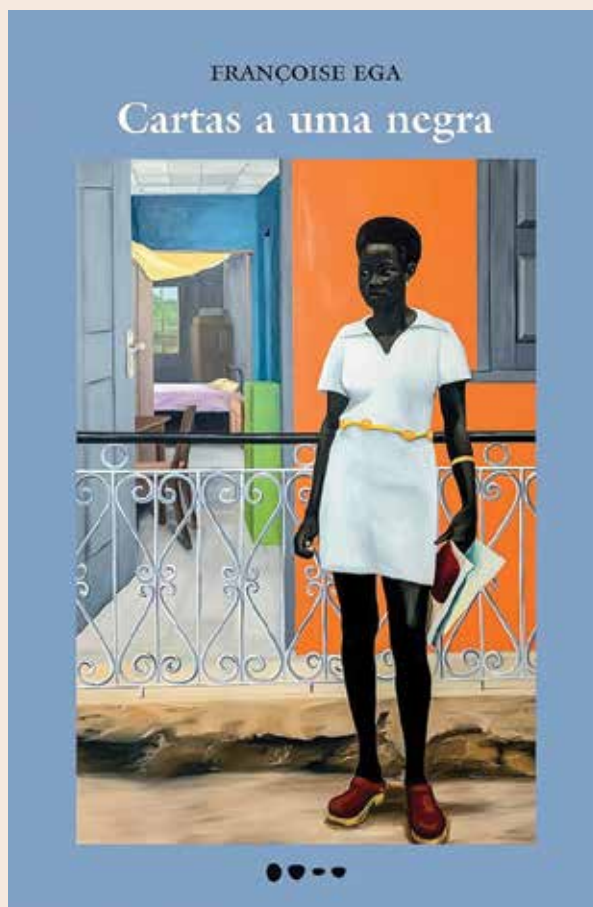
Em 1962, a publicação na revista *Paris Match* de uma reportagem dedicada à escritora brasileira Carolina Maria de Jesus foi um evento marcante na trajetória literária da martinicana Françoise Ega. O artigo, que se estendia por várias páginas, associava trechos traduzidos da obra *Quarto de despejo* [*O Depósito*] a uma série de fotografias cuidadosamente compostas, mostrando a autora brasileira ora em sua precária cabana na favela, ora cercada por seus filhos, à beira-mar ou ainda durante sessões de autógrafos. Esse dispositivo visual e textual construía uma figura ambivalente: Carolina Maria de Jesus aparecia ao mesmo tempo como uma curiosidade vinda de um lugar distante e como a encarnação espetacular da miséria urbana. A ênfase era colocada na pobreza material, na fome e na sobrevivência cotidiana, enquanto a escrita em si permanecia amplamente secundária, mal comentada.

É através dessa mediação que Françoise Ega, residente em Marselha, descobre a existência de Carolina Maria de Jesus. A leitura do artigo suscita nela uma identificação imediata: além da exotização midiática, Ega percebe nessa trajetória a possibilidade de uma voz literária proveniente das classes populares, trazida por uma mulher negra confrontada com a precariedade e o racismo. Essa recepção é ao mesmo tempo afetiva e política. Ela não se baseia em um conhecimento aprofundado da obra de Carolina Maria de Jesus, mas na imagem fragmentária que a revista *Paris Match* apresenta, imagem essa suficiente, no entanto, para desencadear um gesto de escrita.

A relação que se constrói entre as duas autoras é, portanto, fundamentalmente unilateral: Françoise Ega começa a escrever *Lettres à une Noire* na forma de uma correspondência endereçada a Carolina Maria de Jesus, sem esperança real de resposta. Essas cartas não visam o intercâmbio, mas a constituição de um espaço de diálogo imaginário. A abordagem à outra permite à narradora refletir sobre a condição da

mulher negra, migrante e trabalhadora doméstica e, assim, tornar-se a voz de suas irmãs antilhanas na França. De Jesus torna-se ao mesmo tempo interlocutora silenciosa, figura de projeção e ponto de apoio para uma reflexão sobre a escrita como gesto de sobrevivência e dignidade.

Essa relação também é marcada por uma profunda desigualdade de reconhecimento. Enquanto Carolina Maria de Jesus alcança rapidamente notoriedade no Brasil, possibilitada pela intervenção do jornalista Audálio Dantas e pela ampla divulgação de *Quarto de despejo*, Françoise Ega permanece à margem do campo literário francês. A ausência de encontro entre as duas mulheres e a impossibilidade de Ega acessar diretamente os escritos Carolina de Jesus conferem a essa relação uma dimensão dramática. Ela se baseia em uma distância irredutível articulada a uma proximidade estética e política, onde a escrita se torna o local de um diálogo sem retorno, capaz, no entanto, de transmitir uma experiência compartilhada de opressão e resistência.

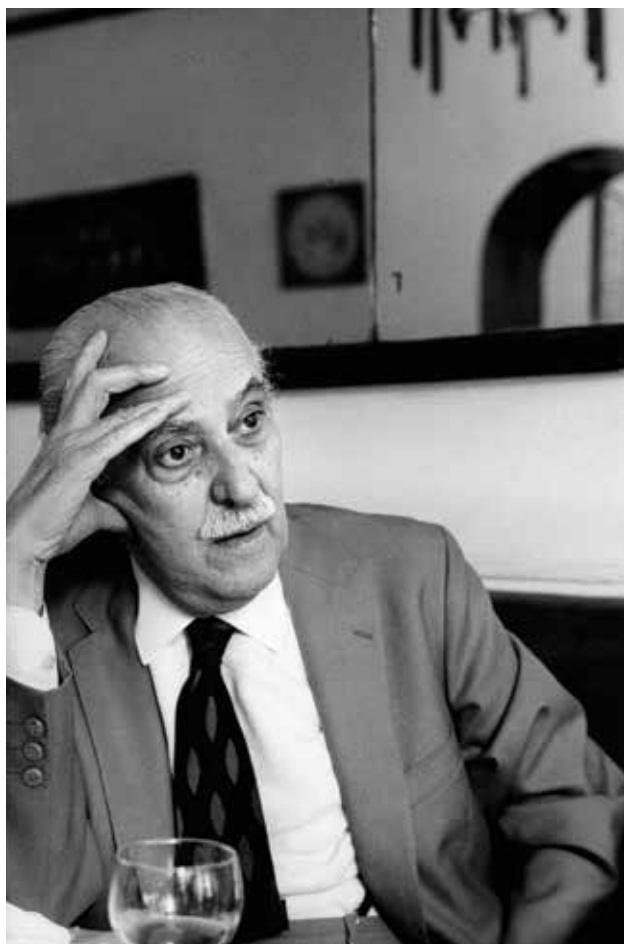


EGA, Françoise. *Cartas a uma negra*. Todavia, 2021.

Um olhar brasileiro em Paris, Alécio de Andrade

Alécio de Andrade (1938-2003) é o autor de várias das fotografias apresentadas nesta exposição e personifica a assimilação íntima da França e do Brasil. Este carioca demonstrou inicialmente talento para a poesia – em 1961, recebeu um prêmio de poesia das mãos de Vinícius de Moraes e Cecília Meireles –, mas, depois, voltou-se para a fotografia. Após sua primeira exposição, “Itinerário da Infância”, recebeu uma bolsa para estudar no Instituto de Altos Estudos Cinematográficos (IDHEC) em Paris e se estabeleceu na capital francesa como fotógrafo freelancer antes de ingressar na agência Magnum em 1970. Entre suas múltiplas obras, destacam-se sua série imortalizando os visitantes anônimos do Museu do Louvre e os inúmeros retratos que deixou de seus amigos ou compatriotas brasileiros, que passaram por Paris ou lá permaneceram, por vontade própria ou expulsos pela ditadura militar. Em uma crônica do *Jornal*

do Brasil de 1981, o poeta Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) relata Paris ou a vocação da imagem, que reúne fotografias de Alécio de Andrade e um ensaio do escritor argentino Júlio Cortázar. Feliz por ser guiado pelas pequenas e grandes coisas do espetáculo das ruas pelo olhar de seu amigo Alécio, Drummond inventa o verbo “parisiar”, que utiliza na primeira pessoa do plural: “Parisiamos”, escreve ele, ainda sonhador de sua *flânerie*.



Cícero Dias (1907-2003), pintor brasileiro.
Portraits Brésiliens. Paris, 1974. ©Alécio de Andrade

NA PÁGINA AO LADO:

Alécio de Andrade (1938-2003), Paris (La Coupole),
França, 1971. ©Alécio de Andrade



As relações entre o Brasil e a França sob o prisma da dança (1825-2025)

Callysta Croizer

DOCTORANDA, UNIVERSITÉ PARIS 8-VINCENNES-SAINT-DENIS

Entre a França e o Brasil, a dança constrói pontes há mais de dois séculos. Seguindo Auguste Toussaint, que deixou a Ópera de Paris para ingressar no Teatro Real São João, no Rio de Janeiro, em 1815, as companhias de balé franco-italianas realizaram turnês pelo Brasil colonial e imperial, promovendo a difusão de vocabulários, imaginários e obras coreográficas. Enquanto em Paris, em 1835, Filippo Taglioni apresentava Brézilia ou a tribo das mulheres, balé alimentado por fantasias exóticas, no Rio de Janeiro, em 1849, o casal Ana Trabattoni e Eugène Finart dançava Giselle, de Jules Perrot e Jean Coralli, criado em Paris em 1841.

Entre as capitais francesa e brasileira, as circulações da dança se intensificaram e se diversificaram ao longo do primeiro século XX. Em 1934, Serge Lifar, então mestre de balé da Ópera de Paris, é convidado a montar uma temporada de dança no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Com alguns solistas locais, ele criou o balé Jurupary, com música de Villa-Lobos, apresentado em troca na Salle Pleyel em 1936. Outros artistas se estabeleceram definitivamente no Brasil, como a bailarina, coreógrafa e mestra de balé Tatiana Leskova (1922). Nascida em Paris, filha de pais russos e radicada no Rio de Janeiro desde 1944, ela se tornou uma figura de autoridade e prestígio no balé brasileiro e uma intermediária indispensável nas trocas coreográficas com a França. Da mesma forma, as danças populares e folclóricas do Brasil conquistaram a alta sociedade parisiense desde os anos loucos. O maxixe fez furor em 1913 com o professor baiano “Duque”, enquanto a carioca Eros Volusia causou sensação com “*la samba*” em 1948.

No pós-guerra, a dança se tornou um instrumento das relações diplomáticas franco-brasileiras. Em 1950, o Balé da Ópera de Paris se apresentou no Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília durante uma turnê transatlântica com o objetivo de restaurar a imagem cultural da França no exterior. Seu retorno em 1974, quando o Brasil vivia momentos sombrios de ditadura, foi fruto da colaboração de mecenas privados e instituições públicas brasileiras com a embaixada e o Ministério das Relações Exteriores da França. Por outro lado, companhias brasileiras foram enviadas em missão

No final do século XX, os circuitos coreográficos franco-brasileiros se abriram progressivamente para a dança contemporânea. Na Bienal de Dança de Lyon, o sucesso do Grupo Corpo de Belo Horizonte em 1994 inspirou o diretor do festival, Guy Darnet, a criar uma edição batizada de *Aquarela do Brasil* (1996) que é inaugurada por um carnaval – tradição que se perpetuou até 2025. Por ocasião do bicentenário de suas relações bilaterais, a temporada França-Brasil reafirma esses laços densos e históricos. Da Bienal Internacional de Dança do Ceará ao programa “Chaillot Expérience” do Théâtre national de la Danse em Paris, passando por intercâmbios institucionais e pedagógicos, a França e o Brasil eternizam novas experiências de danças.

EROS VENCEU EM PARIS

Texto de AUGUSTO RODRIGUES
Fotos de AUGUSTO VALENTIM

"Eros Venceu em Paris e também aos Ministros da República!" — eis o manifesto de um jornal parisiense. E não é falta. Desde que chegou à capital de França que o bailarino brasileiro passou a viver sua vida e a sabedoria e não passa uma tarde ou uma manhã em que seu nome não apareça triunfalmente nos cabeçalhos dos jornais. Ele não poderia viver, em Paris, uma vida normal, porque mil olhos — os muitos mais — queriam espionar e que o artista faz os seus de dentro e por onde ele passa os comentários gravitam em torno de sua figura leve, ágil, elegante, nervosa. Outros jornais, com uma tiragem de dezessete mil, acusam os americanos de terem Eros Voltaire no olho. O repórter não entrou nos detalhes, mas eles tinham direito de investigar que a vida era simples e a amizade a si, pelo "jornalístico" "insensível verde". Talvez outra forma de consideração e sempre ratificação. Não Eros Voltaire que se diz, francamente, como todos os homens estranhos que circulam a seu respeito. Sabe o que é a imaginação provocadora de um repórter. Sem imaginação um jornalista viveia. Abandonada as fantasias, mesmo as mais delicadas, e sem aí qual boa parte do seu primeiro movimento de vida e fazer mostrar de tudo o há-lo? Mas o fato irrefutável — e que eu, na minha passagem pela França constatei — é que o bailarino do Brasil conquistou Paris. Poderíamos dizer que sua figura se destacava em alto relevo, com uma personalidade vibrante que fez pensar em Joséphine Baker em Montmartre, das mesmas jornadas. Digamos, porém, que a celebridade de Eros é de um tipo diferente e está, não só, baseada no espetáculo mas é sobretudo, talvez, na qualidade artística.

(Continua na pág. 90)



O SAMBA SE DANÇA COM OS CABELOS — Paris adora as frases de sensação. Um jornalista perguntou a Eros porque tinha cabelos tão grandes. Ele disse: "Porque o samba se dança com os cabelos"



ENGAIO NO CAMARIM Com a violência sagnas



ESTADOS UNIDOS — BRASIL Entre amigos e sambas nos moribundos



NÃO TROCADERO Em casa não para não engravidar... O CRUZEIRO

4 de Dezembro de 1948

A integração de inúmeras palavras francesas ao português também vêm das relações culturais entre o Brasil e a França até a segunda metade do século XX.

restaura
abajur travesti
ateliê beb
charme sutiã m
creme metrô cham
bijuteria batom debu
reportagem boate jardim feta
maquiagem en passant chique
à la carte gou

nte

chefe

suvenir

camelô

ô

oda

buquê

chapéu

omelete

panhe

bicicleta

itante

toaleta

iche

maio

boné

manequim

mousse

urmet

moletom

prêt a porter

FACULTÉ DES SCIENCES

Année Scolaire 1954-1955

M. Carlos CHAGAS

Professeur de Biophysique à l'Université du Brésil,
Docteur Honoris Causa de l'Université de Paris

fera 10 conférences, sur les sujets suivants :

I

Dans le cadre de l'Enseignement de Biologie Cellulaire :

Le **MERCREDI 5 JANVIER** à 17 heures, à l'Amphithéâtre Milne Edwards :

Structure des Organes Electriques des Poissons.

Le **MERCREDI 12 JANVIER** à 17 heures, à l'Amphithéâtre Milne Edwards :

Les mécanismes de l'Electrogénèse.

II

Dans le cadre de l'Enseignement de Physiologie des Fonctions :

Le **MERCREDI 19 JANVIER** à 18 heures, à l'Amphithéâtre de Physique :

Les bases ioniques de l'électrogénèse dans les nerfs et les muscles.

Le **VENDREDI 21 JANVIER** à 9 h. 45, à l'Amphithéâtre Cauchy :

Les bases ioniques de l'électrogénèse dans les électroplaques des Poissons.

Le **MERCREDI 26 JANVIER** à 18 heures, à l'Amphithéâtre de Physique :

Les phénomènes électriques dans les neuroplaques et les processus de facilitation.

Le **VENDREDI 28 JANVIER** à 9 h. 45, à l'Amphithéâtre Cauchy :

Les phénomènes électriques dans les jonctions neuromusculaires et dans les neuroplaques lors de la curarisation.

Le **MERCREDI 2 FÉVRIER** à 18 heures, à l'Amphithéâtre de Physique :

Les mécanismes centraux de commande de la décharge électrique du Gymnote.

Le **VENDREDI 4 FÉVRIER** à 9 h. 45, à l'Amphithéâtre Cauchy :

Les phénomènes électro-corticaux lents.

III

Dans le cadre de l'Enseignement de Biologie Physico-chimique :

Le **LUNDI 7 FÉVRIER** à 16 h. 45, à l'Amphithéâtre de Physiologie :

Bioénergétique des processus d'électrogénèse dans les organes électriques.

IV

Dans le cadre de l'Enseignement de Chimie Biologique :

Le **MARDI 8 FÉVRIER** à 11 heures, à l'Amphithéâtre Milne Edwards :

Le rôle du sodium et des enzymes dans le mécanisme de l'Electrogénèse.

Vu et approuvé : Le Recteur, Président du Conseil de l'Université,
Jean SARRAILH.

Le Doyen de la Faculté des Sciences,
Joseph PÉRÈS

Ciência e tecnologia

Até a chegada da Corte portuguesa ao Rio de Janeiro em 1808, os estrangeiros não tinham permissão para entrar no Brasil. Tudo mudou a partir desta data. A flora, a fauna e os costumes desse país despertaram grande interesse entre os cientistas europeus de todas as nacionalidades. Estes últimos empreenderam expedições e viagens científicas pelo país que duraram vários meses, ou mesmo vários anos, e foram incentivados pelas autoridades brasileiras, desejosas de acumular conhecimentos e desenvolver suas próprias instituições. O botânico Auguste de Saint-Hilaire passou seis anos no Brasil entre 1816 e 1822 e trouxe milhares de espécimes que enriqueceram as coleções do Museu de História Natural de Paris. O trabalho de Saint-Hilaire lhe rendeu um busto no Jardim Botânico do Rio de Janeiro. A maioria das expedições contava com pintores e desenhistas em suas fileiras, a fim de registrar visualmente suas descobertas. Assim, Adrien Taunay e Hercule Florence (1804-1879) participaram da expedição ao Mato Grosso e ao Pará (1825-1829) do cônsul da Rússia, Georg Heinrich von Langsdorff. Adrien Taunay se afogou no rio Guaporé; Hercule Florence, que se estabeleceu definitivamente no Brasil, desenvolveu vários processos inovadores relacionados à fotografia e à impressão.

O governo imperial recorreu voluntariamente a europeus para colaborar no desenvolvimento de suas instituições científicas. O mineralogista francês Claude-Henri Gorceix fundou, em 1875, a Escola de Minas de Ouro Preto, em Minas Gerais. Na mesma época, o médico Louis Couty estudou as propriedades do curare e de várias plantas no Museu Nacional.

NA PÁGINA AO LADO:

Carlos Chagas Filho (1910-2000), médico e cientista como seu ilustre pai, foi professor visitante na faculdade das Ciências da universidade de Paris. Ele foi também embaixador do Brasil junto a Unesco, sediada em Paris.

Archives Nationales (França) – site de Pierrefitte

O PAIZ. Rio de Janeiro: [s.n.], 1884-1934. Diária. Ed. 15.243 de 15/07/1926. (detalhe)

Acervo Fundação Biblioteca Nacional



Engenheiros e cientistas franceses tornam-se celebridades internacionais. Louis Pasteur, cientista renomado, a quem devemos, entre outras coisas, a “pasteurização” e a vacina contra a raiva, é um dos poucos franceses a quem as ruas prestam homenagem em várias cidades do Brasil, embora ele nunca tenha estado no país.

As visitas e os intercâmbios se multiplicaram no século XX. Em 1926, a franco-polonesa Marie Curie, acompanhada por sua filha Irène, veio ao Rio para dar palestras. Ela foi a primeira mulher a lecionar na Sorbonne, a primeira mulher a dirigir um laboratório, e a primeira mulher a receber um prêmio Nobel, o prêmio de Física em 1903, juntamente com seu marido Pierre Curie e Henri Becquerel. Em 1911, ela também recebeu o Prêmio Nobel de Química. Quanto à sua filha Irène, esta recebeu, junto com seu marido Frédéric Joliot, o Prêmio Nobel de Química em 1935.

Intercâmbio acadêmico



Cartaz apresentando as aulas do diplomata e historiador Manoel de Oliveira Lima (1867-1928) na Sorbonne em 1911, que resultaram no livro *Formação histórica da nacionalidade brasileira*.
Archives Nationales (França) – site de Pierrefitte

No início do século XX, acadêmicos, liderados pelo professor de psicologia Georges Dumas, desejavam ampliar a influência da ciência e da cultura francesa na América Latina, principalmente no Brasil. Em 1908, foi fundado, com esse objetivo, o Groupement des Universités et Grandes École de France pour l'Amérique Latine (Grupo de Universidades e Grandes Escolas da França para a América Latina), que organizava intercâmbios e cursos. Assim, em 1911, o diplomata e historiador Manuel de Oliveira Lima ministrou

uma série de cursos de história brasileira nas instalações da Universidade de Paris, na Sorbonne. Seu curso foi publicado sob o título *Formação histórica da nacionalidade brasileira*. Nessa mesma linha, em 1922, foi fundado conjuntamente em Paris e no Rio de Janeiro o Instituto Franco-Brasileiro de Alta Cultura, que promovia intercâmbios científicos entre os dois países.

Quando as primeiras universidades foram criadas no Brasil em 1934 e 1935, Georges Dumas recrutou professores para a Universidade de São Paulo (USP) e para a Universidade do Distrito Federal (UDF). Foi assim que os historiadores Fernand Braudel, Henri Hauser e Victor-Lucien Tapié, o sociólogo Roger Bastide, os geógrafos Pierre Monbeig e Pierre Deffontaines, o filósofo Claude Lévi-Strauss, para citar apenas alguns, exerceram suas atividades por vários anos nessas jovens instituições.

Após 1945, cada vez mais pesquisadores brasileiros seguiram para a França para estadas mais ou menos longas ou mais ou menos forçadas. O golpe civil e militar de 1964 expulsou do Brasil cientistas notáveis, como o especialista em malária Luiz Hildebrando Pereira da Silva, que trabalhou no CNRS e no Instituto Pasteur, ou a arqueóloga Niède Guidon, que teve de se refugiar na França e voltou com uma missão arqueológica franco-brasileira. O fotógrafo francês Pierre Verger (1902-1996) se entusiasmou com Salvador da Bahia e dedicou sua vida e seus estudos ao tráfico de escravizados e seus efeitos culturais, principalmente os cultos religiosos, na África e no Brasil.

Desde 1979, o Comitê Francês de Avaliação da Cooperação Universitária e Científica com o Brasil (COFECUB), a CAPES e o CNPq trabalham para promover projetos de pesquisa conjuntos e aproximar equipes dos dois países por meio da mobilidade. O programa Guatá ("caminhar juntos" em tupi-guarani) é uma iniciativa da Embaixada da França no Brasil. Ele permite que doutorandos indígenas brasileiros passem de um a dois semestres em instituições de ensino superior francesas. Após uma experiência pioneira na Universidade Paris 8, o programa se consolida e se expande a cada ano, incluindo novos parceiros.



MALLARMÉ, de Souza Dantas
[Image fixe] : Inauguração
do serviço telefônico
França-Brasil, 31/3/30, [de
g. à d., MM.] [photographie
de presse] / [Agence Rol].
Arquivo BNF



Luiz Hildebrando Pereira
da Silva (1928-2014), Diretor
de Pesquisa (vacina contra
malária), CNRS, Instituto
Pasteur, Paris. *Portraits
Brésiliens*, Paris, 1971.
©Alécio de Andrade

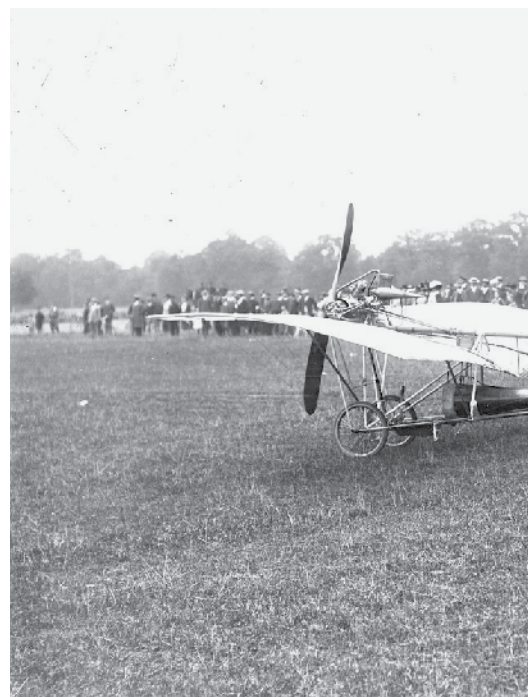


B. M. SANTOS-DUMONT.
Aéronaute [Image fixe] :
[photographie, tirage de
démonstration] / [Atelier
Nadar]. **Arquivo BNF**

SANTOS-DUMONT em
seu avião 14 bis. Neuilly-
-Saint-James. [Image fixe] :
[photographie de presse] /
[Agence Rol]. **Arquivo BNF**

Santos-Dumont, ponte entre a França e o Brasil

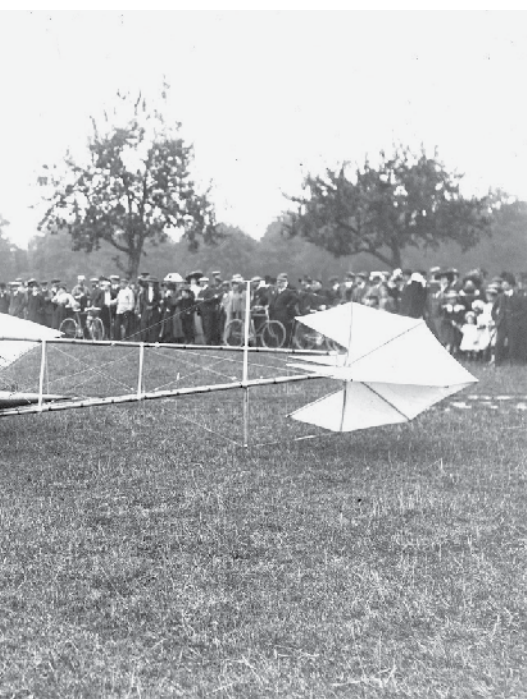
O nome Alberto Santos-Dumont (1873-1932) é, por si só, um símbolo das relações franco-brasileiras. Neto de um imigrante francês e filho de um engenheiro e cafeicultor, Alberto Santos-Dumont passou sua vida entre o Brasil e a França, onde realizou a maior parte de suas façanhas como pioneiro da aviação. Por volta de 1900, a região parisiense era, de fato, um local dinâmico para as inovações que eram, na época, o automóvel e a aeronáutica. Santos-Dumont interessou-se primeiro pelos “mais leves que o ar” – os balões, que são muito difíceis de dirigir – e depois pelos “mais pesados que o ar”. Em 1901, ele ganhou o Prêmio Deutsch de la Meurthe, ao conseguir contornar a Torre Eiffel com seu dirigível nº 6, decolando do aeródromo de France em Saint-Cloud e retornando em menos de 30 minutos. Em 1902, outro aeronauta brasileiro, Augusto Severo, teve menos sorte e sofreu um acidente fatal em Paris, onde uma rua leva seu nome. Em 1906, a bordo de seu avião *14 bis*, Santos-Dumont conseguiu um salto de 220 metros. Após esse voo, breve, mas muito aplaudido, ele continuou suas experiências e desenvolveu uma aeronave leve, “*La libellule*” (A libélula), mais conhecida como a “*Demoiselle*” (A donzela). Após esses feitos, Santos-Dumont tornou-se o “queridinho” da coluna social parisiense e recebeu todo tipo de homenagens. Em 1904, a seu pedido,



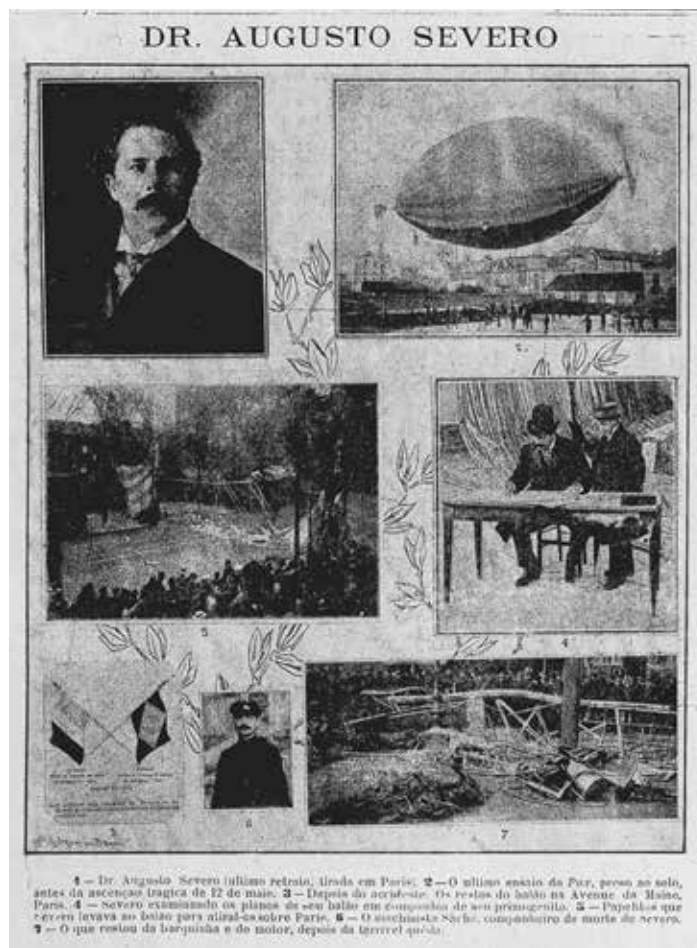
o relojoeiro Cartier desenvolveu um relógio de pulso, mais prático do que o relógio de bolso, usado nos bolsos do colete, para poder utilizar durante os voos, mas que, até então, era visto como um acessório feminino. Ao colocar um relógio no pulso, Santos-Dumont lançou uma moda masculina duradoura.

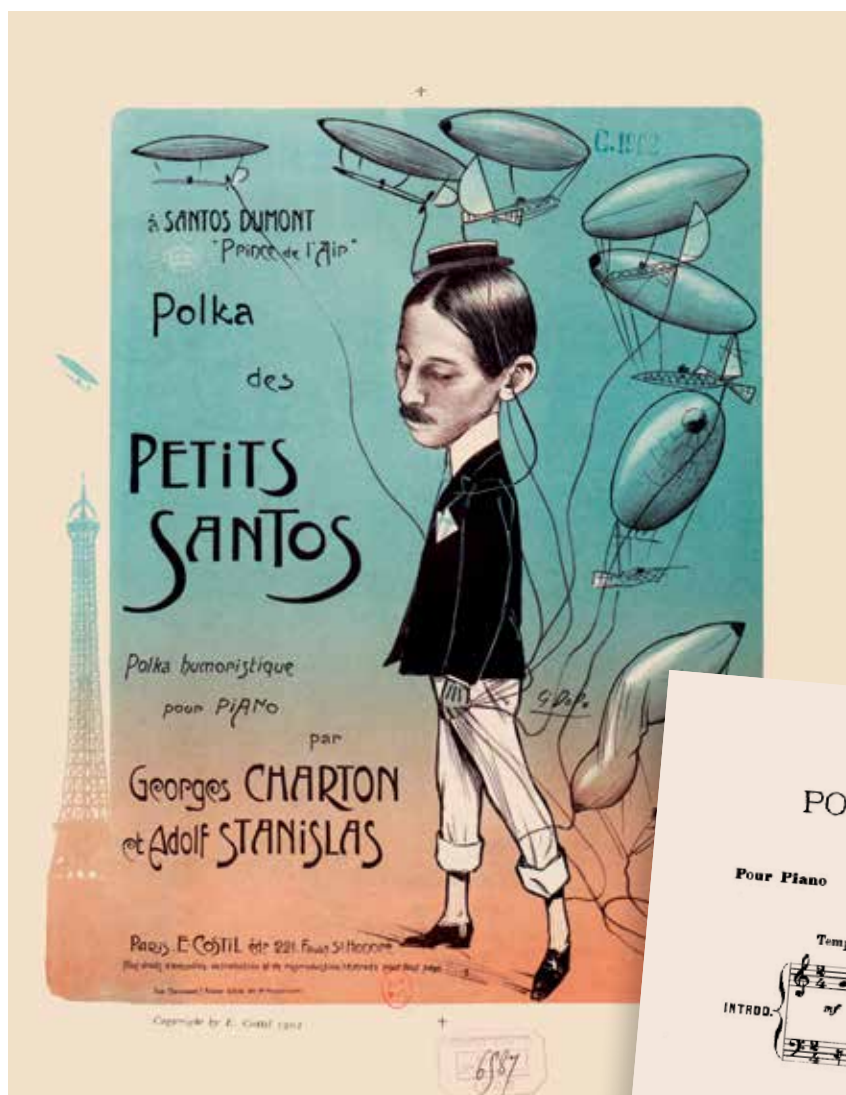
A admiração dos franceses por Santos Dumont levou a que o hidroavião que permitiu a inauguração da linha da Compagnie Air France, fundada em 1933 entre a França e a América do Sul tivesse o seu nome.

A LIBÉLULA de Santos-Dumont, setembro, 1909.
[Image fixe] : [photographie de presse] / [Agence Meurisse]. **Arquivo BNF**



TESTE de hidroavião.
Santos-Dumont, 7/10/1907
[Image fixe] : [photographie de presse] / [Agence Rol]. **Arquivo BNF**





POLKA des petits Santos :
polka humoristique pour piano
 / Georges Charton et Adolf
 Stanislas ; [ill. par] G. Dola.
 Arquivo BNF



AIR FRANCE



1^{er} Vol Transatlantique du "SANTOS-DUMONT"

(Onzième service entièrement aérien)

Le courrier parti de **Toulouse** le Dimanche 25 Novembre
est arrivé à **Natal** le 27 Novembre à 20 h. 10

Rio-de-Janeiro le 28 Novembre à 11 h. 10

Buenos-Ayres . le 29 Novembre à 2 h. 40

AIR FRANCE. primeiro voo transatlântico do avião intitulado Santos Dumont [cartaz]. 1934; 98,5 x 59 cm.

Arquivo BNF

Ligações França-Brasil

No final da década de 1920, a Companhia Geral da Aéropostale (1927-1931), comumente chamada de Aéropostale, estabeleceu linhas aéreas a partir de Toulouse (sudoeste da França) para transportar correspondência para a África e a América do Sul, com várias escalas. A partir de Natal, no Rio Grande do Norte, os hidroaviões faziam saltos até o Rio de Janeiro e continuavam sua rota para o Uruguai e a Argentina. Os instrumentos de navegação eram precários e os voos eram muito arriscados. Um dos pilotos da companhia era o escritor Antoine de Saint-Exupéry, autor de *O Pequeno Príncipe*, cuja obra literária tem como pano de fundo essa experiência única. Após a falência da companhia, o serviço foi assumido pela Air France. No entanto, os viajantes continuaram a atravessar o Atlântico em navios até a década de 1960.

Cartazes da Companhia
Geral da Aéropostale
(1927-1931). **Arquivo Museu
Air France**



AEROPOSTALE



SERVIÇO POSTAL AEREO

EUROPA - AFRICA - SUL AMERICA

Cie Gle Aéropostale, 50, Av. Rio Branco. Rio de Janeiro

ESTE CARTAZ NÃO PODE SER VENDIDO

FRANCA BRASIL 200

anos de relações
políticas e poéticas



Organizadores



MINISTÉRIO DAS
RELações
EXTERIORES

MINISTÉRIO DA
CULTURA





O Panorama do Rio de Janeiro exposto em Paris em 1824

O "panorama" é um dispositivo que associa uma construção em ro-
tunda a uma vista de 360°, pintada segundo uma técnica especifi-
ca. Atração espetacular e lucrativa, dá ao visitante a ilusão de estar
imerso em uma paisagem real. Em 1824, foi exposto em Paris o pano-
rama do Rio de Janeiro, realizado pelo mestre do gênero, Guillaume
Romny, por iniciativa da família Taunay, que chegou ao Brasil com
a "missão artística" de 1816. Nicolas Taunay teria tido a ideia. Félix
Taunay forneceu os desenhos e quadros preparatórios, pintados a
partir do morro do Castelo. Por fim, Hippolyte Taunay e outro amigo
do Brasil, Ferdinand Denis, redigiram uma longa nota explicativa.

O panorama do Rio de Janeiro transmite ao público parisiense uma
imagem tranquila da monarquia brasileira, que insinuava um distan-
ciamento das turbulências das repúblicas da América Hispânica. O
panorama faz parte de toda uma propaganda que apresenta o Brasil
como um baluarte contra as revoluções e lhe promete um futuro bri-
lhante. Isso é comprovado por esta citação extraída de um panfleto
destinado a acelerar o reconhecimento da independência do Brasil:

*"Que aqueles que ainda duvidam do alto destino deste
império vão admirar o local e a aparência de sua capital
representada em Paris com tanta veracidade e com uma
ilusão tão perfeita; que vão parar lá no meio dessa multidão
de pessoas curiosas que não deixam esse espetáculo
admirável sem exclamar: Eis um local digno da metrópole
do Universo!"*

A independência do Império do Brasil apresentada aos
monarcas europeus por M. Alphonse de Beauchamp
"historiador do Brasil", Paris: Delaunay, 1824.





Constantinople, 1848. Oil on canvas. 100 x 100 cm. Constantinople, 1848. Oil on canvas. 100 x 100 cm.

me Madeleine Lacroix
Flamengo 890



COLECOLES - COURS
COURS DE SOINS DE BEAUTE
COURS DE COUPE, COUTURE
COURS DE COIFFURE
COURS DE COIFFURE
COURS DE COIFFURE



JE T'AIME





Vizinhança

A grande singularidade da relação entre a República Francesa e o Brasil é a existência de uma fronteira terrestre comum com 730 km de extensão. Uma fronteira muito pequena para o Brasil, mas a mais extensa do território francês, que é mais de dezesseis vezes menor do que a superfície do gigante brasileiro. Esta vizinhança única entre a segunda economia da União Europeia e o maior país da América do Sul, membro fundador do Mercosul, é destacada para enfatizar as afinidades entre os dois países. A região amazônica é hoje de fato, um desafio geopolítico global. Por muito tempo periférica, ela gradualmente ganhou uma importância que antes estava longe de ter, tanto para Brasília quanto para Paris.

Antes de ser celebrada, essa proximidade foi durante muito tempo conflituosa e chegou mesmo a causar confrontos sangrentos durante o século XIX. Em 1900, a arbitragem do presidente da Confederação Suíça decidiu o litígio dando razão ao Brasil com base nos argumentos apresentados pelo Barão do Rio Branco, ministro das Relações Exteriores de 1902 a 1912.

A fronteira franco-brasileira, finalmente fixada no rio Oiapoque, como qualquer limite internacional, distingue duas soberanias, mas é também um local de intercâmbios e circulações. As duas margens do Oiapoque partilham experiências históricas que moldaram a sua sociedade e cultura, como a dominação das populações indígenas, a escravidão, a colonização e todas as suas consequências sociais e ambientais. Elas enfrentam os mesmos desafios imensos: integração regional, melhoria das condições de vida da maioria dos habitantes, respeito ao multiculturalismo, desenvolvimento que não coloque em risco os ecossistemas e a biodiversidade, combate ao narcotráfico e ao garimpo...



VIZINHANÇA

Uma fronteira disputada

As disputas territoriais entre portugueses e franceses são muito antigas. Em 1712, o Tratado de Utrecht, que pôs fim à Guerra da Sucessão Espanhola, designou o rio "Japoé ou Yventé Piran" como a fronteira entre os dois domínios. O problema é que, para os franceses, esse rio é a Araguari, localizada no atual estado do Amapá, enquanto que para os portugueses, e posteriormente para os brasileiros, trata-se do Oiapoque. Na falta de mapas e de conhecimentos precisos sobre essas regiões, muito distantes dos interesses dos dois governos, a região "disputada" é neutralizada a partir de 1845. Na década de 1880, enquanto a França participava muito ativamente da grande expansão imperialista e estendia seu império colonial na África, as reivindicações tornaram-se mais precisas. As tensões degeneraram a partir da descoberta de ouro no Contestado em 1893 e do afluxo de milhares de garimpeiros. Em maio de 1895, combates entre militares franceses e brasileiros causaram cerca de cinquenta mortes. O "massacre do Amapá", como a epopeia ficou conhecida, levou o governo francês a fazer a jovem República Federativa do Brasil recorrer à arbitragem da Suíça, que colocou o território disputado sob a soberania brasileira e fixou a fronteira no rio Oiapoque.



Em maio de 1895, combates entre militares franceses e brasileiros causaram cerca de cinquenta mortes. O "massacre do Amapá", como a epopeia ficou conhecida, levou o governo francês a fazer a jovem República Federativa do Brasil recorrer à arbitragem da Suíça, que colocou o território disputado sob a soberania brasileira e fixou a fronteira no rio Oiapoque.



Vizinhança

A grande importância do bairro para a história de São Paulo é evidenciada pelo fato de que, desde o século XVI, a região foi palco de importantes acontecimentos. A primeira povoação, fundada em 1564, foi a Vila Rica, que se tornou o núcleo da cidade. A Vila Rica foi fundada por Paulo Gomes, um português que veio para o Brasil em busca de fortuna. A Vila Rica foi fundada no local onde hoje se encontra o bairro da Vizinhança. A Vila Rica foi fundada no local onde hoje se encontra o bairro da Vizinhança. A Vila Rica foi fundada no local onde hoje se encontra o bairro da Vizinhança.

Após a fundação da Vila Rica, a região passou a ser conhecida como Vila Rica. A Vila Rica foi fundada no local onde hoje se encontra o bairro da Vizinhança. A Vila Rica foi fundada no local onde hoje se encontra o bairro da Vizinhança. A Vila Rica foi fundada no local onde hoje se encontra o bairro da Vizinhança.

A Vila Rica foi fundada no local onde hoje se encontra o bairro da Vizinhança. A Vila Rica foi fundada no local onde hoje se encontra o bairro da Vizinhança. A Vila Rica foi fundada no local onde hoje se encontra o bairro da Vizinhança. A Vila Rica foi fundada no local onde hoje se encontra o bairro da Vizinhança. A Vila Rica foi fundada no local onde hoje se encontra o bairro da Vizinhança.





Lutas e Conflitos Políticos

A luta pela democracia e pela liberdade é uma constante na história da humanidade. No Brasil, essa luta se manifestou de diversas formas, desde a Revolução de 1938 até a luta pela Constituição de 1988. A luta pela democracia e pela liberdade é uma constante na história da humanidade. No Brasil, essa luta se manifestou de diversas formas, desde a Revolução de 1938 até a luta pela Constituição de 1988.





Ciência e Tecnologia

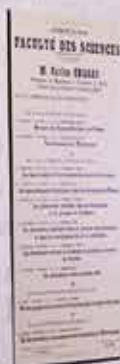
Até a chegada da Corte portuguesa ao Rio de Janeiro em 1808, os estrangeiros não tinham permissão para entrar no Brasil; tudo mudou a partir desta data. A flora, a fauna e os costumes desse país despertaram grande interesse entre os cientistas europeus de todas as nacionalidades. Estes últimos empreenderam expedições e viagens científicas pelo país que duraram vários meses, ou mesmo vários anos, e foram incentivados pelas autoridades brasileiras, desejosas de acumular conhecimentos e desenvolver suas próprias instituições. O botânico Auguste de Saint-Hilaire passou seis anos no Brasil entre 1816 e 1822 e trouxe milhares de espécimes que enriqueceram as coleções do Museu de História Natural de Paris. O trabalho de Saint-Hilaire lhe rendeu um busto no Jardim Botânico do Rio de Janeiro. A maioria das expedições contava com pintores e desenhistas em suas fileiras, a fim de registrar visualmente suas descobertas. Assim, Aimé-Adrien Taunay e Hercule Florence (1804-1879) participaram da expedição ao Mato Grosso e ao Pará (1825-1829) do cônsul da Rússia, Georg Heinrich von Langsdorff. Taunay se afoagou no rio Guaporé; Florence, que se estabeleceu definitivamente no Brasil, desenvolveu vários processos inovadores relacionados à fotografia e à impressão.

O governo imperial recorreu voluntariamente a europeus para colaborar no desenvolvimento de suas instituições científicas. O mineralogista francês Claude-Henri Gorceix fundou, em 1875, a Escola de Minas de Ouro Preto, em Minas Gerais. Na mesma época, o médico Louis Couty estudou as propriedades do curare e de várias plantas no Museu Nacional.

Engenheiros e cientistas franceses tornaram-se celebridades internacionais. Louis Pasteur, cientista renomado, a quem devemos, entre outras coisas, a "pasteurização" e a vacina contra a raiva, e um dos poucos franceses a quem as ruas prestam homenagem em várias cidades do Brasil, embora ele nunca tenha estado lá.

As visitas e os intercâmbios se multiplicam no século XX. Em 1928, a franco-polonesa Marie Curie, acompanhada por sua filha Irêna, veio ao Rio para dar palestras. Ela foi a primeira mulher a lecionar na Sorbonne, a primeira mulher a dirigir um laboratório, a primeira mulher a receber um prêmio Nobel, o prêmio de Física em 1903, juntamente com seu marido Pierre Curie e Henri Becquerel. Em 1911, ela também recebeu o Prêmio Nobel de Química. Quanto à sua filha Irêna, esta recebeu, junto com seu marido Frédéric Joliot, o Prêmio Nobel de Química em 1935.





*Nunca dê um nome a um rio:
Sempre é outro rio a passar.
Nada jamais continua,
Tudo vai recomeçar!*

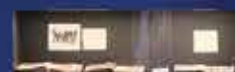
Tudo vai reconectar





Santos-Dumont
ponte entre a França e o Brasil

"Doutor Cardim, as notícias dos países do mundo, através as páginas entre si, não deixam de ser por realidade, pelo prazer e pelo, tudo é que nos fazemos, os nossos, o Brasil é aquele que se sente prático, por mais indiferença que sejam, foram impressionados com os seus poderes."



FACULTÉ DES SCIENCES

UNIVERSITÉ DE PARIS
1924-1955

M. Carlos CHAGAS
Professeur de Biophysique à l'Université
Docteur Honoris Causa de l'Université

matières suivantes

UNIVERSITÉ DE PARIS
FACULTÉ DES SCIENCES

M. Carlos CHAGAS
Né le 10 mars 1898 à Rio de Janeiro (Brésil)
Docteur Honoris Causa de l'Université de Paris
le 22 novembre 1955

Leçons de Biophysique
1. Les bases ioniques de l'électrogénèse dans les arcs et les muscles.
2. Les bases ioniques de l'électrogénèse dans les arcs et les muscles.
3. Les bases ioniques de l'électrogénèse dans les arcs et les muscles.
4. Les bases ioniques de l'électrogénèse dans les arcs et les muscles.
5. Les bases ioniques de l'électrogénèse dans les arcs et les muscles.
6. Les bases ioniques de l'électrogénèse dans les arcs et les muscles.
7. Les bases ioniques de l'électrogénèse dans les arcs et les muscles.
8. Les bases ioniques de l'électrogénèse dans les arcs et les muscles.
9. Les bases ioniques de l'électrogénèse dans les arcs et les muscles.
10. Les bases ioniques de l'électrogénèse dans les arcs et les muscles.



UNIVERSITÉ DE PARIS
FACULTÉ DES SCIENCES

M. Carlos CHAGAS
Né le 10 mars 1898 à Rio de Janeiro (Brésil)
Docteur Honoris Causa de l'Université de Paris
le 22 novembre 1955

Leçons de Biophysique
1. Les bases ioniques de l'électrogénèse dans les arcs et les muscles.
2. Les bases ioniques de l'électrogénèse dans les arcs et les muscles.
3. Les bases ioniques de l'électrogénèse dans les arcs et les muscles.
4. Les bases ioniques de l'électrogénèse dans les arcs et les muscles.
5. Les bases ioniques de l'électrogénèse dans les arcs et les muscles.
6. Les bases ioniques de l'électrogénèse dans les arcs et les muscles.
7. Les bases ioniques de l'électrogénèse dans les arcs et les muscles.
8. Les bases ioniques de l'électrogénèse dans les arcs et les muscles.
9. Les bases ioniques de l'électrogénèse dans les arcs et les muscles.
10. Les bases ioniques de l'électrogénèse dans les arcs et les muscles.

II
Les bases ioniques de l'électrogénèse dans les
Les bases ioniques de l'électrogénèse dans les
Les phénomènes électrostatiques dans les
et les processus de

Referências bibliográficas

ARAÚJO, Rodrigo Nabuco de, *Diplomates en uniforme. L'outil militaire dans la diplomatie française au Brésil (1956-1974)*, Reims: Épure, 2022.

BILLÉ, Philippe. Vocabulaire français d'origine tupi-guarani, *Bulletin hispanique* [En ligne], 124-2, 2022, mis en ligne le 01 janvier 2027.

BRANDÃO, Adriana, *Les Brésiliens à Paris au fil des siècles et des arrondissements*. Paris: Chandeigne, 2019.

CHARLE, Christophe. *Paris: "capitales" des XIXe siècle*. Paris: Seuil, 2021.

CHIRIO, Maud. Formes et dynamiques des mobilisations politiques des exilés brésiliens en France (1968-1979), *Cahiers des Amériques latines*, 48-49 | 2005, 75-89.

CUCHET, Guillaume. *Les voix d'outre-tombe, tables tournantes, spiritisme et société au XIXe siècle*. Paris: Éditions du Seuil, 2012.

DE BRITO, Angela Xavier, *L'influence française dans la socialisation des élites féminines brésiliennes*. Le collège Notre Dame de Sion à Rio de Janeiro. Paris: L'Harmattan, 2010.

DIAS, Elaine, *Paisagem e Academia : Félix-Émile Taunay e o Brasil, 1824-1851*, Campinas, Ed. Unicamp, 2009.

DUARTE-PLON, Leneide e MEIRELES, Clarisse. *Tito De Alencar (1945-1974). Un dominicain brésilien martyr de la dictature*. Paris: Karthala, 2020.

ESTEVEZ, Bernardo, M. Sc., MASSARANI, Luisa, D. Sc., MOREIRA, Ildeu De Castro, D. Sc., "La visite de Marie Curie à Rio de Janeiro en 1926 et la presse brésilienne" *Revista da SBPC*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 134-148, jul | dez 2000.

FERREIRA, Marieta de Moraes. Os professores franceses e a redescoberta do Brasil. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, ano XI, n. 43, p. 227-246, abr./ maio/ jun., 2005.

FIGUEIREDO, Luciano (org.) *A França nos Trópicos*. Rio de Janeiro: Sabin, 2009 (Coleção Revista de História no Bolso; 5).

FLÉCHET, Anaïs; COMPAGNON, Olivier; CAPANEMA, Sílvia. *Como era fabuloso o meu francês!* Imagens e imaginários da França no Brasil (séculos XIX-XXI). Rio de Janeiro: Editora 7Letras, 2017

FLÉCHET, Anaïs, "Si tu vas à Rio..." La musique populaire brésilienne en France au XX^e siècle. Paris: Armand Colin, 2013.

GOEBEL, Michael. *Paris, capitale du tiers monde. Comment est née la révolution anticoloniale (1919-1939)*. Paris: La Découverte, 2017.

GRANGER, Stéphane Le Contesté franco-brésilien : enjeux et conséquences d'un conflit oublié entre la France et le Brésil. *Outre-Mers. Revue d'histoire* Année 2011 372-373 pp. 157-177

GUIMARÃES, Valéria. Relações transnacionais: jornais franceses publicados no Brasil (1854-1924). [http://escritos.rb.gov.br/numero09/cap_02.pdf]

_____. *A Imprensa Francófona no Brasil: circulação transnacional e cultura midiática nos séculos XIX e XX*. HISTÓRIA (SÃO PAULO), v. 38, pp. 1-23, 2019, disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1980-4369e2019023>>.

_____. Imprensa periódica em francês no Brasil In: GUIMARÃES, V. S. ; LUCA, T. R.; STEPHANOU, M. (orgs). *Catálogo Transfopress Brasil: Imprensa estrangeira publicada no Brasil*. 2^a ed. SP: Ed. UNESP - Selo Cultura Acadêmica, 2023, pp. 129-149.

KURY, Lorelai. *Lugares de Memória: a França no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Andrea Jakobson Estúdio, 2018.

LESTRINGANT, Frank. De Jean de Léry a Claude Lévi-Strauss: por uma arqueologia de Tristes trópicos. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, 2000, v. 43 n^o 2, pp. 81-103

MIGNOLO, W. D. *Histórias locais, projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Trad. Solange Ribeiro de Oliveira. BH: Ed. UFMG, 2020.

MOURA, Monize. Les tournées de Sarah Bernhardt dans les Amériques. *Transatlantic Cultures*, 2023, <https://doi.org/10.35008/tracs-0198>

NEEDELL, Jeffrey D. *Belle époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. SP: Cia. das Letras, 1993.

OLIVEIRA, Cecília Helena de Salles e PIMENTA, João Paulo (org.), *Dicionário da Independência do Brasil: História, Memória e Historiografia*, São Paulo, EDUSP, 2022.

ROCHA, Everardo; LANA, Lígia. No jardim das delícias: os dilemas de Brigitte Bardot no Rio de Janeiro. *Matrizes*, vol. 13, núm. 1, 2019, -, pp. 191-209.

ROMANI, Carlo, O "Massacre de Amapá": a guerra imperialista que não houve, *Caravelle*, 95, 2010, 85-118.

ROZEAUX, Sébastien. La naissance contrariée d'une société du spectacle au Brésil, 1855-1880». *MONDE(s)* 2014/2, N° 6, pp. 223-242.

SAUTHIER, Étienne. *Proust sous les tropiques: diffusion, réceptions, appropriations et traduction de Marcel Proust au Brésil (1913–1960)*. Lille: Presses Universitaires du Septentrion, 2021.

SCHWARCZ, Lilia Moritz, *O Sol do Brasil: Nicolas-Antoine Taunay e as desventuras dos artistas franceses na corte de d.João*, São Paulo, Cia Das Letras, 2008.

SENTO SÉ, Rafael *A poeta da Cidade Maravilhosa*. Belo Horizonte: Autêntica, 2025.

SORBET, P. Les mots d'origine portugaise en français, *Białostockie Archiwum Językowe*, (15), 2015, pp. 383–393 doi: 10.15290/baj.2015.15.25.

SOUTY, Jérôme. *Pierre Fatumbi Verger : du regard détaché à la connaissance initiatique*. Paris: Maisonneuve & Larose, 2020.

STRAUTMANN, Patrick. *Oyapock*. Paris: Chandeigne & Lima, 2024.

TETTAMANZI, Régis (dir.), *Le voyage au Brésil*. Anthologie de voyageurs français et francophones du XVI^e au XX^e siècle. Paris: Robert Laffont, 2014.

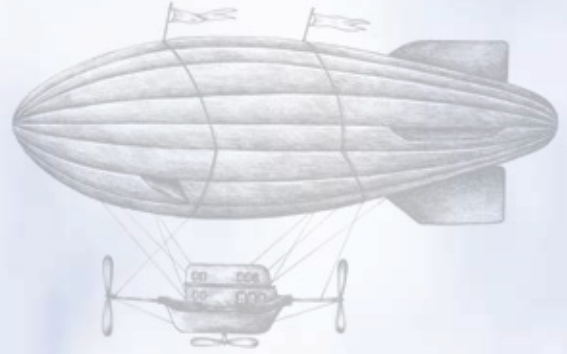
TODD, David. *Un empire de velours : L'impérialisme informel français au XIX^e siècle*. Paris: La découverte, 2022.

VALVERDE, Orlando. La coopération française dans la géographie brésilienne. *France-Brésil : vingt ans de coopération*, édité par Luiz Claudio Cardoso et Guy Martinière, Éditions de l'HEAL, 1989, <https://doi.org/10.4000/books.iheal.1715>.

VIDAL, Laurent & LUCA, Tania Regina de, *Les Français au Brésil XIX^e-XX^e siècles*, Paris: Les Indes Savantes, 2016.

WITKOWSKI, Ariane. De la matchitché à la lambada. Présence de la musique populaire brésilienne en France, *Cahiers du Brésil contemporain*, n°12, 1990.

Version française



France-Brésil: un sentiment atlantique

La mer toujours recommencée.

Paul Valéry

Quand je me penche sur les relations entre la France et le Brésil, je repense aux souvenirs de Joaquim Nabuco, au lien profond et affectif évoqué dans le livre mémorable *Ma formation*:

«Parfois, je me laisse distraire en me demandant quel peuple je sauverais, si l'humanité devait s'en réduire à un seul. Mon hésitation serait entre la France et l'Angleterre (...) Entre la France et l'Angleterre, cependant, je suis toujours indécis. Mon devoir serait peut-être de porter secours à la France. 'Si Madame Récamier et moi étions en train de nous noyer, laquelle de nous deux sauveriez-vous?' demanda un jour Madame de Staël à son ami Talleyrand. 'Oh! madame, vous savez nager.' L'Angleterre, elle aussi, sait nager.»

Dans la mer occidentale de Joaquim Nabuco, comme dans les aspirations culturelles de tant de générations de Brésiliens, la France émerge au pluriel de toutes ses voix. Dans le théâtre d'Artaud et de Molière, dans la poésie de Valéry et Baudelaire, de Claudel et Bonnefoy. Entre la philosophie de Sartre et Descartes, la peinture de Balthus et Monet, la prose enflammée de Rabelais et Perec, le cinéma de Renoir et Cocteau, l'ethnographie de Mauss et Lévi-Strauss, l'histoire de Febvre et Marc Bloch, les compositions de Satie et le hip-hop.

Ici, je m'arrête, incapable de traduire la France singulière et multiethnique, territoire fluide et poreux, dans lequel s'inscrivent les puissances formidables de la francophonie.

Mais il y a aussi la contrepartie: toute la fascination que le Brésil exerce sur le pays de Balzac, depuis la France Antarctique et l'Équinoxiale. L'inspiration des pages de Claudel et des partitions de Milhaud. La légion des lecteurs de Clarice, Machado et Guimarães. Les amateurs de Tom Jobim et Villa-Lobos, Chico, Gil et Caetano. Et les voix afro-brésiliennes qui nous unissent.

Je pense à Blaise Cendrars, auteur franco-suisse de *Etc... etc...* (*un livre 100 % brésilien*), qui considérait le Brésil comme une *seconde patrie spirituelle*, ou lorsqu'il cherchait à décrire la baie de Guanabara, dans toutes ses lignes

«scintillantes qui convergent et se nouent comme une torsade de perles lumineuses au cou d'une déité indienne, autour du sombre du majestueux piton du Pain de Sucre.»

Mais comment ne pas évoquer, cette fois-ci pour des motifs stratégiques et géopolitiques, l'intéressant livre de Marco Morel, intitulé : *Le jour où Napoléon voulut envahir le Brésil. Les plans secrets qui auraient pu changer l'histoire du Nouveau Monde*. Le conditionnel *si* éclaire le processus historique, atténuant l'idée d'un destin irrévocable.

Quoi qu'il en soit, les raisons ne manquent pas de célébrer nos cinq cents ans de proximité et de convergence culturelle.

Tout cela est inscrit dans la mémoire de notre patrimoine documentaire, dans les collections rares et précieuses de la FBN. C'est la raison pour laquelle son nom apparaît dans les *Actes adoptés à l'occasion de la visite au Brésil du Président de la France, Emmanuel Macron – 28 mars 2024*: «initiatives de coopération entre la Fondation de la Bibliothèque nationale du Brésil et la Bibliothèque nationale de France».

Les relations entre nos Bibliothèques nationales reflètent et renouvellent les liens culturels qui régissent la diplomatie du livre, depuis l'accord signé en 2009, à l'occasion du projet «La France au Brésil», lorsque des documents virtuels de premier plan ont été rassemblés sur les portails de nos institutions respectives.

Aujourd'hui, en novembre 2025, la FBN et la BnF ont signé un accord beaucoup plus profond et complet, axé sur les nouvelles technologies, selon une initiative sans précédent, reposant sur des principes transversaux et interactifs.

Le premier fruit de cet accord est la présente exposition des 200 ans de relations diplomatiques entre le Brésil et la France, inaugurée dans le cadre de Rio Capitale mondiale du livre. Cet événement bénéficie du soutien d'institutions représentatives telles que la mairie de Rio de Janeiro, l'Institut Français, l'Ambassade de France, l'Institut Guimarães Rosa et le ministère des Affaires étrangères.

Le commissariat d'exposition tripartite révèle, à travers le choix des objets, la structure sémiotique et le cadre de l'exposition, le dialogue réussi entre Armelle Enders (Paris 8), Giselle Venancio (UFF) et Mônica Carneiro Alves (FBN). Il est important de souligner le sentiment général de cette rencontre de savoirs, comme en témoigne la question suivante:

«Les relations franco-brésiliennes sont-elles le résultat d'affinités particulières forgées par l'histoire et la géographie, ou bien cette spécificité supposée n'est-elle qu'une rhétorique et un cliché? Différent-elles des relations que le Brésil et la France entretiennent avec d'autres pays ou zones culturelles? Dans la mesure du possible, l'exposition cherchera à élargir le champ de la confrontation face à face et à adopter une perspective transnationale, en intégrant d'autres acteurs ou d'autres domaines.»

Une série de questions ouvertes invite à la réflexion, à un parcours de proximité et d'empathie, selon une approche critique et ludique, sereine et sensible.

Sept sections, ou chapitres, avec un accent sur l'économie des relations, en duos dynamiques et décentrés, intenses et étendus, selon une logique d'adhésions infinies. *Le croisement* est le mot d'ordre, le leitmotiv, l'idée récurrente, le réseau délicat qui compose l'imaginaire, les échanges symboliques, les métaphores d'un dialogue fécond.

Nous remercions les équipes de la FBN et de la BnF, dont les sigles forment un palindrome en miroir, entre coïncidence et destin.

Puissent s'accomplir la somme des savoirs et l'alliance des peuples – le sentiment atlantique de Joaquim Nabuco, d'une mer toujours recommencée.

Marco Lucchesi

PRÉSIDENT DE LA FONDATION DE LA
BIBLIOTHÈQUE NATIONALE DU BRÉSIL

• • •

En octobre 1825, le roi Charles X envoyait un courrier à son «très aimé frère et cousin l'Empereur du Brésil» Dom Pedro Primeiro et lui envoyait un plénipotentiaire. Cet acte marqua le début des relations diplomatiques entre la France et le Brésil. Relations qui s'avèrent par la suite riches, fécondes, denses, prolifiques, que ce soit sur les plans culturel, artistique, économique, humain, académique ou scientifique.

Si les voyageurs français furent nombreux à se rendre au Brésil dès le XVI^{ème} siècle, il fallut attendre 1816 et l'arrivée à Rio de Janeiro d'une mission artistique, menée par Jean-Baptiste Debret, pour que de solides liens culturels se tissent entre nos deux pays. Ils furent nombreux à suivre son exemple, attirés et fascinés par le Brésil, à la fois proche et distant, divers et exubérant. Nous ne pourrions bien entendu tous les citer, mais quelques noms se détachent. L'immense actrice Sarah Bernhardt, qui fit trois tournées au Brésil (1886, 1895 et 1903); le diplomate et écrivain Paul Claudel, en mission à Rio au moment de la première Guerre mondiale, accompagné dans son ambassade par le grand compositeur Darius Milhaud; Blaise Cendrars, qui tira de son périple en 1924 «Le Brésil, des hommes sont venus»; Claude Levi-Strauss, qui participa, aux côtés de Roger Bastide, Fernand Braudel et Pierre Monbeig, à la création de l'Université de Sao Paulo; et tant d'autres encore qui participèrent généreusement au renforcement des liens qui nous unissent.

Cette histoire commune, fondée sur l'admiration et le respect réciproques, n'est pour autant pas exempte de quelques nuages: désaccords sur la question de l'esclavage

au milieu du XIX^{ème} siècle, la souveraineté de l'Amapa à la fin du XIX^{ème} ou la pêche à la langouste au début des années 1960; ou encore l'accueil d'exilés politiques sur le territoire français pendant les heures sombres de la dictature. Pourtant, nous avons toujours su surmonter ces divergences pour nous concentrer sur l'essentiel: le constat que nos relations étaient mutuellement bénéfiques. Et porteuses d'idées innovantes, de projets ambitieux.

Ainsi des saisons culturelles croisées en France en 2005 puis au Brésil en 2009. Et cette nouvelle saison France-Brésil qui offre à voir à nos concitoyens la diversité et l'intensité des créations culturelles de nos deux pays. Surtout, elle ouvre la voie vers de nouvelles coopérations, de nouveaux projets, et l'écriture de nouvelles pages de notre histoire commune. Avec une dimension supplémentaire: des ponts jetés au travers de l'Atlantique pour que l'Afrique apporte sa vitalité à ces échanges.

C'est tout cela que cette exposition retrace, grâce au travail remarquable des deux commissaires, auxquelles je tiens à rendre un chaleureux hommage.

Emmanuel Lenain

AMBASSADEUR DE FRANCE AU BRÉSIL

• • •

France-Brésil: deux cents ans de relations politiques et poétiques

La Saison Croisée France Brésil 2025 a été l'occasion de célébrer le bicentenaire des relations diplomatiques entre les deux États, à charge pour l'exposition présentée à la Fundação Biblioteca Nacional, dont ce catalogue est le témoignage, de passer en revue deux cents ans d'histoire(s) croisée(s), d'expériences et de combats partagés.

En 1825, en effet, la reconnaissance par le Portugal de l'indépendance et de la souveraineté de l'Empire du Brésil a ouvert la voie à l'établissement de relations diplomatiques entre le nouvel État et les monarchies européennes et, parmi celles-ci, avec le royaume de France. Bien des hommes et des femmes – voyageurs, exilés, migrants – n'avaient pas attendu cette officialisation pour traverser l'Atlantique dans les deux sens et faire circuler les mots, les idées, les savoir-faire.

En deux cents ans, la France et le Brésil, devenus tous deux républicains, ont profondément changé, de même que le monde dans lequel ils évoluent et que leur poids respectif sur la scène internationale. Une seule donnée suffit à éclairer ces bouleversements: en 1825, le roi Charles X et l'empereur D. Pedro I^{er} comptaient respectivement 32

millions et 4 millions de sujets. En 2025, l'Insee¹ dénombre 69 millions d'habitants en France et l'IBGE² évalue à 213,5 millions ceux du Brésil.

Plus qu'à une simple commémoration, l'exposition et sa traduction dans ce catalogue – conçues par un duo franco-brésilien d'historiennes – invite à la réflexion sur la réalité et la nature de ces affinités tant célébrées entre la France et le Brésil, sans omettre les parts d'ombre, les divergences et les aspérités qui ont pu ponctuer leur relation, car l'histoire, comme démarche de science humaine et sociale, est un exercice de lucidité.

Ce voyage à travers le temps ne suit pas un fil chronologique, mais propose une navigation de thème en thème, au fil des échanges franco-brésiliens. Il est très loin d'en épuiser la richesse; il comporte bien des lacunes qui résultent de la nécessité de faire des choix ou de l'absence de document disponible. Chacun des thèmes retenus pourrait donner lieu à une exposition à part entière. De plus, le passage de l'exposition à une version imprimée oblige à certaines transpositions. Les nombreuses vidéos, puisées dans les fonds de l'INA³, et la bande sonore, composée de chansons francophones empruntées à la MPB ("Musique populaire brésilienne"), ou évoquant le Brésil, et d'interprétations brésiliennes de classiques du répertoire en français ou faisant allusion à la France, ne sont ni visibles ni audibles dans cet ouvrage. Il faut les avoir à l'oreille en feuilletant ces pages, car la "variété" véhicule l'air du temps et tout un imaginaire que cette exposition vise à mettre en perspective.

Le parcours proposé offre une occasion de mieux se connaître, d'interroger les représentations réciproques, souvent réduites à une poignée de types sociaux et à quelques fantasmes, et de mesurer leurs variations. Il souligne cette caractéristique unique de la relation France-Brésil: l'existence d'une frontière terrestre commune, de part et d'autre du fleuve Oyapock, dans une Amazonie située à l'avant-poste des immenses défis qui se posent aux sociétés actuelles comme le respect du multiculturalisme, la défense de la démocratie, la recherche d'une société et d'un monde plus équitables, et toutes les conséquences du changement climatique, en cette année 2025 qui a vu Belém abriter la COP 30.

Armelles Enders et Giselle Martins Venancio
COMMISSAIRES DE L'EXPOSITION

• • •

1. Institut National de la Statistique et des Études Économiques

2. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas

3. Institut National de l'Audiovisuel

Les Français dans l'indépendance du Brésil

De nombreux Français contribuent, directement ou indirectement, à l'Indépendance du Brésil. L'un des plus célèbres d'entre eux, le peintre Jean-Baptiste Debret, arrivé en 1816 avec la «mission artistique française», est le principal inventeur de l'esthétique, des symboles et de l'iconographie du jeune empire, y compris de son drapeau. Un ancien officier français, Pierre Labatut, passe au service de D. Pedro I^{er} et livre bataille aux Portugais à Bahia. D'autres s'emploient, par leurs réseaux en France, à défendre la cause de l'Indépendance du Brésil auprès des chancelleries européennes.

C'est que l'acclamation de D. Pedro I^{er}, «défenseur perpétuel et empereur constitutionnel du Brésil» pose un problème épineux à la France où règne Charles X, frère de Louis XVI guillotiné en 1793. Les monarchies européennes se sont en effet unies en une «Sainte-Alliance» pour empêcher toute résurgence des idées révolutionnaires. Elles interprètent les indépendances américaines comme autant de rébellions impies contre des souverains choisis par Dieu. Les événements du Brésil sont jugés d'autant plus sévèrement que, dans ce royaume, le fils a usurpé la couronne de son père, D. João VI.

L'Angleterre et la France estiment cependant que l'émancipation de l'Amérique portugaise est inévitable. Elles souhaitent surtout substituer leur influence et leur commerce à ceux du Portugal, mais, pour ce faire, il est impératif que D. João VI reconnaisse officiellement l'indépendance du nouvel État et la couronne de son fils. C'est chose faite à partir de la signature du traité signé à Rio de Janeiro le 29 août 1825. La France de Charles X, qui a reconnu elle-même l'indépendance d'Haïti en avril 1825, moyennant une forte indemnité à l'origine de l'endettement de ce pays, aimerait obtenir du Brésil un traité aussi avantageux que celui dont jouit l'Angleterre et normalise progressivement, à partir d'octobre 1825, les relations diplomatiques entre les deux États. Le traité d'amitié, commerce et navigation entre la France et le Brésil est signé le 8 janvier 1826.

Le Panorama de Rio de Janeiro exposé à Paris en 1824

Le «panorama» est un dispositif qui associe un édifice en rotonde à une vue à 360°, peinte selon une technique très spécifique. Attraction spectaculaire et lucrative, il remporte un grand succès en Europe au XIX^e siècle car il donne l'illusion au visiteur d'être immergé au cœur d'un paysage ou de surplomber une ville prestigieuse, comme Athènes, Rome ou Jérusalem.

En 1824, avant même la reconnaissance officielle de l'indépendance et de la souveraineté de l'Empire du Brésil,

est exposé à Paris le panorama de Rio de Janeiro, réalisé par le maître du genre, Guillaume Romny sur une initiative de la famille Taunay, arrivée au Brésil avec la «mission artistique» de 1816. Nicolas Taunay en aurait eu l'idée, Félix Taunay a fourni les dessins et tableaux préparatoires, peints depuis la colline du Castelo (arasée dans les années 1920). Enfin, Hippolyte Taunay et, un autre ami du Brésil, Ferdinand Denis, rédigent une longue notice explicative qui est une sorte de guide détaillé du Brésil, de son histoire, de ses mœurs, de sa faune, de sa flore, de ses ressources économiques.

Le panorama de Rio de Janeiro renvoie au public parisien une image apaisée de la monarchie brésilienne, loin des turbulences des républiques d'Amérique hispanique. Le panorama participe à toute une propagande qui présente le Brésil comme un rempart contre les révolutions et lui promet un avenir radieux. En témoigne cette citation extraite d'un pamphlet destiné à accélérer la reconnaissance de l'Indépendance du Brésil:

«Que ceux qui douteraient encore des hautes destinées de cet empire, aillent admirer le site et l'aspect de sa capitale représentée au sein de Paris avec tant de vérité et avec une illusion si parfaite; qu'ils y aillent au milieu de cette affluence de personnes curieuses qui ne quittent point cet admirable spectacle sans s'écrier : Voilà un site digne de la métropole de l'Univers !»

L'indépendance de l'empire du Brésil présentée aux monarques européens, par M. Alphonse de Beauchamp, «historien du Brésil», Paris, Delaunay, 1824.

Ce que retiennent la critique et le public de ce spectacle, c'est la beauté de la baie de Janeiro et ses curieux mornes, et non l'intérêt, jugé faible, de la ville et de ses constructions.

Un fois l'exposition terminée, le «Panorama de Rio de Janeiro» fut détruit, ce qui était la pratique habituelle pour ces œuvres éphémères, mais le peintre et graveur suisse Friedrich Salathé (1793-1858) en a laissé ce témoignage: on constate que les deux extrémités de la gravure se rejoignent, l'église de Glória apparaît à l'extrémité gauche du tableau tandis que le Pain de Sucre est représenté à l'extrémité droite.

Pierre Labatut (Cannes 1796- Bahia, 1849).

La biographie de Pierre Labatut est auréolée de mystère, surtout ses années de formation, et semée de controverses. Après avoir participé aux guerres de la Révolution et de l'Empire, il passe en Amérique et se joint aux armées de Simon Bolivar avant de mettre ses talents militaires au

service de l'indépendance. Il remporte des succès à Bahia contre l'armée portugaise et participe à plusieurs campagnes, mais sa réputation de brutalité, ses exactions et peut-être ses convictions républicaines lui valent d'être plusieurs fois disgracié et emprisonné.

Une «amitié perpétuelle»

Le traité d'amitié, commerce et navigation du 8 janvier 1826, signé "Au nom de la très sainte Trinité indivisible" entre Sa Majesté Très chrétienne le roi de France et de Navarre et Sa Majesté l'Empereur constitutionnel et Défenseur perpétuel du Brésil, parachève la reconnaissance de l'indépendance du Brésil et la dignité impériale de D.Pedro et de ses successeurs par la France

Article premier

«Il y aura paix constante et amitié perpétuelle entre leurs Majestés le Roi de France et de Navarre et l'empereur du Brésil, leurs héritiers et successeurs, et entre leurs sujets de tous territoires sans exception de personne ni de lieu».

Liens dynastiques

La famille impériale brésilienne noue des liens matrimoniaux avec les enfants et petits-enfants de Louis-Philippe, duc d'Orléans, puis roi des Français (et non «roi de France») grâce à la Révolution de 1830 et renversé par la Révolution de 1848. L'un des fils du roi, François d'Orléans (1818-1900), prince de Joinville, épouse en 1843 à Rio de Janeiro Dona Francisca de Bragança (1824-1898), sœur de D. Pedro II. La princesse Isabel (1846-1921) épouse pour sa part un petit-fils du roi Louis-Philippe: Gaston d'Orléans, comte d'Eu (1842-1922).

• • •

Regards croisés

Au XIX^e siècle et jusqu'à la Seconde Guerre mondiale, la France bénéficie d'un très grand prestige international. Les idées, les arts, la langue, l'art de vivre des élites françaises exercent une forte séduction, pas uniquement au Brésil, mais dans de très nombreux pays. Paris est la "ville Lumière" dont l'urbanisme suscite l'admiration et qui attire de (riches) visiteurs du monde entier par son dynamisme culturel et sa vie mondaine:

"Nous venons, arrivons de tous les pays du monde/ par la terre ou par l'onde/Italiens, Brésiliens, Japonais, Hollandais, Espagnols, Romagnols, Égyptiens et Prussiens (...)/Nous allons envahir la cité souveraine, le séjour du

plaisir/On accourt, on s'empresse, pour connaître ô Paris, pour connaître l'ivresse de tes jours de tes nuits/ Tous les étrangers ravis, ravis/vers toi s'élancent, Paris, Paris !" chantent en chœur les étrangers dans *La vie parisienne*, l'opéra-bouffe de Jacques Offenbach.

Pour certains, la France est le pays de la Révolution et des idéaux républicains, celui aussi des audaces et des avant-gardes artistiques et intellectuelles, mais cette image reste clivante jusqu'à aujourd'hui. D'autres éprouvent de la fascination pour le raffinement et le luxe de l'aristocratie et de la bourgeoisie françaises: la mode, la gastronomie, les loisirs et les plaisirs. Les industriels et commerçants français s'appuient sur cette réputation et la conforte en exportant velours, joaillerie et vaisselles précieuses, vins de Bordeaux, Champagne, Cognac... Dans le Brésil, des XIX^e siècle et XX^e siècle, rien n'est plus "chic" qu'un nom français donné à une savonnette, un sac à main ou à un immeuble. Cette médaille comporte son revers: une réputation persistante d'arrogance, de saleté, d'absence de cordialité, de vaine sophistication et de snobisme, s'attachent aussi aux Français.

Pendant la même période de l'autre côté de l'Atlantique, le Brésil est perçu comme un pays d'avenir, mais est longtemps assigné à la nature. Des récits de voyage, abondamment illustrés, mettent en valeur le site grandiose de la baie de Guanabara, la nature tropicale luxuriante et une faune pittoresque pour des yeux européens. Ils s'attardent aussi longuement sur les populations autochtones et surtout, sur l'esclavage, tout ce qui semble aux antipodes de l'Europe.

Au XX^e siècle, les publicités pour le "café du Brésil" diffusent tout un discours sur le pays destiné aux pays consommateurs et parachève, à l'étranger, l'osmose entre le Brésil et sa principale exportation. Bientôt, c'est le métissage de la population et de la culture brésiliennes qui dominent le regard français et que "la" samba, le carnaval, les victoires de la Seleção semblent traduire avec éclat. Une telle représentation persiste encore. Dans les années 1960, avec la bossa nova, l'inauguration de Brasília, la poussée vers l'Amazonie, le Brésil est une destination qui fait rêver. *L'homme de Rio*, une comédie d'aventure réalisée en 1964 par Philippe de Broca, avec Jean-Paul Belmondo et Françoise Dorléac, façonne l'imaginaire de plusieurs générations de Français sur le Brésil. Ces visions positives comportent cependant un versant plus sombre: le Brésil, dans des représentations qui ne sont pas exclusivement françaises, c'est aussi la faim, la misère, les favelas, les fortes inégalités sociales, la violence, la déforestation... Le Nord-Est du Brésil est longtemps l'exemple-type d'une région du "Tiers monde" – l'expression apparaît en 1952 et cesse progressivement d'être utilisée dans les années 1970 –, du

"sous-développement" et du "mal développement". Enfin, dans les années 2000, le Brésil s'impose comme le "pays émergent" par excellence, non plus comme le "pays du futur", mais comme le pays qui indique ce que pourrait être le monde de demain.

Ces imaginaires construisent chacun des deux pays comme l'envers de l'autre. La France, particulièrement Paris, est le lieu de vieille civilisation et de sophistication; le Brésil, celui de la nature, de l'aventure, de l'hédonisme. Dans les *romans*, il n'est pas rare que le "méchant" désire s'enfuir à Paris, comme une suprême manifestation de son rejet du Brésil et la preuve ultime de sa vilénie. "Au revoir Brasil" sont ainsi les derniers mots prononcés par l'une des plus célèbres anti-héroïnes de la télévision brésilienne, Odete Roitman, dans la version 2025 du célèbre feuilleton *Vale Tudo*. Dans les romans ou films français, le départ pour le Brésil signifie aussi une volonté radicale de rompre les amarres et de changer de vie, sans que les personnages soient nécessairement négatifs.

Paris-Rio de Janeiro

Si Jeanne Mette (1867-1955), dite Jane Catulle-Mendès, ne fut peut-être pas la première à qualifier Rio de «ville merveilleuse», le titre de son recueil de poèmes, publié en 1911 contribua largement à diffuser l'expression, reprise par la marchinha d'André Filho (1934) et devenue l'hymne officiel de la ville de Rio de Janeiro. Jeanne Catulle-Mendès est une poétesse largement oubliée aujourd'hui, mais elle joua un rôle important dans la vie littéraire parisienne au début du XX^e siècle, en participant notamment à la création du prix Femina en 1904 – en réaction au prix Goncourt supposément misogyne –, dont le jury est uniquement composé de femmes. Jane Catulle-Mendès fut également une grande voyageuse qui séjourna à Rio de Janeiro entre septembre et décembre 1911. Les poèmes sur la ville, dédiés à diverses personnalités comme Pinheiro Machado, Nilo Peçanha, Júlia Lopes de Almeida...

Clichés

Préface de Manoel de Araújo Porto Alegre à sa comédie A Estatua amazonica. Comédia arqueológica (La Statue amazonique. Comédie archéologique).

La préface, assassine, s'en prend à l'arrogance et à l'impérialisme français. L'œuvre est dédiée au vice-président de l'Institut historique et géographique brésilien. Araújo Porto-Alegre, peintre et littérateur, fut l'élève de Jean-Baptiste Debret.

La légèreté de la plupart des voyageurs français et la superficialité avec laquelle ils abordent les choses qu'ils

trouvent dans notre pays, associées au désir insatiable de rapporter des nouveautés chez eux, a été la cause de ces monceaux de mensonges qu'on trouve disséminés dans les livres de ces gens, qui sacrifient la vérité aux fantaisies de l'esprit et le portrait fidèle des us et coutumes d'une nation au cadre fantastique de leur imagination ardente, aidés en cela par le manque de connaissance de la langue et par la conviction que tout ce qui n'est pas français se situe au plus bas échelon de l'humanité.

Monsieur le comte de Castelnau, passant dans le Rio Negro, de retour de son voyage politico-scientifique, comme l'a dit *L'Illustration*, a trouvé là-bas une pierre taillée au pied d'une maison, et il y a vu immédiatement une chose qui sortait de l'ordinaire; et il a cherché à l'obtenir et à l'envoyer en France.

On baptisa avec l'eau de la Seine le grossier artefact qui devint une Statue du temps des Amazones brésiliennes, et figura dans l'exposition des objets qu'il avait rapportés en France et fut placée sous les yeux du public dans l'orangerie des Tuileries.

Le Brésil a eu la gloire de recevoir les visites de voyageurs français dignes de tout le respect et la vénération, comme le sont Messieurs Auguste de Saint-Hilaire, Ferdinand Denis et De Bret (sic), qui sont bien au-dessus de la classe des Jacquemont, Arsenne, Arago, Suzanet, et de nombreux misérables menteurs qui – *visant à l'effet* – décrivent ce qu'ils n'ont pas vu et gâchent ce qu'ils ont observé. Il est de notre devoir de verser aux premiers le tribut de notre vénération, de notre respect et de notre reconnaissance et aux seconds celui de notre mépris, seulement de notre mépris.

Si le voyage de Monsieur Castelnau est riche d'autant de nouveautés comme celles que nous avons lues dans les journaux de Paris, le noble comte peut s'en laver les mains sur le mur, *comme on fait dans son pays*, et se chercher un autre métier loin de la géographie et des antiquités.

Aux antiquaires de son espèce, et à ces fabricants de livres, vrais romanichels de la littérature qui pullulent dans la capitale de la France, on recommande cette comédie que je vous offre, en raison de vos multiples mérites, en plus de votre patriotisme constant et confirmé.

Il s'agit d'un divertissement littéraire, comme d'autres que je recèle, né pendant les moments de repos entre des occupations sérieuses et des études approfondies: veuillez, Monsieur, accepter cette offrande.

L'air du Brésilien dans *La Vie parisienne*

Paroles: Henri Meilhac et Ludovic Halévy

Musique: Jacques Offenbach

La vie parisienne (1866) opéra-bouffe de Jacques Offenbach (musique) et de Henri Meilhac et Ludovic Halévy (livret), symbolise toujours les fêtes clinquantes qui caractérisaient la capitale française sous le règne de Napoléon III (1852-1870). Cette comédie tourne en dérision leur vulgarité, les «petits métiers» – escrocs, «cocottes», demi-mondaines – qui gravitent autour et exploitent et dépouillent de leur argent les riches et naïveté étrangers attirés par la «ville lumière». L'air le plus célèbre est celui du «Brésilien». Ce personnage est un jeune homme prodigue, un parvenu, qui vient s'étourdir à Paris, y dépenser, en toute conscience «tout ce qu'il a volé» au Brésil.

Je suis Brésilien, j'ai de l'or,
Et j'arrive de Rio-Janeire
Plus riche aujourd'hui que naguère,
Paris, je te reviens encor !

Deux fois je suis venu déjà,
J'avais de l'or dans ma valise,
Des diamants à ma chemise,
Combien a duré tout cela ?

Le temps d'avoir deux cents amis
Et d'aimer quatre ou cinq maîtresses,
Six mois de galantes ivresses,
Et plus rien ! Ô Paris ! Paris !

En six mois tu m'as tout raflé,
Et puis, vers ma jeune Amérique,
Tu m'as, pauvre et mélancolique,
Délicatement remballé !

Mais je brûlais de revenir,
Et là-bas, sous mon ciel sauvage,
Je me répétais avec rage:
Une autre fortune ou mourir !

Je ne suis pas mort, j'ai gagné
Tant bien que mal des sommes folles,
Et je viens pour que tu me voles
Tout ce que là-bas j'ai volé !
Tout ce que là-bas j'ai volé !

Tout ce que là-bas j'ai volé
Je suis Brésilien, j'ai de l'or,
Et j'arrive de Rio-Janeire
Paris, Paris, Paris
Paris, je te reviens encor !

Hurrah, hurrah, hurrah !
Je viens de débarquer,
Mettez vos faux cheveux, cocottes !
Hurrah, hurrah, hurrah !
J'apporte à vos quenottes
Une fortune à croquer !

Le pigeon vient ! Plumez, plumez...
Prenez mes dollars, mes banknotes,
Ma montre, mon chapeau, mes bottes,
Mais dites-moi que vous m'aimez !

À moi les jeux d'hier
Et les danses cavalières.
À moi, les nuits de Paris,
Qu'on me mène au bal d'Asnières.

Sachez-le bien seulement
Car c'est là ma nature.
J'en prendrai pour mon argent,
Je vous le jure.

J'en prendrai pour mon argent,
J'en prendrai pour mon argent,
Venez, venez, venez, venez !

Café du Brésil

La nécessité de valoriser le café, principale exportation du Brésil jusque dans la deuxième moitié du XX^e siècle, entraîne le développement de la publicité à destination des consommateurs. Les vertus stimulantes du café sont présentées comme indispensables à la vie moderne. Le Brésil s'arroge une sorte de monopole, à la fois de la quantité et de la qualité, de manière à détourner les acheteurs de la concurrence. Dans les années 1930, les planteurs paulistes recourent aux services prestigieux d'Alain Saint-Ogan (1895-1974). Ce célèbre dessinateur, spécialisé dans la bande dessinée pour les enfants, a créé en 1925 la série *Zig et Puce* qui inspire plusieurs générations d'auteurs, dont Hergé le père de Tintin. Les aventures de «Ce bon Monsieur F.B. de Sao-Paulo» reprennent les recettes du succès de Zig et Puce: humour, un certain non-sens, esprit détourné des contes...

Pelé et BB, icônes mondiales

Pelé, le «roi du football» (1940-2022), et Brigitte Bardot (1934-2025), actrice, mais surtout *sex symbol*, sont tous deux des icônes mondiales des années 1960 et 1970. Leur notoriété internationale les a transformés en ambassadeurs informels de leurs pays respectifs. Brigitte Bardot entretenait un lien particulier avec le Brésil, notamment avec Búzios, où elle s'était réfugiée loin des paparazzi, malgré le harcèlement de la presse nationale. C'est précisément la présence de Bardot dans cette station balnéaire de l'État de Rio de Janeiro qui a propulsé celle-ci vers la notoriété, en en faisant un haut-lieu du tourisme, un «Saint-Tropez» brésilien. Ses séjours ont également été marqués par sa présence à des fêtes dans la ville de Rio de Janeiro, moments largement couverts par les journaux, les magazines, la radio et la télévision. À cette occasion, le goût de l'actrice française pour le Brésil et sa culture l'a amenée à enregistrer «Maria Ninguém», une chanson de Carlos Lyra.

À plusieurs reprises, Brigitte Bardot a exprimé son admiration pour Pelé. Son estime pour le joueur brésilien a conduit l'actrice, le 31 mars 1971, à donner le coup d'envoi d'un match de bienfaisance entre le Santos F.C. et une sélection française (Saint-Étienne/Marseille) à Colombes.

...

Voisinage

La grande singularité de la relation entre la République française et le Brésil est l'existence d'une frontière terrestre commune longue de 730 km. Une toute petite frontière pour le Brésil, mais la plus étendue pour le territoire français, qui est plus de seize fois inférieur à la superficie du géant brésilien. Ce voisinage unique entre la deuxième économie de l'Union européenne et le plus vaste pays d'Amérique du Sud, membre fondateur du Mercosud, est souligné pour mettre l'accent sur les affinités entre les deux pays. La région amazonienne est en effet aujourd'hui un enjeu géopolitique planétaire et a pris, depuis la seconde moitié du XX^e siècle, une importance qu'elle était loin de revêtir auparavant pour Brasilia comme pour Paris.

Avant d'être célébrée, cette proximité a longtemps été conflictuelle et a même causé des affrontements sanglants au cours du XIX^e siècle. En 1900, l'arbitrage du président de Confédération suisse trancha le litige en donnant raison au Brésil sur la base des arguments présentés par le Baron do Rio Branco, ministre des Relations Extérieures de 1902 à 1912.

La frontière franco-brésilienne, finalement fixée sur l'Oyapock, comme toute limite internationale, distingue deux souverainetés, mais est aussi un lieu d'échanges et

de circulations. Les deux rives de l'Oyapock ont en partage des expériences historiques qui ont façonné leur société et leur culture, comme la domination des populations autochtones, l'esclavage, la colonisation et toutes ses conséquences sociales et environnementales. Elles se trouvent confrontées aux mêmes immenses défis: l'intégration régionale, l'amélioration des conditions de vie de la majorité des habitants, le respect du multiculturalisme, un développement qui ne mette pas en péril les écosystèmes et la biodiversité, la lutte contre le narcotrafic et l'orpaillage...

Une frontière disputée

Après avoir été expulsés de Rio de Janeiro et du Maranhão par les Portugais, les Français ont commencé à s'installer sur la côte de la Guyane au milieu du XVII^e siècle. La question de la frontière avec les possessions portugaises a alors été soulevée.

En 1700, après ses victoires en Europe, la France imposa un traité provisoire, dans lequel le Portugal ne conservait la possession de la rive gauche du fleuve Amazone que jusqu'à 6 lieues de profondeur, le domaine français commençant au nord de cette limite. Peu de temps après, le traité d'Utrecht (1713) a repoussé la limite plus au nord, au «fleuve Japoc ou Vicente Pinzon». En raison de la situation de la France et du Portugal pendant les guerres qui ont eu lieu jusqu'en 1815, la situation a fluctué entre ces deux versions.

La question n'a pas été résolue par les traités signés après la défaite de Napoléon, et les deux pays ont conservé leur interprétation. Des tentatives de médiation et de négociations ont eu lieu, et à partir de 1841, la zone litigieuse a été neutralisée, excluant la présence d'officiers des deux pays. De leur côté, certains intellectuels et explorateurs français ont soutenu en 1886 une tentative éphémère de créer une entité indépendante, la «république de Counani».

La situation a radicalement changé en 1893-1894, lorsque de l'or a été découvert à Calçoene. En 1895, une attaque de l'armée française dans la ville d'Amapá a entraîné des pertes humaines des deux côtés et, pour éviter une guerre ouverte, les deux pays ont décidé de faire appel à un arbitrage international, une procédure fréquente dans les litiges frontaliers en Amérique du Sud. La France elle-même en avait fait appel pour sa frontière avec la Guyane néerlandaise en 1892.

La Confédération helvétique a été choisie comme arbitre et les parties ont présenté leurs arguments. Du côté brésilien, le baron de Rio Branco a insisté pour démontrer la présence des Portugais dans la zone contestée depuis le XVII^e siècle et le fait que le fleuve désigné par les traités était bien l'Oyapock.

Du côté français, le géographe Paul Vidal de la Blache tenta de convaincre que le fleuve Japoc était l'Araguari, en s'appuyant sur des arguments relatifs à l'évolution géomorphologique de son cours. Sur la base d'une interprétation maximale du traité de 1700, la position de la France allait jusqu'à revendiquer une zone s'étendant jusqu'au Rio Branco (voir carte).

En 1900, la Suisse a accepté la thèse brésilienne, mais avec une petite réserve: au lieu d'accepter comme frontière interne (de l'Oyapock au Maroni) une ligne géodésique au nord de ce qu'on appelait les «montagnes Tumuc-Humac», elle a établi la ligne de partage des eaux entre le bassin de l'Amazone et les bassins de l'Oyapock et du Maroni.

Fixée théoriquement en 1900, la frontière a mis du temps à se concrétiser et est restée entourée de mystère pendant plusieurs décennies. Le repère de la triple frontière Brésil/Guyane française/Guyane néerlandaise n'a été posé qu'en 1938, et ce n'est que dans les années 1950 que les travaux de la Première Commission brésilienne de délimitation des frontières (CBDL), au Brésil, et de l'Institut géographique national (IGN), en France, ont permis de déterminer son tracé exact, à partir de photographies aériennes et de reconnaissances sur le terrain. La localisation de la source de l'Oyapock et le tracé de la frontière le long de celle-ci ont été déterminés, répartissant les îles entre la France et le Brésil. Le tracé de la frontière interne jusqu'au Suriname a également été déterminé.

Au cours de ce processus, il a été établi que les «montagnes» décrites par l'explorateur Coudreau n'étaient pas les «Pyrénées de l'Amazonie», mais de simples collines de moins de 1 000 mètres d'altitude. Le nom de «montagnes de Tumuc-Humac» (Tumucumaque) a toutefois été conservé. Dans les années 1960, sept bornes en béton ont été posées pour matérialiser la frontière, et trois bornes intermédiaires ont été posées dans les années 90, dont une au mauvais endroit. En 2015, l'expédition «Raid des 7 bornes» a parcouru à pied toute la longueur de la ligne, suggérant même quelques rectifications du tracé afin de l'adapter à la réalité de la ligne de partage des eaux.

François-Michel Le Tourneau

DIRECTEUR DE RECHERCHE AU C.N.R.S.

Octavie Coudreau, exploratrice de l'Amazonie entre France et Brésil

Il aura fallu plusieurs concours de circonstances pour qu'Octavie Renard, née en 1867 en Charente, institutrice, devienne exploratrice des affluents de l'Amazone: un séjour à Paris en 1893, tout d'abord, où elle rencontra le déjà célèbre Henri Coudreau lors d'une conférence à la Société

de géographie. Un mariage rapide, la même année, et, en guise de voyage de noces, une invitation à suivre son mari dans une nouvelle mission d'exploration. Henri Coudreau (1859-1899) est alors un explorateur connu, qui a longuement arpenté, depuis la colonie française de Guyane, les affluents de l'Amazonie, l'Oyapock, l'Araguari, le Tapajos ou encore le Xingu, missionné par le gouvernement français. Quand il épouse Octavie, il vient de publier *Chez nos Indiens*, un récit de ses séjours dans les communautés amérindiennes de Guyane française entre 1887 et 1891. Dans cet ouvrage, il n'hésite pas à dénoncer les effets délétères de la colonisation française sur les modes de vie traditionnels des autochtones. Ce point de vue n'a rien pour plaire au gouvernement français. Rapidement, les époux Coudreau doivent donc chercher de nouveaux financements. Et la situation géopolitique favorise leur changement de bailleur de fonds.

L'immense zone qui s'étend entre le sud de la Guyane française et l'État du Para est alors disputée entre le Brésil et la France. La région, d'environ 300 000 km², apparaît à l'époque sur les cartes sous la dénomination de «Contesté». Pour les autorités locales de Belém et de Manaus, il y a des intérêts économiques et territoriaux en jeu. Le bassin du Trombetas, par exemple, semble riche de possibilités en matière d'élevage, de culture du cacao ou du caoutchouc.

Dès leur première mission commune, Octavie acquiert un rôle central, d'autant plus que Henri est fatigué, malade, et porté sur l'alcool. Initiée par son mari à la cartographie, c'est elle qui dresse les cartes, devenant une des très rares femmes ayant signé des cartes au XIX^e siècle. Le décès de l'explorateur, en 1899, sur les rives du Trombetas, modifie la donne. Octavie se retrouve du jour au lendemain seule femme et seule européenne à commander une petite équipe d'auxiliaires, guides, rameurs et porteurs. Elle effectue entre 1899 et 1905 six nouvelles missions d'exploration financées par l'État du Pará, passant de long mois, dans la forêt amazonienne. Se disant «captive de cette vie (qu'elle) aime», et malgré les difficultés matérielles de ses voyages, Octavie Coudreau, sans prendre des positions aussi claires que Henri contre les méfaits du colonialisme, semble petit à petit se fondre dans la forêt, plaidant pour une vie «sauvage».

Sans que l'on sache si elle a atteint son but officiel (amasser assez d'argent pour rapporter en France la dépouille de son mari) ou si les subsides viennent à lui manquer, Octavie rentre finalement en France en 1906 et se retire dans sa Charente natale, rapidement oubliée du grand récit de l'exploration de l'Amazonie. Ses récits de voyage subsistent cependant, témoignant d'une posture singulière, entre la France et le Brésil : celle d'une femme exploratrice qui refuse la féminisation du mot, d'une citoyenne

française au service d'un projet de colonialisme interne des autorités brésiliennes, d'une aventurière qui dit souvent son ennui et la monotonie du voyage. Elle brouille les pistes et les catégories, mettant en question l'héroïsme masculin de l'exploration comme le nationalisme et les convoitises étatiques sur les territoires amazoniens.

Hélène Blais

PROFESSEURE D'HISTOIRE CONTEMPORAINE À L'ÉCOLE NORMALE
SUPÉRIEURE - INSTITUT UNIVERSITAIRE DE FRANCE

La «République de Counani»

Le territoire contesté n'est ni français ni brésilien jusqu'en 1900. La région du fleuve Counani a été parcourue par l'explorateur Henri Coudreau (1859-1899) qui la juge pleine de promesses. Des chercheurs d'or s'y installent, des esclaves marrons s'y réfugient (l'esclavage a été aboli en 1848 dans les colonies françaises). Le 23 juillet 1886, la "République de Guyane indépendante" ou "République de Counani" est proclamée par quelques ressortissants français. Le micro-État se dote d'un drapeau, d'un hymne et bat monnaie. Le journaliste Jules Gros (1829-1891) manifeste son soutien et s'en fait nommer "président à vie". Ni la France ni le Brésil ne reconnaîtront cette indépendance. La fin de la dispute territoriale n'empêche pas un autre aventurier, Adolphe Brézet, de maintenir la fiction d'un "État libre du Counani" de 1904 à sa mort en 1911.

• • •

Débats et combats

La construction de la démocratie représentative et de l'État de droit n'est pas un processus linéaire, ni au Brésil ni en France. Au cours des deux cents dernières années, les deux pays ont connu des expériences autoritaires, plusieurs changements de constitution et de régime politique, la plupart du temps dans la violence, et des moments de forte polarisation. La France se distingue par son instabilité politique. Au XIX^e siècle, c'est le pays des révolutions : celle de 1789, dont le souvenir demeure prégnant chez tous les républicains du monde, mais aussi celles de 1830 et 1848. En 1851, La Deuxième République succombe au coup d'État de Louis-Napoléon Bonaparte (Napoléon III). La «Commune», une insurrection parisienne, prend des allures de guerre civile en 1871. La France, vaincue en 1940, subit 4 ans d'occupation nazie et la dictature de l'État français (dit le «régime de Vichy») et, dans les années 1950 et 1960, de graves crises provoquées par les guerres coloniales. Le Brésil n'est pas en reste, qu'il s'agisse des conflits

internes sous le règne de Dom Pedro I, sous les différentes républiques, pendant la période de l'Estado Novo ou, récemment encore, sous la dictature militaire.

Ces crises politiques ont suscité des vagues d'exils vers la France ou vers le Brésil. Côté français, les artistes de la «mission française de 1816» sont des réfugiés politiques, venus se mettre en 1816 au service de la Cour de Rio de Janeiro parce qu'ils étaient inquiétés dans la France de la Restauration pour leurs sympathies bonapartistes. Un demi-siècle plus tard, Victor Frond et Charles Ribeyrolles, deux républicains, fuient au Brésil la répression de Napoléon III. Pendant la Seconde Guerre mondiale, l'écrivain Georges Bernanos soutient la France libre depuis le Brésil et l'orchestre à succès «Ray Ventura et ses collégiens» navigue entre Buenos Aires et Rio de Janeiro pour se mettre à l'abri des persécutions antisémites.

Côté brésilien, la liste des proscrits ayant choisi la France est longue. Parmi les illustres exilés, citons José Bonifácio, dans les années 1820, Dom Pedro II, qui meurt à Paris en 1891, et la princesse Isabel. Le peintre Cícero Dias fuit l'*Estado Novo* à Paris en 1937 et, pendant la Seconde Guerre mondiale, fait sortir de la France occupée le poème Liberté, de Paul Éluard, qui circulait clandestinement et que les avions alliés bombardèrent sur la France. Un autre Brésilien, Apolônio de Carvalho combat héroïquement dans la Résistance française. Sous la dictature militaire, environ 7 000 Brésiliens se réfugient en France. Parmi eux, le géographe Josué de Castro, l'économiste Celso Furtado, le sociologue Fernando Henrique Cardoso...

L'abolition de l'esclavage au Brésil: un débat franco-français

Après la Révolution de 1848, Victor Schoelcher, membre du gouvernement provisoire, est l'auteur du décret qui abolit l'esclavage dans les colonies françaises, le 4 avril 1848. Jusqu'à la fin de sa vie, Schoelcher milite pour l'abolition de l'esclavage et dénonce le Brésil, coupable à ses yeux d'immobilisme en la matière et indigne, pour cette raison, de faire partie des nations civilisées.

En 1881, Louis Couty, professeur de médecine qui travaille à Rio de Janeiro, tente de convaincre Schoelcher du bien-fondé de la position brésilienne. Couty se dit anti-esclavagiste, mais énumère les arguments avancés pour maintenir l'institution au Brésil: l'abolition immédiate causerait la ruine du pays, faute de main-d'œuvre dans les plantations. Couty loue la sagesse du gouvernement brésilien qui, selon lui, transforme les mœurs avant de procéder à l'émancipation, affirme que le Brésil est exempt de préjugé racial et que les affranchis sont tout à fait intégrés dans la société.

François-Auguste Biard et l'esclavage

L'arrivée de la mission artistique française au Brésil en 1816 a ouvert la voie à l'arrivée de nombreux autres artistes français au XIX^e siècle. Ce fut le cas de François-Auguste Biard. Né en 1799, Biard était un peintre-voyageur expérimenté qui avait déjà effectué des expéditions dans l'Arctique et en Afrique du Nord.

En 1858, dix ans après l'abolition de l'esclavage dans les colonies françaises, Biard décida de quitter le confort de sa vie parisienne pour se lancer dans une dernière aventure au Brésil. Homme de son temps, Biard était un amoureux de l'exotisme et de l'histoire naturelle. Au cours des deux années passées dans le pays, l'artiste s'est rendu à Bahia, Rio de Janeiro, dans l'intérieur de la province de l'Espirito Santo et en Amazonie. Il est retourné à Paris en 1860 et, deux ans plus tard, a publié *Deux années au Brésil*, où il a raconté son périple brésilien. Richement illustré de 180 gravures, basées sur ses dessins, peintures et photographies. Dans ce livre, il est possible de reconstituer la vision de l'artiste sur le Brésil qui, selon ses propres mots, s'était rendu dans le pays pour voir et peindre les populations indigènes. C'est pourquoi Biard fut déçu lorsqu'il débarqua à Bahia et vit dans les rues tant d'Africains réduits en esclavage, ainsi que leurs descendants nés en captivité au Brésil.

À son arrivée à Rio de Janeiro, Biard noua des relations étroites avec l'empereur Dom Pedro II, qui l'invita à installer son atelier au Palais impérial. Biard passa plusieurs mois dans la capitale, peignant des portraits de Cour. Il fut surpris de constater que l'esclavage était omniprésent dans les rues des villes, où des hommes, des femmes et des enfants réduits à l'état servile travaillaient dans les activités les plus diverses, principalement comme esclaves de gain. Les gravures et le texte du livre de Biard montrent clairement que dans ce contexte, même les personnes qui n'étaient pas nécessairement riches trouvaient le moyen d'acheter des esclaves, car en posséder était un signe de prestige social. Malgré la cruauté du système esclavagiste brésilien, Biard a tourné en dérision la société brésilienne, en particulier son élite esclavagiste, en se moquant des Blancs qui dépendaient constamment des esclaves pour transporter même les plus petits paquets. *Deux années au Brésil* a été mal accueilli au Brésil précisément à cause de cette vision satirique. Malgré cela, le livre et ses représentations de l'esclavage brésilien restent aujourd'hui encore pertinents d'un point de vue historique et ethnographique, car ils offraient déjà à l'époque un portrait complexe et pourtant clair de la manière dont la servitude a modelé les relations raciales dans le pays. En dernière analyse, le travail de Biard a contribué

à déstabiliser les images idéalisées du Brésil comme pays sans racisme, anticipant la critique du mythe des relations raciales harmonieuses et de la fallacieuse démocratie raciale.

Ana Lucia Araujo

HOWARD UNIVERSITY (WASHINGTON D.C.)

Exil brésilien en France (1964-1979)

L'exil des années 1960 et 1970 a été vécu par deux générations, celles de 1964 et 1968. Le coup d'État contre la démocratie, qui a renversé le président João Goulart, a marqué la première génération; pour la seconde génération, l'événement fondateur a été le coup d'État contre la démocratie et le président Salvador Allende, en 1973, au Chili. À ce moment-là, de nombreux Brésiliens s'étaient déjà réfugiés dans ce pays, tout comme d'autres Latino-Américains affectés par les dictatures qui ont ravagé le continent. La répression brutale déclenchée avec la fin du gouvernement de l'Unité populaire a touché tout le monde.

Les images et les informations provenant du Chili ont fait le tour du monde et ont indigné l'opinion publique internationale. Dans plusieurs pays européens, la gauche et les segments progressistes de la société civile organisée se sont manifestés contre cet épisode et la vague de violence, faisant pression sur leurs gouvernements pour qu'ils accueillent les réfugiés. À cet égard, il convient de souligner le rôle joué en France par des institutions telles que la Cimade (Comité Inter-Mouvements Auprès des Évacués), liée aux protestants, le Secours Populaire, le Secours Catholique, le PCF, France Terre d'Asile, entre autres.

Bien qu'il y ait déjà eu des exilés brésiliens en France, ce n'est que dans ce contexte qu'ils sont arrivés en plus grand nombre, en même temps que les vagues de Chiliens fuyant leur pays. Néanmoins, l'exil brésilien n'a jamais été un phénomène de masse comme l'a été l'exil chilien.

Pour les Brésiliens, le 11 septembre 1973 a marqué le début de l'exil dans l'exil. Paris est devenue la «capitale des exilés brésiliens» et non plus Santiago.

Les pays d'Amérique latine ont accepté d'accueillir les Brésiliens venant du Chili en urgence, mais à leur arrivée, ils devaient s'adresser aux ambassades locales. L'octroi de documents de séjour était réservé aux Chiliens.

Les Brésiliens des «groupes de Chiliens» débarqués en France avaient généralement été secourus dans les ambassades à Santiago, les camps de la Croix-Rouge et les prisons. Pour eux, le visa de réfugié dans le pays a pu être obtenu plus facilement. Cependant, avant le voyage, ils ont été soumis aux contrôles des autorités françaises, qui en acceptaient certains et en rejetaient d'autres, selon leurs

critères. D'autres pays européens ont également procédé ou tenté de procéder à cette sélection, en envoyant des «équipes de sélection» dans la capitale chilienne.⁴ Pour les personnes évacuées par d'autres représentations diplomatiques qui ont ensuite demandé le statut de réfugié en France, les difficultés ont été considérables.

Les Brésiliens ont été orientés vers l'OFPPA, l'Office Français de Protection des Réfugiés et des Apatrides, organisme du ministère des Affaires étrangères, émetteur du passeport de la Convention de Genève. Ceux qui ne possédaient aucun document d'identité – la plupart – déclaraient leur identité de la manière suivante: «Je donne ma parole d'honneur que je m'appelle..., né dans la ville de..., le...». La police leur attribuait un visa de résident et un permis de travail.

Ils étaient ainsi considérés comme des réfugiés chiliens nés au Brésil. Si l'exil exprimait la défaite des projets politiques et l'expulsion hors de l'Amérique latine, pour les Brésiliens, il signifiait également l'élargissement des horizons, la découverte d'autres mondes. En exil, ils ont vu le Brésil de loin.

Ils ont étudié, appris, enseigné, travaillé, créé et eu des enfants. Ils ont côtoyé l'héritage de mai 1968, le féminisme, la libération sexuelle, les drogues, la remise en question des codes moraux, les luttes des minorités, la critique de la social-démocratie et du socialisme. Les valeurs ont changé, le militantisme a pris d'autres sens. La révolution et la réforme des anciennes luttes ont cédé la première place à la démocratie. L'intensité des expériences a redéfini les générations de 1964 et 1968, a reconstruit leurs chemins. Lorsqu'ils ont pu retourner au Brésil, ils ont apporté ce bagage et se sont lancés dans le défi des années 1980, la (re) construction de la démocratie.

Denise Rollemberg

PROFESSEURE D'HISTOIRE CONTEMPORAINE
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

Les langoustes, le Général de Gaulle et le Brésil

Au début des années 1960, un crustacé est la cause de très sérieuses tensions entre le Brésil du président Goulart et la France du général de Gaulle. Des bateaux de pêche français s'aventurent au large du Pernambouc et commencent

4. Cette information figure dans le rapport du CIME, Comité Intergouvernemental pour les migrations européennes, institution internationale qui a pris en charge les frais de retrait des réfugiés du Chili. CIME. *Information. Programme Spécial de réinstallation de personnes en provenance du Chili*. Trente-sixième session. 23 novembre 1973, p. 2.

à y pêcher des langoustes dans une zone située en dehors des eaux territoriales brésiliennes selon la France, mais considérées par le Brésil comme une zone de pêche exclusive. En 1962, la Marine brésilienne arraisonne les bateaux français et les raccompagne au large. Les mêmes scènes se passent l'année suivante, mais le gouvernement français dépêche cette fois un navire de guerre dans la région. L'opinion publique brésilienne s'indigne, la presse s'emballe. En mars 1963, les Français se retirent de la région. La question finit par se régler à l'amiable et ne perturbe pas la visite au Brésil de Charles de Gaulle du 13 au 16 octobre 1964, au terme d'un voyage dans dix pays d'Amérique du Sud. Le président arrive à Rio de Janeiro depuis Montevideo sur le Croiseur Colbert et se rend ensuite à Brasilia et à São Paulo. C'est la première visite d'un chef d'État français au Brésil.

• • •

Spiritualités

La III^e République (1870-1940) installe durablement le régime républicain en France. Celui-ci s'est construit dans l'opposition à l'Église catholique, intrinsèquement liée à la monarchie et longtemps hostile aux idées libérales de la Révolution française et au régime qui en est l'héritier. La République, qui sépare les Églises de l'État en 1905 (quinze ans après la République brésilienne) a institué une laïcité stricte, qui renvoie jusqu'à aujourd'hui les croyances et les pratiques religieuses à la sphère privée et impose la neutralité dans l'espace public.

Cependant, ce n'est pas seulement la France républicaine qui s'est exportée au-delà de ses frontières. Jusqu'à la III^e République, la France agit en puissance catholique. La protection des chrétiens est l'un des axes de sa politique extérieure et sert à justifier certaines de ses interventions impérialistes. À la fin du XIX^e siècle, plus des deux tiers des missionnaires catholiques œuvrant dans le monde sont de nationalité française. Ces religieux et ces religieuses sont également des vecteurs d'influence, notamment linguistique.

La congrégation des sœurs de Notre Dame de Sion, fondée en France dans la première moitié du XIX^e siècle, s'est ainsi spécialisée dans l'éducation des jeunes filles de la bonne société, en France, puis dans une vingtaine de pays. Elle s'implante au Brésil en 1888, d'abord à Rio de Janeiro, puis à Juiz de Fora, São Paulo, Curitiba... Des dévotions d'origine française ont aussi connu une grande popularité au Brésil. Santa Teresinha est ainsi la normande sœur Thérèse de l'Enfant Jésus, née Thérèse Martin (1873-1893).

Le prénom si courant de Lurdes se réfère à la ville de Lourdes, qui accueille toujours, dans les Pyrénées françaises, un très important pèlerinage marial.

Dans les années 1960, les connexions sont nombreuses entre les milieux catholiques des deux pays et contribuent à faire connaître en France les problèmes du Brésil, notamment sous la dictature militaire. La France comme le Brésil sont des foyers actifs de la "théologie de la libération" et de nombreux ecclésiastiques s'engagent auprès des populations déshéritées ou menacées. Le père dominicain Henri Burin des Rozières (1930-2017), établi dans l'État du Pará de 1978 à 2016, a consacré une grande partie de sa vie à défendre les victimes des nombreux conflits fonciers.

La France a été aussi le berceau de nouvelles religions qui ont trouvé au Brésil un terreau plus fécond que le pays qui les a vues naître. C'est le cas de la religion de l'Humanité, issue du positivisme, philosophie développée par Auguste Comte (1798-1857), et du spiritisme, fondé par Allan Kardec (1804-1869).

Religion de l'Humanité: «L'amour pour principe, l'ordre pour base, le progrès pour fin»

Les idées du mathématicien et philosophe Auguste Comte (1798-1857) qui défend une organisation sociale fondée sur la science et le progrès, connaissent un fort rayonnement en France, mais aussi en Grande-Bretagne, au Mexique, en Égypte...et, bien sûr, au Brésil. Après le décès de son épouse, Clotilde de Vaux en 1846, Comte donne à sa pensée une tournure de plus en plus religieuse, au point qu'il publie en 1852 le *Catéchisme positiviste*. La "Religion de l'Humanité", fondée sur l'amour humain et le culte des "Bienfaiteurs" (savants, législateurs, artistes...) pris à toutes les époques et dans toutes les civilisations, doit être, selon lui, un facteur de cohésion sociale et universelle.

Beaucoup d'admirateurs du positivisme philosophique n'adhèrent pas à la Religion de l'Humanité et s'éloignent de Comte, mais le nouveau culte s'épanouit particulièrement au Brésil. L'Église positiviste y est fondée en 1881 par Miguel Lemos et Raimundo Teixeira Mendes. Un grand temple est inauguré, rue Benjamin Constant à Rio de Janeiro en 1897, avec au fronton, la trinité comtienne: "L'amour pour principe, l'ordre pour base, le progrès pour fin". Un autre temple a été érigé à Porto Alegre dans les années 1920 et fonctionne toujours.

Comme le français est la langue sacrée de la nouvelle religion, les publications de l'Église positiviste du Brésil sont au moins bilingues. Paris jouant pour les positivistes le rôle de Rome pour les catholiques, l'Église positiviste du Brésil, possède la chapelle de la rue Payenne (1905).

Le spiritisme «naître, mourir, renaître, progresser, telle est la loi»

Au milieu du XIX^e siècle, les expériences de tables tournantes et de tentatives de communication avec les esprits par l'intermédiaire de médiums se multiplient, aux États-Unis et en Europe. En 1855, Hippolyte Rivail (1804-1869) s'initie à cette pratique et en tire une philosophie qu'il exprime dans plusieurs livres dont *Le livre des esprits* (1857). Il prend le nom d'Allan Kardec, convaincu qu'il est la réincarnation d'un druide. Des exilés français diffusent son œuvre dans les années 1860 au Brésil, où elle rencontre une vaste audience. Les manifestations d'esprits caboclos donnent naissance à l'umbanda. En 2022, plus de 3 millions de Brésiliens (1,8% de la population) étaient de religion spirite, alors que le nombre des adeptes en France est négligeable.

• • •

Langages

Les langues sont comme des livres d'histoire. Elles portent en elles toute sorte d'héritages de leur passé. Elles se défont des normes et des frontières, empruntent, s'approprient, articulent le local et l'ailleurs, font circuler les mots et les cultures. Le portugais et le français, n'échappent pas à cette règle et sont marqués par les contacts entre la France et le Brésil. La fréquentation des côtes brésiliennes au XVI^e siècle et la domination coloniale ont fait entrer dans la langue française des mots encore en usage aujourd'hui, qui viennent des langues autochtones d'Amérique du Sud. Les navigations portugaises sur toutes les mers du globe ont aussi enrichi le vocabulaire français de mots et de noms de fruits et d'objets devenus familiers.

L'intégration de très nombreux mots français au portugais du Brésil était aussi l'indice de l'asymétrie des relations culturelles entre le Brésil et la France jusqu'à la seconde moitié du XX^e siècle. Au XIX^e siècle et au début du XX^e siècle, le rayonnement culturel de la France atteint en effet son apogée. La France fournit le modèle des institutions académiques comme l'école et le musée des Beaux-Arts ou l'académie brésilienne des Lettres, fondée en 1897. Des Français, comme les frères Garnier, exercent à Rio de Janeiro le métier de libraire, qui consiste à éditer et à vendre des livres, et jouent un rôle crucial dans l'émergence du champ littéraire au Brésil. Les connexions avec la France permettent aux artistes brésiliens de s'intégrer dans les grands courants artistiques transnationaux comme le romantisme ou le modernisme et de produire des œuvres originales.

Les échanges prennent au fil des temps des formes plus diverses et de plus en plus équilibrées. La musique

brésilienne débarque en France après la Première Guerre mondiale, grâce au séjour du compositeur Darius Milhaud à Rio de Janeiro, dont plusieurs œuvres intègrent des airs populaires brésiliens, et aux Oito Batutas de Pixinguinha et Donga, qui viennent jouer à Paris leurs maxixes, choros et sambas en 1921. Comme le reste du monde, la France est emportée dans les années 1960 par la vague de la bossa nova. Tom Jobim a lui-même reconnu son goût pour les mélodies de Claude Debussy. Henri Salvador, originaire de Guyane, guitariste de l'orchestre "Ray Ventura et ses collègues" qui se produit au Casino de Urca entre 1942 et 1944 a été également un grand admirateur du répertoire brésilien et un passeur de celui-ci en France. *Dans mon île*, chanson composée et interprétée en 1957 par Henri Salvador (paroles de Maurice Pon) et chantée par Caetano Veloso, a tous les atouts d'une bossa nova.

Alors que les architectes et urbanistes français ont beaucoup travaillé dans les villes du Brésil jusqu'aux années 1930, Oscar Niemeyer est l'auteur de plusieurs bâtiments en France, dont le siège du Parti Communiste Français, inauguré en 1980 à Paris ou le "Volcan", un centre culturel, dans la ville du Havre en Normandie.

La presse française publiée au Brésil (XIX^e siècle et XX^e siècle)

La presse française publiée au Brésil a joué un rôle central dans le maintien des liens culturels, politiques et intellectuels entre le Brésil et la France au cours des XIX^e et XX^e siècles. Apparu en 1827 avec le périodique *L'Indépendant: feuille de commerce, politique et littéraire* (RJ, 1827), quelques années après l'indépendance et la libéralisation de la presse dans le pays, ce secteur s'est développé dans un contexte marqué par la présence d'étrangers et par la place centrale du français comme langue de culture et de médiation intellectuelle. Depuis ses origines, la presse francophone au Brésil a revêtu un caractère cosmopolite et transnational, s'adressant tant à la colonie française qu'aux autres lecteurs familiarisés avec la langue, y compris les Brésiliens, s'affirmant comme un espace de circulation d'idées, d'actualités et de références culturelles européennes.

On peut distinguer trois grandes phases dans l'histoire de cette presse. La première, entre 1827 et le milieu du XIX^e siècle, a été marquée par des périodiques de courte durée, généralement hebdomadaires, avec une forte présence de contenu politique et littéraire. La deuxième phase, considérée comme «l'âge d'or», s'étend de 1854 à l'après-Pre-mière Guerre mondiale, accompagnant la consolidation de la presse commerciale au Brésil. Au cours de cette période, des journaux tels que *Courier du Brésil* (RJ, 1854-1862) et *Le Messager de São Paulo* (SP, 1901-1924) peuvent

être considérés comme les jalons d'une phase de fort engagement politique, par la promotion du débat républicain et leur implication active dans les débats nationaux, notamment les discussions sur l'esclavage, l'immigration et la naturalisation des étrangers, qui ont dialogué avec le processus politique brésilien et révélé l'intégration croissante des Français dans la société locale.

La troisième phase, qui a débuté avec la *Revue Française du Brésil* (RJ, 1932-1939), a compris des publications plus isolées, souvent liées à des institutions officielles, telles que l'Alliance française, et a été profondément affectée par les restrictions imposées pendant l'*Estado Novo* (1937-1945), lorsque la presse en langue étrangère a été interdite. Tout au long de leur existence, ces périodiques ont rempli des fonctions qui ont dépassé le cadre informatif, agissant comme des organes d'utilité publique, des espaces de sociabilité et des instruments diplomatiques et culturels. Malgré des tirages généralement réduits, ils ont joué un rôle important en tant que médiateurs culturels – véritables passeurs culturels – contribuant à la circulation des savoirs, à la construction d'images réciproques entre le Brésil et la France et à l'insertion du pays dans les réseaux intellectuels transatlantiques.

Valéria dos Santos Guimarães

UNESP-FAPESP

Le *Ba-ta-clan*, polémiques illustrées

Environ 60 périodiques ont été publiés en français au Brésil au cours des XIX^e et XX^e siècles, la plupart à Rio de Janeiro. Selon Herman Lima, aucun d'entre eux n'était «aussi virulent dans ses critiques de l'opposition» que *Ba-ta-clan: chinoiserie franco-brésilienne* (RJ, 1867-71), hebdomadaire satirique et illustré de grand format, publié en éditions de quatre à huit pages, en plus de suppléments spéciaux. Son succès est attesté par son impact à l'époque et son vaste réseau de représentants dans le pays et à l'étranger, y compris sa distribution sur les transatlantiques.

Le *Ba-ta-clan* était surtout connu pour ses critiques théâtrales (notamment du Teatro Alcazar), ses caricatures remarquables d'acteurs et d'actrices de compagnies étrangères et de personnalités politiques, ses chroniques signées par des femmes (prétendument des actrices célèbres) et ses couvertures retentissantes de la guerre du Paraguay (1864-70) et de la guerre franco-prussienne (1870-71), lorsqu'il augmenta son tirage de 1 500 exemplaires, tout cela alimenté par la personnalité controversée de son éditeur et rédacteur en chef, Charles Berry. Sa plume bouleversa l'opinion publique formée par une élite lettrée éduquée en français et fit de lui une *persona non grata* dans plusieurs cercles. Pendant la guerre franco-prussienne, sa cible

principale était le comte Jules Constancio de Villeneuve, originaire de Rio de Janeiro et d'origine française, qui avait hérité du *Jornal do Commercio* (RJ, 1827-2016) de son père, Junius Pierre Villeneuve, lié par des liens familiaux à la noblesse prussienne et accusé par Berry de prendre le parti de l'Allemagne, en rendant la France responsable du déclenchement de la guerre, faisant écho à la presse anglaise.

Les études ne mentionnent pas le fait que la publication ait été interrompue pendant huit mois, entre décembre et juillet 1871, lorsque Berry a publié le *Courrier de Rio de Janeiro* (disparu), suscitant également la controverse en critiquant l'empereur, et étant considéré comme un «fauteur de troubles».⁵

En faillite et mal vu, Berry ouvre une deuxième période du *Ba-ta-clan* avec de nouveaux rédacteurs tels que Joseph Pitanchard et Amable Blaguinski, peut-être ses pseudonymes. L'impact de cet hebdomadaire sur la presse brésilienne contemporaine fut considérable. Il se présentait comme le porte-parole officiel de la France au Brésil et sa position mettait en avant non seulement les conflits européens, mais aussi ceux qui se déroulaient sur le sol brésilien.

Il était un défenseur obstiné de la latinité, thème déjà présent dans les pages de *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud* (RJ, 1859-60) une dizaine d'années auparavant: «le Brésil a hérité des nations de race latine certaines tendances qui sont en complète opposition avec les instincts et le génie de la race saxonne», avait-il écrit.⁶

Le concept de latinité était lié à l'impérialisme et au racisme, considérant les peuples américains comme inférieurs, ainsi qu'à l'aspect religieux qui opposait les Latins du Sud, majoritairement catholiques (Portugal, Espagne, Italie et France), aux protestants du Nord (pays teutoniques et anglo-saxons). Cette double opposition allait façonner la géopolitique européenne et avoir des répercussions sur les Amériques.

Richement illustré, *Ba-ta-clan* se démarquait de la presse francophone brésilienne par sa qualité technique. Alfred Michon se distinguait par ses caricatures, caractérisées par la macrocéphalie et accompagnées de légendes malicieuses. Ses couvertures étaient des lithographies de grande qualité, colorées à la main, et la dernière page comportait des dessins à la plume «qui n'avaient rien à envier aux meilleurs (...) du *Petit Journal pour Rire*». Parmi les autres grands noms du burin présents dans *Ba-ta-clan* figuraient Corcovado, Termosiris II et Joseph Mill, qui illustra son autoportrait aux côtés de Berry dans le numéro inaugural du 1^{er} juin 1867: «Le crayon et la plume de BA-TA-CLAN présentent leur enfant aux dames de

5. Diário de Notícias, Rio de Janeiro, 13 avril 1871.

6. *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud*, Rio de Janeiro, 21 octobre 1860.

Rio de Janeiro et leur demandent de le prendre sous leur protection», avec l'ironie habituelle qui donnera le ton au seul journal français publié au Brésil dont l'identité était liée à la caricature, un pionnier incontestable dans la constitution de la culture visuelle de la presse périodique brésilienne.

Valéria dos Santos Guimarães

UNESP-FAPESP

Carolina Maria de Jesus et Françoise Ega

À partir des 1940, le développement des magazines faisant une grande place au photojournalisme, comme *O Cruzeiro* au Brésil ou *Paris-Match* en France contribue à démocratiser la circulation des informations. C'est en lisant en 1962 un reportage de *Paris-Match* consacré à Carolina Maria de Jesus que Françoise Ega, une femme de ménage qui a migré à Marseille depuis sa Martinique natale, découvre sa vocation littéraire. Elle se met à tenir un journal qui est une conversation imaginaire avec Carolina Maria de Jesus et sera publié après sa mort. Françoise Ega est l'autrice de plusieurs ouvrages et une figure importante de la défense des droits sociaux et de la lutte des Antillais, particulièrement des femmes, contre l'exploitation et la discrimination raciale.

Citations Françoise Ega (1920-1976),

Lettres à une noire: Récit antillais, Montréal, Lux édition, 2021 (©Françoise Ega 1976).

Mai 1962

“Mais oui, Carolina, les misères des pauvres du monde entier se ressemblent comme des sœurs; on te lit par curiosité, moi, je ne te lirai jamais; tout ce que tu as écrit, je le sais, et c'est si vrai que les gens les plus indifférents font un boum de tes mots” (p.25)

4 septembre 1963

“J'ai ouvert la porte d'une main et de l'autre, je tenais solidement une pomme de terre. Il a paru étonné quand je lui ai dit que la femme de lettres qui lui écrivait était bien moi, mais cela n'a pas duré. Je lui ai dit que je n'avais pas un sou à engager dans une histoire littéraire peut-être sans issue.

Alors, il m'a demandé ce que je faisais en ce moment. J'ai dit:

– “Euh ! Euh ! J'écris à Carolina !

– Qui est-ce, Carolina?” a-t-il dit.

Ma vieille, depuis le temps que je trace des lignes, j'arrive à oublier le nom de ton bled, mais j'ai répondu:

– “Une Sud-américaine ! Vous savez ! Vous voulez voir quelques feuillets ?” (p.249)

Carolina Maria de Jesus et Françoise Ega: conversation littéraire sur la condition noire et la pauvreté

En 1962, la publication dans *Paris Match* d'un reportage consacré à l'écrivaine brésilienne Carolina Maria de Jesus agit comme un événement fondateur dans le parcours littéraire de la Martiniquaise Françoise Ega. L'article, qui se déploie sur plusieurs pages, associait des extraits traduits de l'ouvrage *Quarto de despejo* [*Le Dépotoir*] à une série de photographies soigneusement composées, montrant l'autrice brésilienne tantôt dans sa cabane précaire de la favela, tantôt entourée de ses enfants, au bord de la mer ou encore lors de séances de dédicaces. Ce dispositif visuel et textuel construisait une figure ambivalente : Carolina Maria de Jesus y apparaissait à la fois comme une curiosité venue d'un ailleurs lointain et comme l'incarnation spectaculaire de la misère urbaine. L'accent était mis sur la pauvreté matérielle, la faim et la survie quotidienne, tandis que l'écriture elle-même restait largement secondaire, à peine commentée.

C'est à travers cette médiation que Françoise Ega, résidant à Marseille, découvre l'existence de Carolina Maria de Jesus. La lecture de l'article suscite chez elle une identification immédiate: au-delà de l'exotisation médiatique, Ega perçoit dans cette trajectoire la possibilité d'une parole littéraire issue des classes populaires, portée par une femme noire confrontée à la précarité et au racisme. Cette réception est à la fois affective et politique. Elle ne repose pas sur une connaissance approfondie de l'œuvre de Carolina Maria de Jesus, mais sur l'image fragmentaire que *Paris Match* en donne, image suffisante toutefois pour déclencher un geste d'écriture.

La relation qui se construit entre les deux autrices est ainsi fondamentalement unilatérale : Françoise Ega entreprend l'écriture de *Lettres à une Noire* sous la forme d'une correspondance adressée à Carolina Maria de Jesus, sans espoir réel de réponse. Ces lettres ne visent pas l'échange, mais la constitution d'un espace de dialogue imaginaire. L'adresse à l'autre permet à la narratrice de penser la condition de femme noire, migrante et travailleuse domestique et, ainsi, de se faire voix de ses sœurs antillaises en France. De Jesus devient à la fois interlocutrice silencieuse, figure de projection et point d'appui pour une réflexion sur l'écriture comme geste de survie et de dignité.

Cette relation est également marquée par une profonde inégalité de reconnaissance. Tandis que Carolina Maria de Jesus connaît au Brésil une notoriété rapide, rendue possible par l'intervention du journaliste Audálio Dantas et par la large diffusion de *Quarto de despejo*, Françoise Ega demeure en marge du champ littéraire français. L'absence de rencontre entre les deux femmes et l'impossibilité pour Ega d'accéder directement aux écrits de de Jesus confèrent à cette relation une dimension dramatique. Elle se fonde sur

un écart irréductible articulé à une proximité esthétique et politique, où l'écriture devient le lieu d'un dialogue sans retour, capable néanmoins de transmettre une expérience partagée d'oppression et de résistance.

Vinicius Carneiro (UNIVERSITÉ DE LILLE)
et Mathilde Moaty (UNIVERSITÉ PARIS-NANTERRE)

Un regard brésilien à Paris, Alécio de Andrade

Alécio de Andrade (1938-2003) est l'auteur de plusieurs des photographies présentées dans plusieurs sections de ce catalogue. Ce Carioca montre d'abord des talents pour la poésie – il reçoit en 1961 un second prix de poésie des mains de Vinicius de Moraes et de Cecilia Meireles –, puis se tourne vers la photographie. Après sa première exposition, "Itinerário da Infância", il bénéficie d'une bourse pour étudier à l'Institut des Hautes Études Cinématographiques (IDHEC) à Paris et s'installe dans la capitale française comme photographe freelance avant de rejoindre en 1970 l'agence Magnum. Parmi ses multiples œuvres, signalons sa série immortalisant les visiteurs anonymes du musée du Louvre⁷ et les innombrables portraits qu'il a laissés de ses amis ou compatriotes du Brésil qui passèrent par Paris, ou y demeurèrent, contraints et forcés par la dictature militaire. Dans une chronique du *Jornal do Brasil* de 1981, le poète Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) rend compte de *Paris ou la vocation de l'image*, qui rassemble des photographies d'Alécio de Andrade et un essai de l'écrivain argentin Julio Cortazar. Tout heureux d'être guidé à travers les petites et grandes choses du spectacle des rues par le regard de son ami Alécio, Drummond invente le verbe "parisiar" qu'il utilise à la première personne du pluriel: "Nous parisâmes" (*parisamos*), écrit-il, encore rêveur de sa flânerie imaginaire.

Les relations Brésil-France au prisme de la danse (1825-2025)

Entre la France et le Brésil, la danse élève des ponts depuis plus de deux siècles. À la suite d'Auguste Toussaint, quittant l'Opéra de Paris pour le Théâtre Royal São João à Rio de Janeiro en 1815, les compagnies de ballet franco-italiennes tournent dans le Brésil colonial puis impérial, favorisant la diffusion de vocabulaires, d'imaginaires et d'œuvres chorégraphiques. Alors qu'à Paris en 1835, Filippo Taglioni présente *Brézia ou la tribu des femmes*, ballet nourri de fantasmes exotisants, à Rio de Janeiro en 1849, le couple Ana Trabattoni et Eugène Finart danse *Giselle* de Jules Perrot et Jean Coralli, créé à Paris en 1841.

Sur l'axe des capitales française et brésilienne, les circulations dansantes s'intensifient et se diversifient au cours du premier XX^e siècle. En 1934, Serge Lifar, alors maître de ballet de l'Opéra de Paris, est invité à monter une saison de danse au Théâtre municipal de Rio de Janeiro. Avec quelques solistes locaux, il crée le ballet *Jurupary* sur la musique de Villa-Lobos, présenté en retour à la Salle Pleyel en 1936. D'autres artistes s'installent durablement au Brésil, comme la danseuse, chorégraphe et maîtresse de ballet Tatiana Leskova (1922). Née à Paris de parents russes et établie à Rio de Janeiro depuis 1944, elle s'érige en figure d'autorité et de prestige sur le ballet au Brésil et en intermédiaire incontournable dans les échanges chorégraphiques avec la France. De même, les danses populaires et folkloriques du Brésil conquièrent la haute société parisienne dès les années folles. La maxixe fait fureur en 1913 avec le professeur bahianais «Duque», tandis que la carioca Eros Volusia fait sensation avec "la samba" en 1948.

Dans l'après-guerre, la danse devient un instrument des relations diplomatiques franco-brésiliennes. En 1950, le Ballet de l'Opéra de Paris se produit à Rio de Janeiro, São Paulo et Brasília lors d'une tournée transatlantique visant à redorer le blason culturel de la France à l'étranger. Son retour en 1974, alors que le Brésil vit des heures sombres de sa dictature, est le fruit de la collaboration de mécènes privés et d'institutions publiques brésiliennes avec l'ambassade et le Ministère des affaires étrangères français. Inversement, des compagnies brésiliennes sont envoyées en mission artistique à Paris. Le Ballet Stagium est ainsi sélectionné par l'ambassade du Brésil pour le Festival international de la danse en 1975, et le Ballet Brasileiro da Bahia est invité à la Maison de l'Unesco en 1979. Si ces troupes portent le nom de «ballets», elles se distinguent par leur recherche d'une danse «brésilienne», assimilant et reconfigurant les canons européens au prisme de tendances vernaculaires.

À la fin du XX^e siècle, les circuits chorégraphiques franco-brésiliens s'ouvrent progressivement à la danse contemporaine. À la Biennale de la danse de Lyon, le succès du Grupo Corpo de Belo Horizonte en 1994 inspire au directeur du festival Guy Darmet une édition baptisée *Aquarela do Brasil* (1996) et inaugurée par un carnaval – tradition perpétuée jusqu'en 2025. À l'occasion du bicentenaire de leurs relations bilatérales, la saison France-Brésil réaffirme ces liens denses et historiques. De la Biennale internationale de la danse du Ceará au programme «Chaillot Expérience» du Théâtre national de la Danse à Paris, en passant par les échanges institutionnels et pédagogiques, la France et le Brésil s'accordent toujours de nouvelles danses.

Callysta Croizer,

PARIS 8-VINCENNES-SAINT-DENIS

7. *Le Louvre et ses visiteurs/O Louvre e seus visitantes/The Louvre and its Visitors*, Paris-New York, Le Passage/Instituto Moreira Salles, 2009.

Science et technologie

Jusqu'à l'arrivée de la Cour portugaise à Rio de Janeiro en 1808, les étrangers n'avaient pas le droit d'entrer au Brésil. Tout change à partir de cette date. La flore, la faune, les mœurs de ce pays intéressent au plus haut point les savants européens de toute nationalité. Ces derniers entreprennent des expéditions et des voyages scientifiques à travers le pays qui durent plusieurs mois, voire plusieurs années, et sont encouragés en cela par les autorités brésiliennes, désireuses d'accumuler des savoirs et de développer leurs propres institutions. Le botaniste Auguste de Saint-Hilaire passe six années au Brésil entre 1816 et 1822 et rapporte des milliers de spécimens qui enrichissent les collections du Museum d'histoire naturelle de Paris. L'œuvre de Saint-Hilaire lui vaut d'avoir son buste au Jardim Botânico à Rio de Janeiro. La plupart des expéditions comptent des peintres et des dessinateurs dans leurs rangs, afin d'en rendre compte visuellement. Ainsi Adrien Taunay et Hercule Florence (1804-1879) participent-ils à l'expédition au Mato Grosso et au Pará (1825-1829) du consul de Russie, Georg Heinrich von Langsdorff. Adrien Taunay se noya dans la rivière Guaporé; Hercule Florence, définitivement établi au Brésil y met au point plusieurs procédés novateurs concernant la photographie et l'impression.

Le gouvernement impérial fait volontiers appel à des Européens pour collaborer au développement de ses institutions scientifiques. Le minéralogiste français Claude-Henri Gorceix fonde ainsi en 1875 l'école des mines de Ouro Preto dans le Minas Gerais. À la même époque, le médecin Louis Couty étudie les propriétés du curare et de diverses plantes au Museu Nacional.

Ingénieurs et scientifiques français deviennent des gloires internationales. Louis Pasteur, célèbre savant, à qui l'on doit, entre autres, la «pasteurisation» et le vaccin contre la rage, est l'un des rares français auquel des rues rendent hommage dans plusieurs villes du Brésil, bien qu'il n'y soit jamais allé.

Les visites et les échanges se multiplient au XX^e siècle. En 1926, la franco-polonaise Marie Curie, accompagnée de sa fille Irène, vient à Rio pour des conférences. Elle est la première femme à enseigner à la Sorbonne, la première femme à diriger un laboratoire, la première femme à obtenir un prix Nobel. Elle reçoit en effet le prix Nobel de physique en 1903 avec son mari Pierre Curie et Henri Becquerel. En 1911, le prix Nobel de chimie lui est également décerné. Quant à sa fille Irène, elle recevra à son tour, avec son mari Frédéric Joliot, le prix Nobel de chimie en 1935.

Échanges universitaires

Au début du XX^e siècle, des universitaires, avec, comme fer de lance, le professeur de psychologie Georges Dumas, veulent développer l'influence de la science et de la culture française en Amérique latine et principalement au Brésil. En 1908 est fondé à cette fin le Groupement des universités et Grandes École de France pour l'Amérique latine qui organise des échanges et des cours. C'est ainsi qu'en 1911, le diplomate et historien Manuel de Oliveira Lima donne une série de cours d'histoire brésilienne dans les bâtiments de l'université de Paris, à la Sorbonne. Son cours est publié sous le titre *Formation historique de la nationalité brésilienne*. Sur cette lancée, en 1922, est fondé conjointement à Paris et à Rio de Janeiro l'Institut franco-brésilien de haute culture qui promeut les échanges scientifiques entre les deux pays.

Quand les premières universités — c'est-à-dire des établissements qui réunissent l'ensemble des disciplines dans des facultés et associent la recherche et l'enseignement — sont créées au Brésil en 1934 et 1935, Georges Dumas recrute des professeurs pour l'Université de São Paulo (USP) et pour l'université du District Fédéral (UDF). C'est ainsi que les historiens Fernand Braudel et Henri Hauser, le sociologue Roger Bastide, les géographes Pierre Monbeig et Pierre Deffontaines, le philosophe de formation Claude Lévi-Strauss, pour n'en citer que quelques-uns, exercent pendant plusieurs années dans ces jeunes institutions.

Après 1945, de plus en plus de chercheurs brésiliens prennent le chemin de la France pour des séjours plus ou moins longs ou plus ou moins forcés. Le coup d'État civil et militaire de 1964 chasse du Brésil de remarquables scientifiques comme le spécialiste de la malaria Luiz Hildebrando Pereira da Silva (1928-2014), qui travailla au CNRS et à l'Institut Pasteur ou l'archéologue Niède Guidon (1933-2025), qui dut se réfugier en France et en revint avec une mission archéologique franco-brésilienne. Un photographe français, Pierre Verger (1902-1996) s'enthousiasme pour Salvador de Bahia et consacre sa vie et ses études à la traite négrière et à ses effets culturels, principalement les cultes religieux, en Afrique et au Brésil.

Depuis 1979, le Comité Français d'Évaluation de la Coopération Universitaire et Scientifique avec le Brésil (COFECUB), la CAPES et le CNPq œuvrent pour favoriser des projets de recherche communs et rapprocher des équipes des deux pays grâce à des mobilités. Le programme Guatá («marcher ensemble» en tupi-guarani) est une initiative de l'ambassade de France au Brésil. Il permet à doctorants autochtones brésiliens de passer entre un et deux semestres dans des établissements de l'enseignement supérieur français. Après une expérience pionnière

à l'université Paris 8, le programme se consolide et s'étoffe chaque année, en incluant de nouveaux partenaires.

Santos-Dumont, trait d'union franco-brésilien

Le nom d'Alberto Santos-Dumont (1873-1932) est en soi un symbole des relations franco-brésiennes. Petit-fils d'un immigrant français et fils d'un ingénieur et caféiculteur, Alberto Santos-Dumont passe sa vie entre le Brésil et la France, où il accomplit la majeure partie de ses exploits comme pionnier de l'aviation. Vers 1900, la région parisienne est, en effet, un lieu dynamique pour les innovations que sont alors l'automobile et l'aéronautique. Santos-Dumont s'intéresse d'abord aux "plus légers que l'air" - les ballons qui sont très difficiles à diriger, puis aux "plus lourds que l'air". En 1901, il remporte le Prix Deutsch de la Meurthe, en parvenant à contourner la Tour Eiffel avec son dirigeable n°6 en décollant de l'aérodrome de France à Saint-Cloud et en y revenant en moins de 30 minutes. En 1902, un autre aéronaute brésilien, Augusto Severo, a moins de chance et s'écrase fatalement à Paris, où une rue porte son nom. En 1906, à bord de son avion le *14 bis*, Santos-Dumont réussit un bond de 220 mètres. Après ce vol, bref mais très applaudi, il continue les expérimentations et met au point un appareil léger, "La libellule", plus célèbre comme la "Demoiselle". Santos-Dumont est la "coqueluche" du Tout-Paris et reçoit toute sorte d'hommages.

En 1904, à sa demande, l'horloger Cartier met au point une montre-bracelet, plus commode qu'une montre de gousset (que les hommes portaient dans une poche de leur gilet) à utiliser en vol, mais qui était jusqu'alors un attribut féminin. En mettant à son poignet une montre-bracelet, Santos-Dumont lance une mode masculine durable. Et c'est logiquement qu'un hydravion "Santos-Dumont" assure la ligne de la Compagnie Air France, fondée en 1933 entre la France et l'Amérique du Sud.

Liaisons France-Brésil

À la fin des années 1920, la compagnie générale de l'Aéropostale (1927-1931), communément appelée l'Aéropostale, met en place des lignes aériennes à partir de Toulouse (Sud-Ouest de la France) pour acheminer le courrier le courrier vers l'Afrique et en Amérique du Sud en multipliant les escales. Depuis Natal, dans le Rio Grande do Norte, les hydravions descendent en sauts de puce jusqu'à Rio de Janeiro et continuent leur route vers l'Uruguay et l'Argentine. Les instruments de navigation sont précaires et les vols sont très risqués. L'un des pilotes de la compagnie est l'écrivain Antoine de Saint-Exupéry, l'auteur du *Petit Prince*, dont l'œuvre littéraire a pour toile de fond cette expérience unique. Après la faillite de la compagnie, le service est repris par Air France. Les voyageurs continuent cependant à traverser l'Atlantique sur des paquebots jusque dans les années 1960.

• • •

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

F815

França-Brasil: 200 anos de relações políticas e poéticas /
[organização Armelle Enders, Giselle Martins Venancio] –
Rio de Janeiro : Fundação Biblioteca Nacional, 2026.
128 p. : il. color. ; 21 x 27 cm.

Inclui bibliografia.
ISBN 978-65-995686-1-9

1. Brasil – Relações – França – Exposições. 2. França –
Relações – Brasil – Exposições. I. Enders, Armelle . II. Venancio,
Giselle Martins . III. Biblioteca Nacional (Brasil).

CDD- 32781044

Ficha Catalográfica elaborada pela equipe da Coordenação de Serviços Bibliográficos, do Centro de Processamento e Preservação da Fundação Biblioteca Nacional, Bibliotecários Adriana Cervelli CRB7 nº 5359, Patricia Xavier CRB7 nº 6697 e Sérgio Apelian Valerio CRB7 nº 3222

PRESIDENTE DA REPÚBLICA | PRÉSIDENT DE LA RÉPUBLIQUE
Luiz Inácio Lula da Silva

MINISTRA DA CULTURA | MINISTRE DE LA CULTURE
Margareth Menezes

TEMPORADA FRANÇA-BRASIL 2025
SAISON FRANCE-BRÉSIL 2025

COMISSÁRIA GERAL | COMMISSAIRE GÉNÉRALE
Anne Louyot

PRESIDENTE DO INSTITUT FRANÇAIS
PRÉSIDENT DE L'INSTITUT FRANÇAIS
Eva Nguyen Binh

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL
FONDATION BIBLIOTHÈQUE NATIONALE

PRESIDENTE | PRÉSIDENT
Marco Lucchesi

DIRETORA EXECUTIVA | DIRECTRICE EXÉCUTIVE
Suely Dias

CENTRO DE COLEÇÕES E SERVIÇOS AOS LEITORES
CENTRE DES COLLECTIONS ET DES SERVICES AUX LECTEURS
Maria José da Silva Fernandes

CENTRO DE PROCESSAMENTO E PRESERVAÇÃO
CENTRE DE TRAITEMENT ET DE PRÉSERVATION
Gabriela Ayres F. Terrada

CENTRO DE COOPERAÇÃO E DIFUSÃO
CENTRE DE COOPÉRATION ET DE DIFFUSION
Verônica Lessa

COORDENAÇÃO GERAL DE PESQUISA E EDITORAÇÃO
COORDINATION GÉNÉRALE DE LA RECHERCHE ET DE L'ÉDITION
Naira Silveira

COORDENAÇÃO GERAL DE PLANEJAMENTO E ADMINISTRAÇÃO | COORDINATION GÉNÉRALE DE LA PLANIFICATION ET DE L'ADMINISTRATION
Tânia Pacheco

EMBAIXADA DA FRANÇA NO BRASIL
AMBASSADE DE FRANCE AU BRÉSIL

EMBAIXADOR DA FRANÇA NO BRASIL
AMBASSADEUR DE FRANCE AU BRÉSIL
Emmanuel Lenain

CONSUL GERAL DA FRANÇA NO RIO DE JANEIRO
CONSUL GÉNÉRAL DE FRANCE À RIO DE JANEIRO
Eric Talon

CONSELHEIRO DE COOPERAÇÃO E AÇÃO CULTURAL
CONSEILLER DE COOPÉRATION ET D'ACTION CULTURELLE
François Legué

ADIDA DE COOPERAÇÃO E AÇÃO CULTURAL NO RIO DE JANEIRO | ATTACHÉE DE COOPÉRATION ET D'ACTION CULTURELLE À RIO DE JANEIRO
Caroline Vabret

ADIDA CULTURAL NO RIO DE JANEIRO
ATTACHÉE CULTURELLE À RIO DE JANEIRO
Iona Zalcberg

COORDENAÇÃO DA EXPOSIÇÃO PARA A EMBAIXADA – ADIDA DO LIVRO, DEBATE DE IDEIAS E MÚSICA
COORDINATION DE L'EXPOSITION POUR L'AMBASSADE – ATTACHÉE DU LIVRE, DU DÉBAT D'IDÉES ET DE LA MUSIQUE
Marion Loire

EXPOSIÇÃO | EXPOSITION

CURADORIA | COMMISSARIAT

Armelle Enders | Université Paris 8 – Vincennes-Saint-Denis
Laboratoire de l'Institut Français de Géopolitique

Giselle Martins Venancio | Instituto de História – Universidade Federal Fluminense | *Institut d'Histoire – Université Fédérale Fluminense*

Mônica Carneiro Alves | Fundação Biblioteca Nacional | *Fondation Bibliothèque Nationale*

ACERVOS | COLLECTIONS

COORDENAÇÃO DE ACERVO ESPECIAL
COORDINATION DES COLLECTIONS SPÉCIALES
Mônica Carneiro Alves

DIVISÃO DE CARTOGRAFIA | DIVISION DE CARTOGRAPHIE
Maria Dulce de Faria

DIVISÃO DE ICONOGRAFIA | DIVISION D'ICONOGRAPHIE
Diana dos Santos Ramos

DIVISÃO DE MANUSCRITOS | DIVISION DES MANUSCRITS
Frederico de Oliveira Ragazzi

DIVISÃO DE MÚSICA E ARQUIVO SONORO
DIVISION DE LA MUSIQUE ET DES ARCHIVES SONORES
Joelma de Freitas Almeida

DIVISÃO DE OBRAS RARAS | DIVISION DES OUVRAGES RARES
Valéria Alves de Freitas Werneck

COORDENAÇÃO DE PUBLICAÇÕES SERIADAS
COORDINATION DES PUBLICATIONS EN SÉRIE
Alex da Silveira

COORDENAÇÃO DE ACERVO GERAL
COORDINATION DES COLLECTIONS GÉNÉRALES
Dayse do Nascimento P. F. da Conceição

PREPARAÇÃO DO ACERVO | PRÉPARATION DES COLLECTIONS

COORDENAÇÃO DE PRESERVAÇÃO
COORDINATION DE LA PRÉSERVATION
Rebeca Rodrigues

SEÇÃO DE CONSERVAÇÃO | SECTION DE CONSERVATION
Munik Dumas

SEÇÃO DE RESTAURAÇÃO | SECTION DE RESTAURATION

Gilvânia Lima

PRODUÇÃO | PRODUCTION

COORDENAÇÃO DE PROMOÇÃO E DIFUSÃO CULTURAL

COORDINATION DE LA PROMOTION ET DE LA DIFFUSION

CULTURELLE

Rodrigo Giolito

EQUIPE | ÉQUIPE

Alberto Teixeira, Flávia Machado, Isabel Neves, Otávio Fontes,
Paulo Jorge Silva, Raiane Cruz, Raquel Brandão e Renato Moulin

DIVISÃO DE MANUTENÇÃO ADMINISTRATIVA

DIVISION DE LA MAINTENANCE ADMINISTRATIVE

Antônio Valter Tavares

EXPOSIÇÃO VIRTUAL | EXPOSITION VIRTUELLE

COORDENAÇÃO DA BNDIGITAL

COORDINATION DE LA BNDIGITAL

Otávio Oliveira

LABORATÓRIO DE DIGITALIZAÇÃO

LABORATOIRE DE NUMÉRISATION

Danielle Peçanha

SETOR DE GESTÃO DA INFORMAÇÃO

SERVICE DE GESTION DE L'INFORMATION

Angela Matos

SETOR DE GESTÃO DE PROGRAMAS E INOVAÇÃO

SERVICE DE GESTION DES PROGRAMMES ET DE L'INNOVATION

Daniele Cabral

EQUIPE BNDIGITAL | ÉQUIPE BNDIGITAL

Ana Sanches, Rodrigo Basile e Wilian Correia

PROJETO EXPOGRÁFICO E COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

PROJET SCÉNOGRAPHIQUE ET COORDINATION DE PRODUCTION

Marcela Perroni | Ventura Design

ASSISTENTE DE PRODUÇÃO | ASSISTANTE DE PRODUCTION

Raquel Ferraz

CENOTÉCNICA | RÉGIE TECHNIQUE

Buritís

SONORIZAÇÃO & PROJEÇÃO | SONORISATION ET PROJECTION

Embrassom

ILUMINAÇÃO | ÉCLAIRAGE

Rogério Emerson | Art & Luz

PROJETO EDUCATIVO | PROJET ÉDUCATIF

Letícia Haller

AUDIODESCRIÇÃO E LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

AUDIODESCRIPTION ET LANGUE DES SIGNES BRÉSILIENNE

(LIBRAS)

Matheus Chaves

MÍDIAS DIGITAIS | MÉDIAS NUMÉRIQUES

Elcio Hagge

MOLDURAS | ENCADREMENTS

Metara

TRATAMENTO DE IMAGENS | TRAITEMENT D'IMAGES

Edição da Imagem

PLAYLIST

Deezer Brasil

TIPOGRAFIA | TYPOGRAPHIE

Strasbourg Capitale Mondiale du livre

AGRADECIMENTOS | REMERCIEMENTS

Capes-Cofecub

François-Michel Le Tourneau

Gilles Pécout

Jean-François Roseau

Leonardo Petersen

Marie de Laubier

Maud Lageiste

Patricia Newcomer

Service de Création Audiovisuelle

Université Paris 8

Valeria Fayad

CATÁLOGO | CATALOGUE

COORDENAÇÃO EDITORIAL | COORDINATION ÉDITORIALE

Armelle Enders

Giselle Martins Venancio

Marcela Perroni

TEXTOS | ONT PARTICIPÉ À CE VOLUME

Ana Lúcia Araujo (Howard University)

Armelle Enders (Université Paris 8-Vincennes-Saint-Denis)

Callysta Croizer (Université Paris 8-Vincennes-Saint-Denis)

Denise Rollemberg (Universidade Federal Fluminense)

François-Michel Le Tourneau (CNRS)

Giselle Martins Venancio (Universidade Federal Fluminense)

Hélène Blais (École Normale Supérieure - Institut Universitaire
de France)

Mathilde Moaty (Université Paris-Nanterre)

Valéria dos Santos Guimarães (Unesp)

Vinícius Carneiro (Université de Lille)

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

CONCEPTION GRAPHIQUE ET MISE EN PAGE

Marcela Perroni | Ventura Design

FOTOGRAFIAS EXPOSIÇÃO | PHOTOGRAPHIES DE L'EXPOSITION

Rafael Salim

TRATAMENTO DE IMAGENS | TRAITEMENT D'IMAGES

Edição da Imagem

VERSÃO EM FRANCÊS | VERSION FRANÇAISE

Antonio Peyri

IMPRESSÃO E ACABAMENTO | IMPRESSION ET FINITIONS

Leograf



Este catálogo foi editado no
Rio de Janeiro em março de 2026.

Foram usados os tipos Azimut – criação tipográfica
original de Benjamin Blaess, Julien Priez e Mathieu Réguer
para Estrasburgo Capital Mundial do Livro –,
atém dos tipos Didot, Museo e Poppins.
Miolo impresso em papel Couché 170 g/m²
por Leograf Gráfica & Editora Ltda.

• • •

Ce catalogue a été publié
à Rio de Janeiro en mars 2026.

Il utilise les caractères Azimut – une création typographique
originale de Benjamin Blaess, Julien Priez et Mathieu Réguer
pour Strasbourg Capitale Mondiale du Livre –
ainsi que les caractères Didot, Museo et Poppins.
L'intérieur est imprimé sur papier couché 170 g/m²
par Leograf Gráfica & Editora Ltda.





Organização



MINISTÉRIO DAS
RELAÇÕES
EXTERIORES

MINISTÉRIO DA
CULTURA



Apoio



Patrocínio



Cultura

Realização



BIBLIOTECA NACIONAL

MINISTÉRIO DA
CULTURA

